

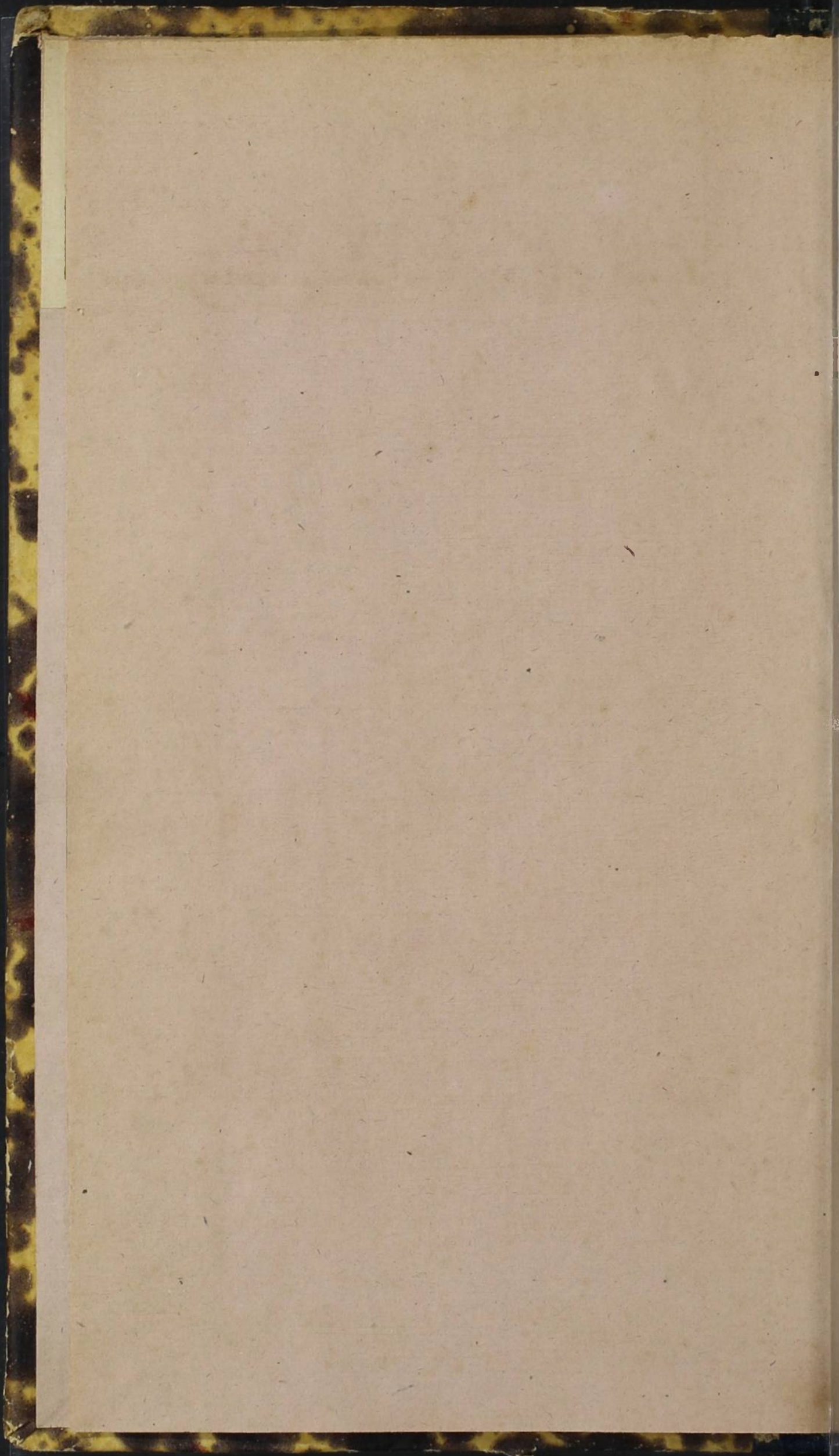
A. L. GARRAUX

Livraria e Papelaria

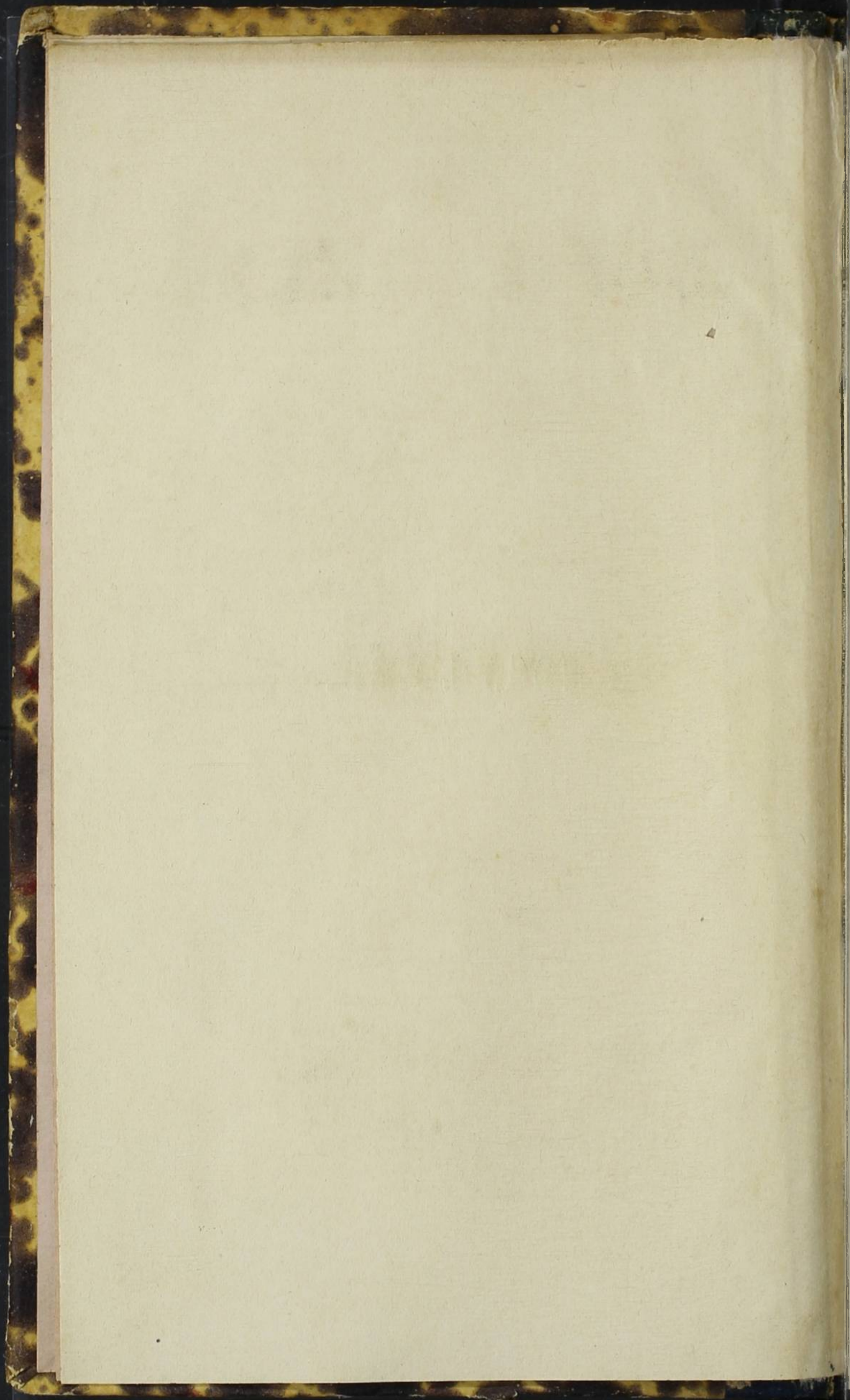
S. PAULO.

51

W. L. GARRARD
LITHOGRAPHER
225 BROADWAY
NEW YORK



O MOÇO LOIRO.



C16 2v
345

○

MOÇO LOIRO

POR

Joaquim Manoel de Macedo

DOUTOR EM MEDICINA.

E enfim n'estes cançados pensamentos
Passo esta vida van que sempre dura.

CAMÕES.

TOMO I.

TERCEIRA EDIÇÃO.



RIO DE JANEIRO.

Em casa de Domingos José Gomes Brandão, rua da
Quitanda n. 70,
Brandão & Irmão, mesma rua n. 124.

1862.

Typ. de C. A. de Mello, rua do Espirito Santo n. 29.

ÁS SENHORAS BRASILEIRAS.

CE LIVRE
TREMBLE ET PALPITE ABRITÉ SOUS VOS PIEDS.
V. HUGO.

Senhoras!

Para que nascesse o Moço Loiro influirão fortemente em mim dous sentimentos nobres e profundos.

No empenho de escrever — a gratidão.

Na concepção e desenvolvimento do romance — a esperança.

Um anno ha decorrido, desde que um joven desconhecido, sem habilitações, com fracos e limitadissimos recursos intellectuaes, mas rico de vontade e de bons desejos; temeroso e quasi á força offereceu á generosidade do publico do Rio de Janeiro um pobre fructo de sua imaginação — a Moreninha — que elle amava, como filha de sua alma. Esse joven, senhoras, — fui eu.

Fui eu, que, com meus olhos de pai, a seguí em sua perigosa vida, temendo vê-la cair a cada instante no abysmo do esquecimento... fui eu que (talvez ainda com vaidade de pai) cheguei a crer, que o público a não engeitava; e, sobre tudo, que minha querida filha tinha achado corações angelicos que, d'ella se apiedando, com o talisman sagrado de sua sympathia a levantárão mesmo muito acima, do que ella merecer podia. E esses corações, senhoras, — forão os vossos.

Oh! mas é preciso ser auctor; ao menos pequenino auctor, como eu sou, para se comprehender com que immenso prazer, com que orgulho eu sonhava vossos bellos olhos pretos brasileiros derramando os brilhantes raios de suas vistas sobre as paginas do meu livro! vossos labios côr de rosa docemente sorrindo-se ás travessuras da Moreninha!

E desde então eu senti, que devia um eterno voto de agradecimento a esse publico, que não engeitára minha cara menina; e que a mais justa dedicação me prendia aos pés dos candidos seres, que havião tido compaixão de minha filha.

E, pobre como sou, convenci-me para logo, que não daria nunca um penhor dos sentimentos, que em mim fervem, se o não fosse buscar no fundo d'alma, colhendo minhas idéas, e d'ellas organisando um pensamento.

E, acreditando, que me não devia envergonhar da offerta, porque dava, o que dar podia; e porque, assim como o perfume é a expressão da flôr, o pensamento é o perfume do espirito; eu quiz escrever.....

No empenho de escrever, pois, influio em mim — a gratidão.

Ora, o pensamento que d'essas idéas pretendia organisar era — um romance —; mas, fraco e desalentado, o

que poderia exercer em mim influencia tão benigna e forte, que, mercê d'ella, conseguisse eu conceber (mesmo deforme como é) o Moço Loiro, e chegasse a terminal-o? o que?... — a esperança.

Porque a esperança — é um alimento — sim! o mais doce alimento do espirito!

E tudo quanto eu esperei, espero ainda.

Espero que minhas encantadoras patricias vejam no — Moço Loiro — um simples e ingenuo tributo de gratidão a ellas votado; e espero tambem que o público, que outr'ora me animou, e a quem muito devo, de tal tributo se apraza; pois sei, que sempre lisongeiro lhe é ver render cultos aos astros brilhantes de seu claro céo, ás mimosas flores de seu ameno prado.

Espero ainda, que meu novo filho não será lançado ao longe, como fructo verde e ingrato ao paladar..... que o Moço Loiro será, ao menos por piedade, aceito, e comprehendido.

Espero mais, senhoras, que generosas sempre, perdando as imperfeições e graves defeitos do Moço Loiro, não querereis perguntar a seu debil pai — como ousas escrever? — Oh! não m'o perguntareis; porque ha em vós bastante ardor, imaginação e poesia para sentir, que ás vezes o desejo de escrever é forte, qual o instincto, que manda beber agua para apagar a sêde, e comer para matar a fome: que ás vezes o pensamento arde, e se consome em fogo; e que então é inevitavel deixar sahir as chammas d'esse fogo.... as idéas d'esse pensamento....

Espero finalmente, que vós, senhoras, dignando-vos adoptar o Moço Loiro, permittireis, que elle coberto com a egide de vosso patrocínio, possa obter o favor, e encontrar o abrigo, que á sua irmã não foi negado.

VIII

Sim! [que este pobre menino, sahido apenas do tão frio e abatido seio de seu pai, se anime e aqueça á vossa sombra!... que — por uma compensação — pela mais suspirada das compensações — esse passado de gêlo e de abatimento fique para sempre esquecido ante o ardor e a felicidade do futuro!...

Oh! que não seja uma illusão a minha esperança!...

Consentí, pois, senhoras, que me eu atreva a dedicar-vos o Moço Loiro, como um primeiro e fraco signal de reconhecimento, que ha de durar sempre....

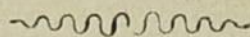
Inspirado pela gratidão, é elle semelhante a uma innocente flor depositada com religioso respeito no altar e aos pés dos anjos.

Filho da esperança, pôde parecer-se com brando suspiro do coração, que almeje cahir no seio da belleza...

E emfim, como um fraquinho infante, que medroso dos camaradas, corre a acolher-se no materno collo, o Moço Loiro comvoseo se [apadrinha, senhoras; e a cada uma de vós repete as palavras do psalmo :

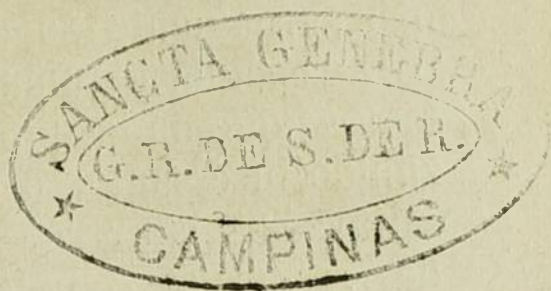
« Protege-me com a sombra de tuas azas ! »

© AUCTOR.



O MOÇO LOIRO.

I.



Theatro Italiano.

Declinava a tarde do dia 6 de Agosto de 1844: o tempo estava chão e bonancoso; e com tudo meia cidade do Rio de Janeiro profetisava tempestade para o correr da noute. Como isso era, estando, como de feito estava o Pão d'Assucar com sua cabeça desnublada, e livre da tal carapuça de fumo, com que se agazalha, quando prevê mau tempo, é o que ainda agora mesmo poderião muito bem explicar os habitantes d'esta bella côrte, se não fossem, honrosas excepções para um lado, tão esquecidos dos acontecimentos, que se passam em nossa terra, como ás vezes finge sel-o das contradanças, que prometeu a cavalheiros, que lhe não são do peito, uma mocinha do grande tom.

Mas, pois que, segundo crêmos, o caso em questão não se acha sufficientemente lembrado, justo é, mesmo para que por tão pouco a ninguem pareça ter cabido honras de profeta, dizer, que se a atmosphera não estava carregada, a anticipação, e o espirito de mesquinho partido havião exhalado vapores que, condensando-se sobre o animo do publico, deixavão prognosticar uma borrasca moral.

Ora assim como muitas vezes succede, que ronnão surdamente as nuvens, quando está prestes para rebentar alguma trovoadá, assim tambem notava-se que na tarde, de que se falla, ouvia-se um zunido incessante, e do meio d'elle por vezes ressaltavão as palavras — theatro... direita... esquerda... applausos... pateada... — e muitas outras taes quaes as que derão lugar á scena seguinte passada em um hotel, que nos é muito conhecido, e que se acha estabelecido na rua que, por se chamar — Direita —, effectivamente representa a antithese do proprio nome.

Dous moços acabão de entrar n'esse hotel. Um d'elles, que para diante melhor conheceremos, trazia casaca e calças de panno preto, collete de seda de xadrez cõr de cana, sobre o qual se deslisava finissima corrente de relógio; gravata tambem de seda e de uma bella cõr azul; trazia ao peito um rico solitario de brilhante; na mão esquerda suas luvas de pellica cõr de carne, na direita uma bengala de unicornio com bellissimo castão de ouro; calçava finalmente botins envernizados: esse moço, cuja tez devia ser alva e fina, mas que mostrava ter soffrido por muitos dias os ardores do sol, era alto, e bem apessoado; seu rosto, sem ser verdadeiramente bello, causava ainda assim interesse:

elle tem os cabellos pretos, os olhos da mesma côr, mas pequenos, e sem fogo : entrou no hotel, como levado á força pelo seu amigo : e sentando-se junto de uma mesa defronte d'elle, tomou um jornal e começou a ler.

O outro, que nos não deverá obsequio de ser aqui descripto. estava dando as suas ordens a um servente do hotel, quando ouviu a voz do seu amigo.

— Anna Bolena!... Bravissimo!... cahio-me a sopa no mel!... ardia por chegar ao Rio de Janeiro, principalmente para ir ao theatro Italiano, e eis que, apenas chegado ha duas horas, já leio um annuncio, que realisa meus desejos : vou hoje á opera.

— Já tens bilhete?...

— Não ; mas sahindo d'aqui mando vêr uma cadeira.

— Não ha mais.

— Então, não ha remedio... um camarote.

— Estão vendidos todos.

— Oh diabo! irei para a geral.

— Nem um só bilhete resta, meu charo.

— Pois deveras o furor é tal?... paciência, vou encartar-me no camarote de algum amigo.

— Não, que d'esse susto te livro eu : toma lá um bilhete de cadeira.

— E tu ?

— Eu hoje tenho muito que fazer na platéa.

— Aceito, que não sou pobre soberbo ; porém que historia é essa?... oh Antonio, seria possível, que te fizesses cambista?...

— Porque ?

— Vejo-te ahi com um masso de bilhetes, que a menos que não seja agora moda dar aos portei-

ros uma duzia de cada vez que se entra para o theatro...

— Nada... nada... isto é para uns camaradas, que puz de mão para ir comigo á opera.

— Como estás tão rico!... muitos parabens!...

— Ah!... já sei que nada sabes, do que por aqui vai: ha dez mezes fóra do Rio de Janeiro, acabas de entrar na cidade tão simples e bisonho, como um caloiro nas aulas. Ora, dize lá; tu és Candianista, ou Delmastrista?...

O Sr. Antonio fez esta pergunta em voz bastante intelligivel; pois um movimento quasi geral se operou no hotel: os olhos do maior numero dos que ahi se achavão, fitárão-se nos dous parladores: um moço que, na mesa fronteira, jogava o dominó, ficou com uma peça entre os dedos e a mão no ar, immovel, estatico, como um epileptico: um velho militar, que proximo estava, e que para assoar-se já linha posto o nariz em posição, deixou-se estar com o lenço estendido diante do rosto e prezo entre as duas mãos, não desarranjou mesmo a horrivel careta, que se habituára a fazer na acção de limpar-se de monco, e assim como se achava, lançou os olhos por cima dos oculos, e os pregou na mesa da questão.

— Dize-me tu primeiro, o que significa isso, respondeu aquelle, a quem fóra dirigida a pergunta.

— Octavio, tornou com muito fogo o Sr. Antonio, pergunto-te, de qual das duas primas-donnas és tu partidario, se da Delmastro, se da Candiani.

— Mas se eu ainda não ouvi a nenhuma, homem!

— Pois faze de conta, que já as ouviste: é preciso decidir-te e já!...

— Essa agora é mais bonita !...

— O Rio de Janeiro em pezo se acha extremado !...

— E isso que me importa ?...

— Oh ! exclamou o Sr. Antonio com voz sepulchral, oh ! oh ! « quando se diz ácerca dos negocios de estado — que me importa — deve-se contar que o estado está perdido !!! »

— Ora eis o que se chama uma citação a proposito.

— É preciso ! é justo ! é inevitavel ! debes pertencer á esquerda, ou á direita do theatro, continuou o dilettanti com enthusiasmo, e sem notar, que se fazia o objecto da geral attenção : sim !... mas, Octavio, recebe o conselho de um amigo, que não quer vêr manchada a tua reputação ; nada de sentar-te na direita... nada de Candiani !... escuta : a Delmastro tem por si o prestigio da sciencia, e o voto dos peritos : quem diz Candianista, diz creança, estouvado, estudante ! A Candiani, tem uma voz... e mais nada : e uma voz... triste... sem bemóes, nem sustentidos... lamentavel... horrivel... detestavel... fulminante... que faz mal aos nervos !...

— Apoiadissimo ! gritou o velho, concertando os oculos que, com o gosto de ouvir o Delmastrista, lhe havião cahido do nariz no queixo.

O moço do dominó ha muito tempo que não dava conta do jogo.

— Ora, fico-lhe obrigado, disse-lhe o parceiro ; aqui está um seis, e o senhor ajunta-lhe um quatro... inda peor, um dous !... então que é isso ?... um tres ?... outro quatro ?... um cinco ?... o senhor quer divertir-se á minha custa ?... mas... o que tem, meu amigo ?... está tremendo... e tão pallido...

Com effeito, o moço tremia convulsivamente. E o Sr. Antonio, sem attender a coisa alguma, proseguia :

— E a Delmastro?... a Delmastro é doce e bella, melodiosa e engraçada : sua voz subjuga, arrebatada, amortece, vivifica, encanta, enfeitica, derrota, fere e mata quem a ouve!... sua voz cahe no coração, e de lá toma parte no sangue da vida!... e sobretudo, professora incontestavel... professora até á ponta dos cabellos, advinha os pensamentos de Donizetti, corrige-lhe os erros, adoça-lhe as rudezas, e divinisa-lhe as harmonias! sabe musica... muita musica... toda a musica!...

— E' falso!... é falsissimo! é falsississimo!... bradou espumando de raiva o moço do dominó, e fazendo voar pelos ares todas as peças do jogo.

— O senhor atreve-se a dizer-me, que é falso?!

— E' falso!... repito, é falso!...

— Que diz, senhor?... exclamou o velho atirando-se sobre o novo dilettanti, é falso?... essa palavra é motivo sufficiente para um duello: retire pois a expressão, e não se peje de o fazer; porque isto de retirar expressões é muito parlamentar.

— Retire a expressão! retire a expressão, gritarão alguns.

— Não retire!... não retire!... bradarão outros.

— Não retiro!... aceito todas as consequencias!... repito, que é falso!... digo que a Delmastro nada sabe de musica, estudou pelo methodo de Jean Jacques Rosseau, tem voz de assobio de creança em domingo de ramos; em quanto a Candiani é um rouxinol!... um milagre de harmonia!... um anjo!...

— Apoiado! bravo!... bravo!... muito bem!...

— Não!... não!... ali o Sr. Antonio é quem tem razão!

E' de notar que apenas o moço declarou, que não retirava a expressão, o velho Delmastrista foi-se pondo pela porta fóra, murmurando entre dentes:

— Não se póde argumentar com elle!... não é parlamentar...

— Senhores, acudio com muita prudencia um servente do hotel, por quem são, não vão ás do cabo aqui... isso desacreditaria a casa!...

— Não, tornou o Candianista, é preciso dizer a este senhor, que estou prompto a sustentar o que avancei, onde, como, e quando elle quizer!...

— Pois bem, respondeu o Sr. Antonio, até á noite, no theatro!...

— Aceito a luva! até á noite, no theatro. Sim! e lá terei o prazer de rebentar estas mãos batendo palmas, quando ella ... quando eu digo ella, já se sabe, que é da doce Candiani, que fallo, entoar com a ternura, com que costuma, o seu

*Al dolce guidami
Castel natio.*

E o apaixonado do moço, começou a cantar acompanhado por todo o rancho de Candianistas, que se achava no hotel; o que vendo o Sr. Antonio, para nada ficar devendo ao seu competidor, exclamou:

— E eu hei de ter a gloria de fazer em postas esta lingua, dando entusiasticos bravos, quando ella..... quando eu digo ella, já se sabe, que é da ineffavel Delmastro, que fallo, fizer soar a branda voz no seu

*Ah! pensate che rivolti
Terra e Cielo han gli occhi in voi.*

E com o mais detestavel falsete, poz-se a estropear, o sem duvida bello — *Ah! pensate* —, que não só por elle, como por todos os outros Delmas-tristas presentes, foi completamente desnaturado.

A bons minutos trovejvão de mistura no hotel o — *Al dolce guidami* — com o — *Ah! pensate* —; quando a esforços inauditos dos criados do hotel sahirão para a rua os dous bandos, esquecendo-se o Sr. Antonio, no fogo do enthusiasmo, que deixava com a maior sem cerimonia o seu amigo.

Mas, nem por tal se escandalizou Octavio; que antes deu-se parabens da boa fortuna, com que havia escapado do meio d'aquella cohorte de maniacos; e deixando o hotel, procurou passar divertidamente duas horas, que lhe faltavão, para ir ouvir Anna Bolena.

Passárão ellas, e Octavio se achou no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Não se via um só lugar desoccupado; as cadeiras estavão todas tomadas, a geral cheia, e abarrotada, e de momento a momento ouvião-se as vozes de alguns dilettanti que bradavão: — *travessas! travessas!...*

As quatro ordens de camarotes se mostravão cingidas por quatro não interrompidas zonas de bellas: desejosas todas de testemunhar desde o começo o combate dos dous lados theatraes, tinhão vindo ornar ainda antes da hora suas felizes tribunas; nenhuma mesmo, dentre as que ostentavão mais rigor no bello tom, se havia adrede deixado para chegar depois de começado o espectaculo, e, fazendo,

como é por algumas usado, ruído com as cadeiras e banco ao entrar nos camarotes, desafiar assim as atenções do publico.

No entanto ellas derramavão a luz de seus lumes sobre essas centenas de cabeças ferventes, que debaixo se agitavão: desassocegadas, e anciosas, como que com seus olhos inquirião d'aquelle publico, até onde levaria sua exaltação; e com a ternura de suas vistas, parecião querer aquietar a hyena, que a seus pés rugia.

Finalmente o 1º violino, com toda a sua respeitavel authoridade de general d'aquelle immenso esquadraõ harmonico, deu o signal da marcha, batendo as tres symbolicas pancadas com sua espada de crina: d'ahi a momentos o panno se havia levantado, e a opera começado.

Não se passou muito tempo, sem que o nosso conhecido Octavio se convencesse de que sahiria do theatro, como havia entrado; isto é, sem ouvir a sua tão suspirada Anna Bolena.

Alguns dilettanti da capital, depois talvez de haver muito parafusado, tinhão descoberto um meio novo de demonstrar o seu amor pelas inspirações d'Euterpe, e a sua paixão pelas duas — primas donas —: era sem mais nem menos isto: para applaudir ou patear não é necessario ouvir: de modo que batia-se com as mãos e com os pés, ao que ainda não se tinha ouvido: applaudia-se, pateava-se, apenas alguma das pobres cantarinas chegava ao meio de suas peças; não se esperava pelo fim... applaudia-se, e pateava-se o futuro: era uma assembléa de profetas; uma assembléa que advinhava se seria bem ou mal executado, o que restava para sel-o.

Octavio tinha por sua má sina, ficado entre dous

extremos oppostos ; o que estava do seu lado direito, Candianista exagerado, era um mocetão com as mais bellas disposições físicas ; porém desgraçadamente gago, e tão gago, que quando desejava soltar o seu — bravissimo — fazia tão horriveis caretas, que em redor d'elle ninguem podia deixar de rir-se, e por consequencia, era isso motivo para dar-se ruido tal, que a mesma predilecta, por interesse proprio deveria, se adivinhasse que estava de posse de tão infeliz dilettanti, conseguir que elle engolisse silencioso os assomos de seu enthusiasmo.

Se pela parte direita, Octavio via-se mal acompanhado ; pela esquerda, estava talvez em peiores circumstancias : sentava-se ali um ultra-Delmastrista : homem de quarenta annos, barbudo, e gordo, que fazia resoar por todo o theatro seus bravos e applausos, mal começava a sua querida prima dona : razão porque o moço gago, de quem ha pouco se fallou, já o tinha chamado ao pé do rosto : « monstro !... alma damnada !... e féra da Hircania !... » Felizmente, porém, d'isso não podia surdir resultado algum desagradavel ; pois o ultra-Delmastrista era completamente surdo ; e tanto o era, que uma vez, em que a sua predilecta devendo guardar silencio, mas, para o devido desempenho da scena, tendo de demonstrar admiracão ou não sabemos que, abriu um pouco a boca, arregalou os olhos, e dobrou-se para diante, o nosso apaixonado, que só por taes signaes conhecia quando ella cantava, pensou que, com effeito, o estava então fazendo, e exclamou todo a remexer-se : — Assim !... assim serêa !... derrota-me esta alma petrificada !...

Em taes circumstancias, mal podendo gozar as brilhantes inspirações do immortal Donizetti, e me-

nos ainda apreciar as duas cantarinas, por quem tão fóra de proposito, e desajuizadamente, pleiteava o publico do theatro de S. Pedro de Alcantara, Octavio resolveu-se a empregar o seu tempo em alguma coisa proveitosa, e entendeu que, o que melhor lhe convinha, era admirar os triumphos da natureza em algum rosto bonito, que por aquelles camarotes deparasse.

Não gastou Octavio muito tempo em procurar objecto digno de suas attentões: em um camarote da 1^a ordem, que lhe ficava um pouco para trás, vio elle um engraçado semblante que alirava o seu tanto parao moreno (typo, com que, aqui para nós, sympathisa muito certo sujeito do nosso conhecimento), e que, além do mais, era animado por dous olhos vivos... bellos... faiscentes... emfim, dous olhos brasileiros; porque, seja dito de passagem, tanto orgulho podem ter as hespanholas de seu pequeno pésinho, e delgada cintura, como as brasileiras de seus lindos olhos pretos, que parecem haver passado para suas vistas todo o ardor da zona, em que vivemos.

O tal camarote, onde estava a moça morena, era, sem pôr nem tirar, um viveiro de originaes. Junto della ostentava seu brilho, esplendor e não sabemos que mais, uma senhora que, pelo que mostrava, e não pelo que dizia, devia andar roçando pelos seus cincoenta annos, e que, apezar de tal, endireitava-se na cadeira, e taes ademães fazia, como poucas meninas, que querem casar, os fazem: vestia um vestido de seda verde, cruelmente degollado: tinha na cabeça uma touca de cassa da India, ornada com laços de fitas azues, &c.: segurava com a mão direita em um ramo de bellos cravos, e conservava a

esquerda esquecida sobre o elegante oculo, de-
posto no parapeito do camarote.

A segunda e ultima fila era formada por tres marmanjos: começando pela esquerda, via-se um homem avelhantado, magro, alto, de rosto comprido, a cuja barba fazia sombra um enorme e afilado nariz, muito cuidadoso das senhoras, e tendo sempre derramado no semblante uma especie de prazer, que a mais simples observação descobria ser fingido, era necessariamente o pobre peccador que, de antemão, curtia todos os seus peccados passados, presentes, e futuros com a penitencia de ser o chefe d'aquella familia.

O que estava no meio, era por força um d'aquelles homens, que pertencem a todas as idades, que são conhecidos de todo o mundo, e apparecem em todos os lugares: tinha cara de hospede d'aquelle camarote.

O terceiro, enfim, era um rapaz de seus vinte annos, amarello, cabelludo, de enorme cabeça, e que não fazia senão dar á taramela, e comer doce.

Em menos de cinco minutos a attenção de Octavio foi sentida no camarote, e quasi ao mesmo tempo pela menina morena, e pela senhora... idosa (velha é palavra, que está formalmente reprovada sempre que se trata de senhoras).

— Rosinha, disse aquella ao ouvido da primeira, não vêes como aquelle moço de gravata azul-celeste tem os olhos embebidos no nosso camarote?

— Não, minha mãe, respondeu a moça com fingimento, ainda não reparei.

— Pois attende, menina.

— Sim... parece, que sim, minha mãe.

— Chamem-me velha, se aquillo não é com alguma de nós.

E a boa da senhora idosa levou até o nariz o seu ramo de bellos cravos, que fizerão um terrivel contraste com seu infeliz semblante.

— Oh Sr. Braz, continuou ella fallando com o segundo dos homens, que forão descriptos, conhece aquelle moço, que está ali de gravata côr azul-celeste?...

— Perfeitamente... é o senhor...

— Basta ; dir-me-ha depois : ha um mysterio na minha pergunta, que só mais tarde lhe poderei descortinar...

No entanto, a moça morena já tinha olhado seis vezes para o moço, tres cheirado suas flores, e duas limpado a boca com seu lenço de cambraia.

Pela sua parte Octavio vingava-se do furor dos ultra-dilettanti, lembrando-se poucas vezes, de que viera ouvir Anna Bolena.

O fim do primeiro acto veio suspender por momentos tudo isso : Octavio sahio do theatro para tomar algum refresco, e ainda mais para ter occasião de mudar de visinhos. Versado em todos os segredos da arte, mercê da qual os homens conhecem se tem ou não merecido particular attenção das senhoras, elle, entrando de novo para as cadeiras, tomou uma em direcção contraria áquella, que primeiro occupára : um instante depois de levantar-se o panno, tirou logo resultado de seu stratagemma ; a senhora idosa, e a moça morena davão tratos aos olhos para descobri-lo : depois de algum trabalho, derão por fim com elle ; desgraçadamente, porém, o moço achava-se em peiores circumstancias, do que no primeiro acto.

Com effeito, Octavio via-se então sitiado pela direita, pela esquerda, pela frente, e pela retaguarda : erão quatro dilettanti de mão cheia.

A' direita, ficava-lhe um — dilettanti sentimental —, que no meio das melhores peças puxava-lhe pelo braço, e exclamava : — ouça ! como é bello isto ! aquella vulata ! esta tenuta ! então de qual das duas mais gosta ?... olhe, eu gosto de ambas... sou epiceno... quero dizer, commum de dous : — e emfim fallava, fallava, e fallava, mais que tres moças juntas, quando conversão sobre seus vestidos.

A' esquerda, estava um — dilettanti estrangeiro — que apontava ao infeliz Octavio os lugares onde mais brilhava a Grize, aquelles em que primava a Pasta, e os pedaços harmonicos em que se fazia divina a Malinbran, que elle tinha ouvido em Paris ainda em 1843.

Na frente, sentava-se um — dilettanti perito — que era um écho de quanto se cantava : tinha a Anna Bolena de cór e salteada, e ia por entre os dentes estropeando em meia voz todas as peças, que se executavão ; de modo que de redor d'elle, ouvia-se — Anna Bolena dupla.

Na retaguarda, emfim, um — dilettanti parlamentar — resmungava com o seu compadre sobre a marcha dos negocios publicos ; exasperava-se de que esse mesmo povo, que tanto se exaltava por duas cantarinas, deixasse em olvido as eleições, e por tal fórma que, elle que se fizera candidato a juiz de paz, mal tinha podido até esse dia fazer assignar trinta e duas listas muito conscienciosamente.

Em tal posição o pobre Octavio nem mesmo tinha licença de votar-se ao bello camarote ; pois se

voltava para elle a cabeça, logo o dilettanti da direita puxava-lhe do braço, e dizia quasi gemendo :

— Não pérca... não pérca este pedacinho... oh que agudos !...

E o da esquerda dava-lhe uma cotovellada, e exclamava :

— Aqui a Grize ! eu a ouvi na cidade de Moscow, mezes antes da invasão de Bonaparte... olhe, fez furor ! um furor tal, que o proprio Imperador de todas as Russias mandou-lhe o seu mais querido cavallo, para que ella fugisse, duas horas antes do incendio.

Com semelhante companhia não era possivel nem ouvir musica, nem vêr moças. Octavio resignou-se ; porém apenas veio o panno abaixo, sem se dar com os gritos de Candiani á scena ! á scena ! — com que os Candianistas celebravão o triumpho de sua maioria firme, compacta, decidida, e o que é mais, patriótica, correu para fóra com tenção de esperar á sahida dos camarotes a moça morena.

Mas parece que o destino estava de candeias ás avessas com o pobre moço : ao passar pela porta da platéa o Sr. Antonio agarrou-o pelo braço.

— Larga-me, deixa-me, Antonio.

— Não ! é impossivel ! é preciso dizer a qual das duas pertences.

— Eu a nenhuma ; deixa-me.

— Mas é preciso ! é justo !... é inevitavel !...

— Pois amanhã te direi : peço-te esta noite para resolver-me.

— Não : não ! é necessario dizer já !

— Então... sou Candianista.

O Sr. Antonio recuou tres passos, e disse com voz lugubre :

— Octavio, falla serio, quero dizer, sisudo, com seriedade!

— Sou Candianista, repetio Octavio.

— Sr. Octavio, exclamou depois de momentos de reflexão o Sr. Antonio, todas as nossas relações estão quebradas! esqueça-se de que sou vivo: e lembre-se que tem um amigo de menos, e um inimigo de mais.

E dito isto, retirou-se; mas talvez que tivesse de voltar mais exasperado que nunca, se a algazarra que fazião os Candianistas dentro do theatro não cobrisse a gargalhada, que soltou Octavio, ouvindo as ultimas palavras do Sr. Antonio.

Quasi ao mesmo tempo sahia a familia, que Octavio vinha esperar: elle correu para junto da escada, e a moça morena, apenas o lobrigou, olhou para trás, e disse com voz bem alta ao ancião que mostrava ser seu pai:

— Ahi está, meu paisinho, porque eu digo, que vir ao theatro tem seus prazeres, e seus desgostos; é na verdade um desgosto ter de ir a taes horas, e a pé, á rua de... onde nós moramos.

E apenas acabou, olhou para Octavio, e sorriose. O moço tirou do seu album e escreveu — rua de..... — A senhora idosa, a quem nada escapava, bateu com o leque no hombro da filha, e disse-lhe ao ouvido:

— Tu és a minha gloria! honras a bella arvore de que és vergontea.

No resto da noite apenas se fazem dignos de lembrar-se dous actos praticados pelo Sr. Antonio, e pelo moço, que com elle havia disputado no hotel.

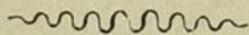
O moço, acompanhando a sege, que conduzio a

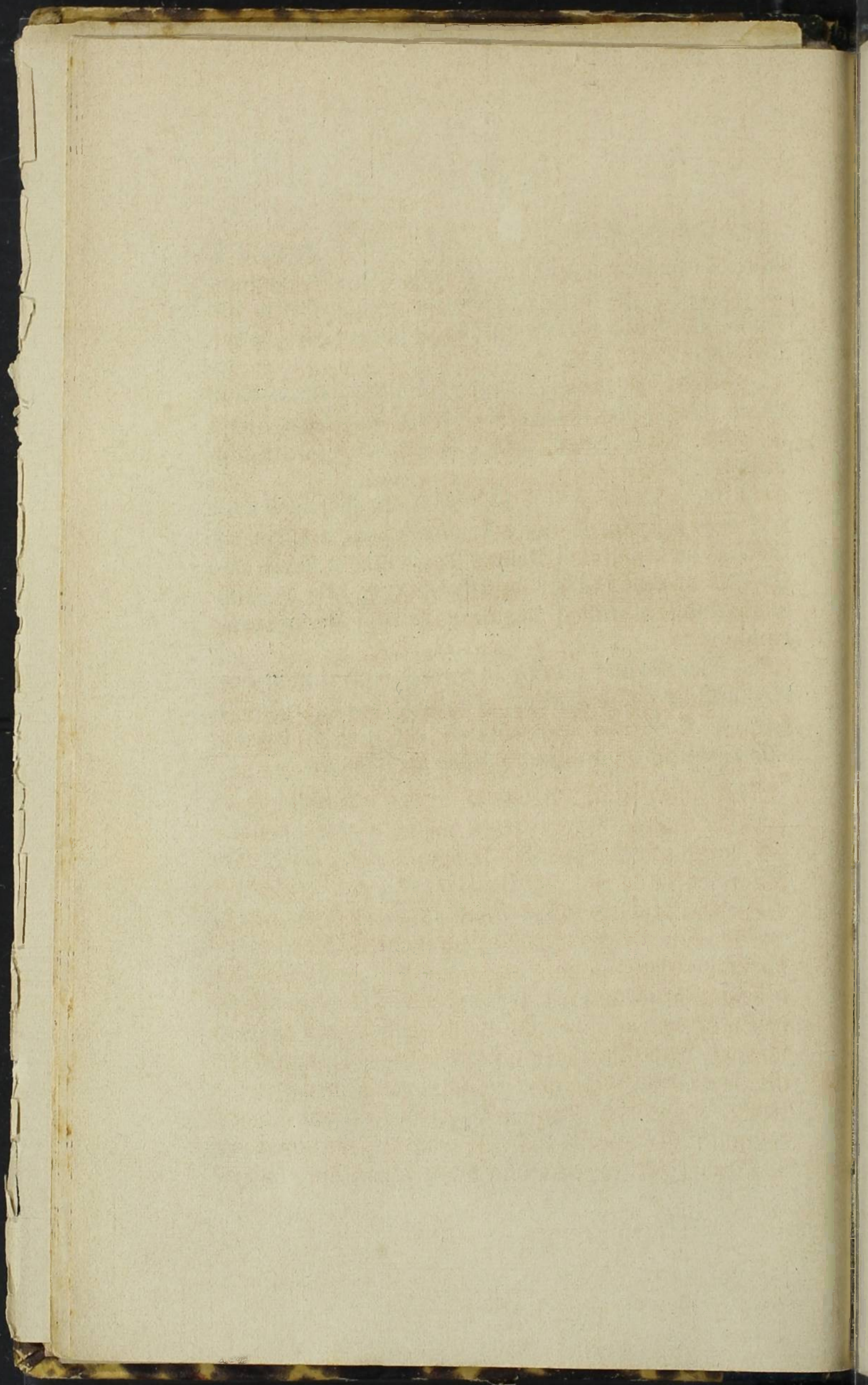
sua Candiani a casa, vio-a apear-se, e quando a porta se fechou, e a rua ficou solitaria, elle chegou-se áquella, ajoelhou-se, e beijou tres vezes a soleira em toda a sua extensão ; depois erguendo-se, e retirando-se, disse :

— Agora já posso dormir : beijando toda a soleira da porta, por onde ella entrou, beijei por força o lugar, onde tocou com seu sapato o pé de um anjo !...

O Sr. Antonio levou adiante o seu sacrificio ; ficou todo o resto da noite grudado com a porta da casa de sua ineffavel Delmastro, tendo o nariz enterrado na fechadura : ao amanhecer, elle a custo abandonou o difficil posto, e retirou-se murmurando :

— Não dormi ; porém ao menos com o meu nariz mettido na fechadura d'aquella porta, respirei por força alguma molecula de ar, que já tivesse sido respirada por aquella Musa do Parnaso.





II.

Agastamentos conjugaes.

Um homem de cincoenta annos, magro, alto, pallido, calvo, e de grande nariz, é o Sr. Venancio, marido da Sra. D. Thomazia, e pai do Sr. Manduca, e da Sra. D. Rosa.

Venancio é um empregado, sem exercicio, não nos lembra de que especie; na vida que vive, vê-se obrigado a ser sómente isso; pois que em tudo mais é a sombra de sua mulher. Aos vinte e oito annos casou-se, porque seu pai lhe disse que era preciso fazel-o, com uma senhora, que se acompanhava de alguns mil cruzados de dote, como de facto os trouxe a Sra. D. Thomazia, que, pela sua parte, segundo ella mesma o diz, casou-se para se casar.

E este casal representou logo, e continuou a re-

presentar o mais interessante contraste : Venancio é debil, condescendente, e pacato ; se algumas vezes se empina, é para logo dobrar-se mais humildemente que nunca. Thomazia é forte, decisiva, arrogante, e valentona : não sabe, senão mandar, e quer sempre ser obedecida : vendo de longe a sociedade elegante, trata de arremedal-a, e faz-se uma completa caricatura, do que ella chama grande tom : conhecendo cedo o genio e caracter de seu esposo, tornou-se a despota, a tyranna, do pobre homem : e para servirmos-nos de um pensamento d'ella mesma, escreveremos suas proprias palavras : « Venancio, diz ella mil vezes, n'esta casa a tua vontade é uma colonia, de que a minha voz é a metropole ». E o pobre Venancio, casado ha vinte dous annos, ha vinte dous annos que faz inuteis planos de independencia : todos os dias levanta-se com disposição de sustentar a pé firme uma batalha decisiva, mas ás primeiras cargas do inimigo larga as armas, bagagem e tudo, e põe-se a correr, ou as mais das vezes ajoelha-se e implora amnistia.

Ultimamente havião escaramuças diarias : a razão aqui vai. Thomazia tivera nos primeiros cinco annos dous filhos ; depois parece que a natureza lhe gritou — stop — : passarão-se dezeseis, e ao correr o decimo setimo, veio, contra a expectativa de Venancio, mais uma — pequenina —, para fazer a conta de tres. Thomazia saudou com enthusiasmo esse acontecimento. Segundo certa arithmetica exclusivamente feminina, algumas senhoras quando chegão aos quarenta annos contão a sua idade no sentido inverso do que até então praticarão ; isto é, no anno que se segue áquelle, em que fizerão quarenta, contão ellas — trinta e nove ; no outro que

vem — trinta e oito, até que chegam, segunda vez, aos trinta, em que costumão fazer uma estação de um lustro. Ora, Thomazia, mais velha que seu marido tres annos, já tinha exactamente tres annos de estação; mas vindo inopinadamente — a nova menina — entendeu lá comsigo que era preciso contar menos de trinta para ter filhos, e pois, foi dizendo que se enganára na conta de sua idade, pois que não tinha mais que vinte e nove annos. Todavia essa importante revelação não ficava bem sabida, confiando-se sómente á visitas, e visinhas, e portanto Thomazia declarou a seu marido que sua filha seria baptisada com estrondo; e que se daria um elegante sarão em honra da recém-nascida. Venancio oppunha-se a isso pelo máo estado em que se achavão seus negocios financeiros; a mulher bradava; Rosa votava pelo sarão, Manduca também; e a casa andava de poeira levantada. Também jámais Venancio se mostrára tão valente.

Na manhã do dia, que seguio a noite tempestuosa descripta no capitulo antecedente, Venancio achava-se na sala de sua casa sentado no canapé, triste e silencioso como um marido infeliz, que se vê a sós: vestia uma calça de brim escuro, uma nisia branca, e tinha no pescoço um lenço de seda, de dentro do qual surdião enormes e ponteagudos collarinhos; junto d'elle descansavão seus oculos sobre o *Jornal do Commercio*, e tendo de esperar que se levantasse sua mulher, Venancio com uma perna descansada sobre a outra, e exhalando sentidissimos suspiros, empregava o tempo em passar meigamente os dedos sobre o grande nariz, que devia á natureza, e que, depois de seus filhos, era o objecto que mais idolatrava no mundo.

No dia anterior, Venancio tinha tido um bate barba com sua mulher ; porque, ao vê-la entrar na sala com os cabellos desgrenhados, não lhe fizera a menor reflexão sobre isso: d'ahi passarão á questão da ordem do dia, e gritou-se sobre o baptisado, como se grita em certo corpo colectivo, quando se trata de eleições.

As idéas do dia passado assustavão por tanto ao pobre Venancio, que temia vêr reproduzidas as mesmas scenas: além d'isso tinhão soado dez horas, e Thomazia com suas filhas dormião a somno solto: o infeliz homem soffria em silencio todas as torturas da fome, quando, passada ainda meia hora, uma porta se abriu, e por ella entrou Thomazia com os cabellos soltos, e o vestido desatado. Venancio lembrou-se logo, que por não reparar n'esse desalinho, fôra já accommettido, e pois ergueu-se para receber nos braços o seu flagello, e, cruelmente risonho, exclamou :

— Oh querida Thomazinha !... pois assim te ergues, e sahes de teu gabinete sem te penteares, e...

— E que tem o senhor com isso?... bradou a mulher, por ventura quer que eu durma penteada, ou já me facilitou um cabelleireiro para tocar-me apenas me levanto da cama?... é impossivel!... não se póde viver socegada com um velho impertinente, como o senhor!

— Está bem, minha Thomazia... não te afflijas... eu disse aquillo só por dizer.

— Isso sei eu ; porque o senhor é um desenxabido... tanto lhe faz, que eu ande mal vestida, mal toucada ou não... para o senhor é a mesma cousa... não tem gosto... não presta para nada...

— Pois mulher... eu já não disse, que...

— Pois se disse, é o mesmo que se não dissesse, porque o senhor não sabe dizer senão asneiras...

— Thomazia... estás hoje cruelmente impert... infe... zanga...

— O que é que diz?... o que é que eu estou?... heim?...

— De máo humor, Thomazia, de máo humor!...

— Por sua culpa! vivemos em guerra aberta... como dous inimigos; mas deixe estar, que hei-de perder um dia a paciencia: eu sou uma pomba, tenho o melhor genio do mundo; mas o senhor é um dragão, uma furia!...

Venancio já torcia-se até não poder mais: finalmente, depois de muito espremer-se, contentou-se com dizer:

— Sim... sou eu, que sou a furia.... ha de ser assim mesmo.

— Isto é um martyrio!... uma tentação!...

O velho não respondeu palavra.

O silencio de Venancio contrafazia talvez a Thomazia, que sentando-se em uma cadeira longe do marido, deixou-se ficar por muito tempo muda, como elle; depois, como se tomasse nova resolução, soltou um suspiro, e disse:

— Quando eu estou prompta a viver em paz eterna com elle, o cruel volta-me as costas!...

— Eu, Thomazia?!...

— Sim, tu, tornou ella com voz menos aspera, e eu não posso viver assim... isto me envelhece... tu me fazes cabellos brancos.

Venancio olhou espantado para Thomazia, que deixando o lugar, que occupava, foi sentar-se ao lado do marido, passando-lhe amorosamente o braço em de redor do collo. O fenomeno espantava:

tão rápida mudança da rabugem para os affagos, era para admirar ; mas Thomazia o fazia de plano.

Vendo, contra os habitos de vinte dous annos, que o marido resistia á sua vontade ; e que apesar de todo o esforço a festa do baptisado continuava duvidosa ; a mulher pensou, durante a noite, em um ataque de nova especie contra Venancio : ella devia entrar enfadada na sala, exasperar o marido até fazel-o gritar, fingir-se então, pela primeira vez, temerosa, humilhar-se, enternecel-o, e depois a poder de lagrimas conseguir, o que então não havia podido o seu — quero — absoluto.

A paciencia de Venancio tinha neutralizado o estratagemma de Thomazia : o cordeiro, sem saber e sem querer, oppoz-se admiravelmente á raposa, e pois conhecendo a mulher, que seu marido não se assomava com as loucuras, que lhe foi dizendo, para levar a effeito o plano, que concebera, fez-se por si mesma carinhosa e meiga.

O pacato velho começou por espantar-se, do que observava ; quando, emfim, Thomazia passou gradualmente da meiguice á submissão, elle mirou-se todo inteiro a vêr se havia alguma novidade de metter medo em sua pessoa ; não descobrindo nada, que lhe explicasse o fenomeno, e tendo de dar-se necessariamente uma explicação, imaginou, que n'esse dia sua voz tinha um timbre assustador, que de seus olhos talvez partissem vistas magneticas... fulminantes... terriveis.

Sucedeu para logo a Venancio, o que acontece a todo homem medroso : apenas acreditou que sua mulher recuava, concebeu a possibilidade de chegar a sua vez de valentão, e determinou aproveitar-se d'ella ; elle ! a bigorna de vinte e dous annos

passar milagrosamente a ser martello!... semelhante idéa desenhou-se brilhantemente aos olhos do velho, que de prompto cerrou as sobrancelhas, fez-se carrancudo, e dispoz-se a representar o papel de máo.

Thomazia, que tinha assentado de pedra e cal fechar a discussão calorosa, que ha tantos dias era debatida entre seu marido, e ella, não perdia um só dos movimentos d'este, bebia-lhe todos os pensamentos com vistas fingidamente timidas, e ao conhecer que o adversario cahia nas suas redes, disse com voz terna :

— Pois bem, meu Venancio, de hoje ávante viveremos em completa harmonia.

— Se a senhora o quizer... seja! respondeu com máo modo o pobre homem.

Thomazia reprimio a custo uma gargalhada ; tal era o pouco caso que fazia do marido. Venancio ergueu-se, e cruzando as mãos atrás das costas, começou a passear ao longo da sala : a mulher levantou-se tambem, e acompanhando-o de perto, travou com elle o dialogo seguinte :

— Estimo achar-te disposto á paz, disse ella, por tanto, meu amigo, tratemos de estabelecê-la com bases solidas : queres?...

— Se a senhora o quizer... isso para mim é quasi indifferente.

Venancio não cabia em si de alegre com a sua inopinada victoria, e promettia aproveitar-se d'ella.

— Pois para isso, continuou Thomazia, troquemos penhores de paz: peçamos um ao outro uma prova de amor... um extremo de ternura : então, tu o que exiges de mim?...

— Coisa nenhuma.

— Não sou eu assim : tenho que te pedir, meu amigo...

— Vá dizendo.

— E ainda não adivinhaste, ingrato?...

— Ora adivinhem lá, o que quer a Sra. D. Thomazia!... então, não está boa?...

— Cruel, não comprehendes, que quero falar do baptisado de nossa filha?

— Baptisar-se-ha.

— E daremos um sarão digno de nós, não é assim?...

— Não é assim, não senhora.

— Ah! já vejo que estás brincando! tu não havias de querer, que o baptisado de nossa querida filhinha se fizesse, como o de qualquer l-h-e lhé.

— Indeferido.

— Meu Venancinho!...

— Não ha que deferir, não ha que deferir.

— O que dirão as familias, que nos conhecem?... que conceito farão de nós?...

— Sustento meu primeiro despacho.

— Ingrato, em troca do amor, que te consagro, não me dás, se não desgostos!... desvelo-me em te adorar, e tu me pagas com rigores... ai! sou pobre flor sem jardineiro, que fenece na espessura!

Venancio, que sempre continuava a passear ao longo da sala, seguido por Thomazia, ouvindo aquella modesta comparação, voltou-se para vêr a pobre flor sem jardineiro, que fenecia na espessura, e achou diante dos olhos a cara de sua mulher feia, e desbotada : então, para não expôr-se a perder a posição que occupava, teve de comprimir uma risada, e continuando o seu passeio, respondeu :

— Não péga a labia, minha senhora.

— Oh ingratidão!... oh crueldade!... e elle disse que queria a paz!... pobre de mim, que sou a victima!...

E Thomazia desatou a chorar horrivelmente.

Venancio cheio de si, perdido nas alturas de seus triumphos, não parou em seu passeio, antes o continuou dizendo:

— Não é possível! não pôde ser!

Thomazia não pôde conter-se por mais tempo: vendo esgotados até as lagrimas todos os meios brandos, com que contava, fez com toda a habilidade propria das senhoras desaparecer o pranto n'um momento, e levantando a cabeça, disse:

— Ai! peor está essa!... Venancio, olha, que já me vai subindo o sangue á cabeça! cuidado comigo.

Venancio sentio-se abalado; mas não querendo mostrar-se desanimado, elevou a voz mais que nunca, e gritou:

— Requeira em termos!...

— Venancio!... bradou Thomazia com essa voz estrepitosa, com que costumava enterrar o marido tres braças pela terra dentro.

Venancio não se metteu tres braças pela terra dentro; mas cahio completamente de sua elevada nuvem de superioridade; aquelle brado de — Venancio — souo em sua alma terrivelmente, e despertou a consciencia de seu nada... foi ainda ensaiando um derradeiro esforço, que elle exclamou com voz de falsete:

— Tenho deferido.

Thomazia já não estava boa, agarrou nas abas da nisia, que seu marido vestia, e obrigando-o a voltar o rosto para ella, gritou-lhe na cara:

— Ouvistes?... quero que se dê um saráo! quero, comprehendes-me bem?...

E dito isto cruzou, como fizera Venancio, as mãos atrás das costas, e se poz a passear, por sua vez; e o marido, que estava completamente por terra, foi quem teve então de acompanhá-la, dizendo-lhe com toda a humildade :

— Vem cá, mulher impaciente; não sabes que eu sou um empregado sem exercicio, que o meu ordenado e todos os nossos rendimentos não chegam a dous contos de réis, e que por consequencia não tenho dinheiro para dar saráos?...

— Pois que tivesse : hade haver saráo.

— Não sabes, que sem necessidade, e só por tua vontade, aluguei uma chacara, de cujo aluguel já devo seis mezes?...

— Pois que não alugasse : hade haver saráo.

— Ignoras, que para comprar teteias francezas, e vestidos de seda para ti, e para tua filha, fiquei no fim d'este anno empenhado em um conto de réis?...

— Pois que não ficasse : hade haver saráo.

— Ignoras que hoje mesmo se venceu a letra de oitocentos mil réis, que por teu respeito assignei, e que por tanto, quem não tem, como eu, dinheiro para pagar o que deve, tambem não tem dinheiro para funcções inuteis?...

— Pois que tivesse : hade haver saráo.

— Então estas razões não valem nada?...

— Não quero saber d'ellas.

— Devo eu querer saber. E portanto o dia do baptisado passará como tantos outros, com a differença unica de bebermos mais um cópo...

Thomazia não pôde mais conter o seu furor; vol-

tou-se de repente, e esbarrou-se cára a cára com Venancio.

— Um cópo de um dardo que te atravessasse!... bradou ella batendo com o pé.

— Oh senhora! exclamou Venancio pondo a mão no nariz a vêr se corria sangue; oh senhora! veja lá como me trata! olhe que ia escapando de esborrachar-me o nariz.

Com aquelle desgraçado encontro, Venancio, que amava o seu nariz sobre todas as cousas, tornou-se exasperado.

— Quero o saráo! bradou Thomazia.

— Não póde ser! um milhão de razões... emfim. não ha dinheiro!

— Pois cubra o deficit com um credito supplementar!...

— Vou fazer banca-rota... já não tenho credito na praça.

— Ha-de haver saráo por força! gritou Thomazia com toda a força de seus pulmões.

— Não hade!... não quero!...

— Quero eu!... hade!...

— Não hade!... bradou Venancio, que, ainda furioso, se lembrava da narigada.

— Veremos... vou já fazer os convites...

— E eu saio logo a desavisar os convidados...

— Oh bregeiro!... ha-de haver saráo!...

— Não ha-de!... digo-lh'o eu!...

— Patife!... maroto!...

— Patife!... marolo a mim!... a mim que tenho sahido juiz de paz em todas as eleições?... é muito... isso não se póde soffrer!...

— Eu te ensinarei!... lambazão insolente!...

— É ella! tartaruga!... velha!... feia!...

Venancio nunca se havia atrevido a tanto: as dores que sentia no nariz produzirão aquella explosão de furor; mas ao nome de — velha — Thomazia foi ás nuvens... era o maior insulto que se lhe podia fazer: tornou-se louca, enraivada, e levantando a mão, avançou contra o marido.

— Quem é velha?... quem é tartaruga, e feia, grandissimo bregeiro?...

— Senhora, disse Venancio recuando, sentido!... olhe que eu perco-lhe o respeito!...

Mas Thomazia saltou sobre elle, agarrou com a mão na gola da nisia, e com a outra começou a malhar-lhe as costas.

— Então quem é velha?... quem é tartaruga, e feia?... hade haver saráo, ou não?...

— Prudencia, senhora, veja que eu...

— Não quero saber de prudencias, continuou a boa da mulher; hade haver saráo, ou não?...

As costas do pobre marido soavão, como um zabumba; fazendo horriveis caretas, elle exclamou:

— Oh Sra. Thomazia, olhe que eu dou-lhe uma dentada!...

Mas a Sra. Thomazia, a quem já doião as mãos de tanto socar as costas do infeliz Venancio, mudou-lhe os tormentos, e a fortes puxões do resto de cabellos que havião em sua calva cabeça, continuou gritando:

— Hade haver saráo, ou não?...

N'esse momento batêrão palmas na escada. Venancio respirou com a esperanza de escapar das garras de sua mulher, e disse em voz baixa:

— Largue-me, senhora, estão batendo, deixe vêr quem é.

Mas Thomazia não estava disposta a abandonar

assim a sua victima, antes continuou no mesmo genero de martyrio, clamando bem alto para ser ouvida :

— Deixe bater... hei de esganal-o primeiro... ou resposta, hade haver saráo, ou não?...

As palmas soárão de novo ; mas d'esta vez accendêrão ellas, não a esperança no coração, mas a vergonha no rosto de Venancio.

— Largue-me, senhora, murmurou elle.

— Hade haver saráo, ou não !...

As palmas forão pela terceira vez ouvidas.

— Está bom, disse Venancio, quero ser prudente... haverá... haverá saráo... e o que quizer.

— Eis ahi o que se chama um bom marido, exclamou Thomazia largando-o, e rindo-se: vou fazer as cartas de convite: oh Micaella !... vê quem bate.

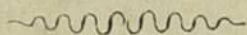
E sem mais olhar para Venancio, sahio da sala.

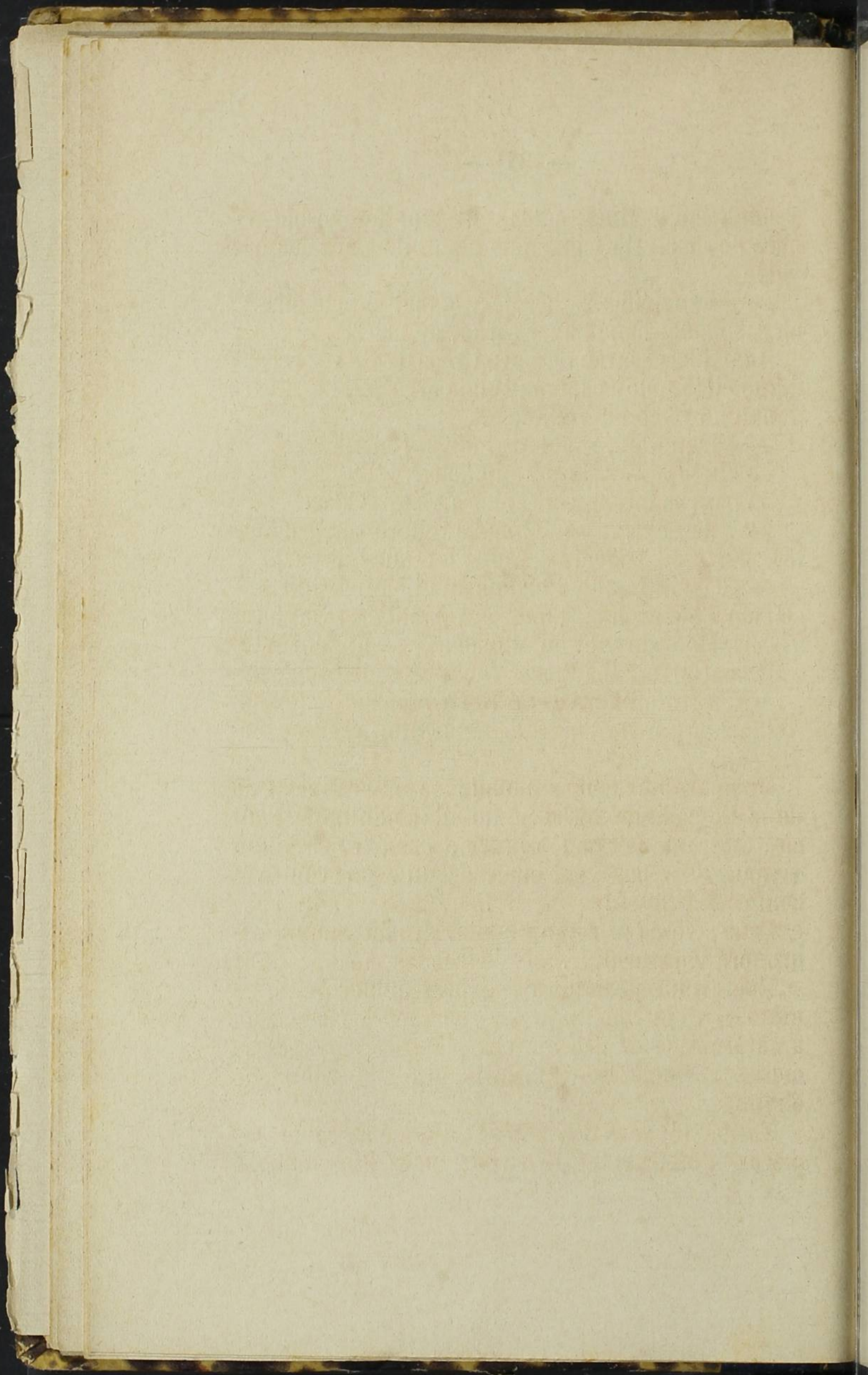
A escrava foi abrir a porta da escada, e o misero marido aproveitou esse momento para concertar-se.

Quando Venancio sentio que a visita acabava de subir a escada, lembrou-se do ditado antigo, e com terrivel ironia feita a si proprio, mas para esconder um pouco a sua vergonha, pronunciou com voz bem intelligivel :

— A's vezes não ha remedio, se não a gente sahir fóra do serio !...

E entrou na sala o Sr. — Braz-mimoso.





III.

Braz-mimoso.

Braz chamava-se o homem que havia acabado de entrar: tinha talvez a mesma idade de Venancio, mas era tal o seu parecer e o seu trajar, o seu viver e o seu praticar, que em toda a parte se fazia conhecer pelo nome de Braz-mimoso. Tudo n'elle era com effeito mimoso: estatura muito menos que ordinaria, pequeninos pés, delicadas mãos... pisar subtil... e até juizo curto. Com o melhor genio do mundo, vivia com tudo em guerra declarada com a natureza, e se não lhe era possivel vencel-a, ao menos escondia os triumphos, que ella sobre elle obtinha.

Assim, o pezo dos annos tinha conseguido começar a dobrar-lhe o corpo; pois Braz-mimoso

comprou um espartilho, e se pôz tezo, direito, e gracioso, como uma palmeira.

Os cabellos lhe forão pouco a pouco cahindo ; Braz-mimoso usou para logo de cabelleira.

Os dentes se lhe cariárão, e se perdêrão ; Braz-mimoso appellou para uma dentadura postica.

Com o crescer da idade conheceu que se ia tornando pesado ; Braz-mimoso não perdeu mais em sarão alguma occasião de dançar a valsa de corropio, e por ultimo fez-se mestre nos sapateados da polka.

Lembrou-se que poderia ir ficando rabugento e frio ; Braz-mimoso não deixou mais a companhia das moças, tornou-se namorado ; como nunca, recita versos, canta modinhas, e escreve cartas de amor.

Tambem não lhe falta tempo para nada d'isso : official reformado no posto de capitão, elle passa vida de anjo : almoça, janta, e cêa sempre, e muitas vezes dorme em casa dos amigos ; de manhã vai para os hoteis ler periodicos ; se é tempo de legislatura, ás dez horas gruda-se no melhor lugar de uma das galerias, e ouve, e decora para repetir nos circulos que frequenta, os mais fortes discursos da opposição : se as camaras estão fechadas, passêa, ou lê romances, nas quintas feiras vai ao muzeu, de tarde ao passeio publico, e de noite ás assembléas, ou ao theatro no camarote de algum conhecido. Frequenta muito a rua do Ouvidor, sabe de modas e de vestidos, como Mme. Gudin, de flores como Mme. Finot, de cosmeticos e pomadas como Mr. Desmarais. Possui uma lista de todas as moças bonitas do Rio de Janeiro com a nota de suas moradas, tem a modestia de se erer amado por

quasi todas, conhece meio mundo, vai a toda a parte, e come, bebe, e falla, como... só elle.

Nós o vamos encontrar almoçando com a familia de Venancio; estão á mesa cinco pessoas.

Venancio, que almoça com a boa vontade, de quem sabe que a meza é o unico prazer que lhe resta no mundo.

Thomazia, que devorando quanto vê diante dos olhos, assegura a todos os momentos que nunca tem fome, mas que se vê obrigada a alimentar-se por causa de sua querida filhinha, que deseja amamentar com os seus proprios seios, medrosa dos inconvenientes do leite mercenario.

Felix, moço de vinte e seis annos, de estatura ordinaria, magro, pallido, com as mãos muito brancas, e bem feitas, desconfiado, e melancolico de natureza, mas com taes qualidades modificadas pela frequencia das sociedades: vestia calças e collete branco, e uma sobrecasaca, que perfeitamente lhe assentava: tinha ao pescoço uma gravata de côr, muito baixa, e bordada com igualdade mathematica por uma estreitissima dobra do collarinho: sobrinho de Thomazia, frequentava elle com admiravel assiduidade a casa da titia: comendo com a rapidez e boa vontade de um caixeiro, de cada vez que levava o bocado á boca, Felix atirava uma olhadura fulminante sobre a prima Rosinha.

Rosa é a mocinha, a quem já conhecemos do theatro: com seus dezeseis para dezeseite annos, é ella uma menina d'essãs moreninhas capazes de fazer andar com a cabeça á roda a mais de meia duzia de rapazes a um tempo: pouco alta, esbelta, com lindos e vivos olhos pretos, com suas pequeninas mãos, proporcionados pésinhos, Rosa que

se vê ao espelho tresentas vezes por dia, gosta muito de si mesma, e animada pela perigosa educação com que foi creada, é sem mais nem menos conquistadora, loureira, e espartilha de mais: como tem ás suas ordens a chave da despensa, e o dia inteiro por seu, ella come menos que um passarinho diante dos hospedes, e serve o chá tomando as taças com as pontas dos dedos, mostrando assim muito bem um rico anel de brilhante que nunca deixa.

E finalmente Manduca, com quem igualmente já tomámos conhecimento no theatro, era o predilecto de Thomazia, rapaz apaixonadissimo por pão com manteiga, com a qual então já tinha emplastado tres partes de seu escarpado rosto.

Tomando a ultima gota de chá, Venancio ergueu-se, como quem se suppunha de mais n'aquella roda, e retirou-se.

Apenas acabava de sahir o velho marido, Brazmimoso voltou-se para a dona da casa, e disse:

— Devo confessar-lhe, Sra. D. Thomazia, que tenho dado tratos ao pensamento para penetrar aquelle mysterio, do qual me fallou hontem á noite.

— Mas... não me recordo.

— Ora... quando me perguntou se eu conhecia o moço de gravata côr azul celeste.

— Veja só!... pois ainda se lembra d'isso? estou pensando que só para fazer-me essa pergunta veio dar-nos o prazer de almoçar connosco; vês, Rosinha, nós as mulheres somos exclusivamente as curiosas...

— Mas como me havia promettido a decifração do mysterio...

— Sim... sim... porém eu disse isso sómente para accender algum ciumesinho no coração do

meu Venancio... bem sabe, que o ciúme é o adubo do amor... eu por mim sou ciumenta como o mouro de Veneza.

— Bravo, minha mãe!... bravo!... exclamou o interessante Manduca.

— Cala-te Manoel-sinho, diz Thomazia, não é bonito interromperes a tua mãe.

— A pesar de toda a sua modestia, tornou Braz-mimoso, eu juro pelos olhos da Sra. D. Rosa, que não é de um ciúme, porém de uma conquista, de que se tratava no theatro.

— Muito bem! disse Rosa, então jura por meus olhos!...

— Pois não, minha senhora, sempre se jura por algum objecto sagrado.

— Ora...

— Deixemos isso, acudio Thomazia; mas já que o Sr. Braz levantou a ponta do véo, é melhor que o rasguemos todo.

— Minha mãe, fallou Rosa em segredo, olhe meu primo...

— Que importa?... oiga, meu sobrinho, Rosa tem medo que se falle em sua presença... dir-se-ia que você e ella são dois apaixonados.

— Apparencias, minha tia, apparencias...

— Tambem o que se vai dizer não é mais, que um d'esses casos de todos os dias...

— Um d'esses casos que succedem á minha prima todos os dias?... perguntou o tal primo Felix.

— Ha de ser pouco mais ou menos isso, respondeu a moça resentida.

— Estavão hontem á noite em um camarote, disse Thomazia dirigindo-se a Braz-mimoso, duas senhoras; uma casada, e outra solteira: um moço,

que se achava na superior, gastou a noite inteira em prestar-lhes a mais obsequiosa attenção: esse moço vestia-se elegantemente; tinha um rico relógio, um excellente alfinete de brilhante, gravata côr azul celeste, luvas de pellica côr de carne, emfim, trajava com o ultimo apuro do bom gosto: d'aqui tirão-se tres conclusões; primeira — o moço gostou de uma das senhoras; segunda — o moço parece não ser pobre; terceira — o moço é adepto ao culto do bom gosto.

— Eu tenho reparado, disse o primo Felix, que minha tia é logica até a ponta dos cabellos; prima Rosinha deverá aproveitar muito, pois mostra grande capacidade.

— Ora, proseguio Thomazia, o casamento é o negocio da mulher: casar é ganhar sempre; mas casar bem é ganhar tresentos por cento; se pois a senhora casada, que estava n'esse camarote, podia esquecer o moço logo ao voltar-lhe as costas, não succede o mesmo á moça solteira; provavelmente ella desejará saber qual o estado d'esse homem: se é casado, passe muito bem; mas se pelo contrario está livre, não se perde nada em trazel-o para perto... estudal-o... observal-o, e se conveniente fôr deitar o anzol no mar a vêr se cahe o peixinho.

— Agora, minha tia, esperamos pelas consequencias.

— A consequencia é esta: o Sr. Braz que é amigo de familia, e que se não o fôra, não me ouviria fallar com tanta liberdade, conhece esse moço, dir-nos-ha se é solteiro ou casado, e nos fará o obsequio de offerecer-lhe um convite para assistir ao sarão que daremos no dia do baptisado de minha filha.

— Pois minha senhora, disse Braz-mimoso, pôde contar com o moço da gravata azul celeste, que é sem mais nem menos o meu amigo Octavio.

— Octavio !... exclama Felix.

— Tambem o conheces?...

— Perfeitamente.

— E por tanto pôdes dizer-nos...

— Sem duvida, tudo quanto minha tia quizer; bem entendido, se o Sr. Braz der licença, e minha prima Rosa se ameigar um pouco.

— Pois anda, sobrinho, dize-nos, o que sabes.

— Sei que o Sr. Octavio vai fazer trinta annos...

— Pois que ! é quasi da minha idade?... perguntou Thomazia, não deixando passar aquelle enjejo de caçoar com o tempo.

— Pouco mais ou menos, proseguio Felix rindo-se, vai como disse fazer trinta annos, posto que mais moço pareça : é rapaz de optimas qualidades, de muito bom gosto, e ainda mais negociante rico.

— Mas como é possível que nós não o conhecessemos?... eu então, eu que conheço todos os homens solteiros e ricos, desde que a minha Rosinha fez quatorze annos : como ? como me escapou este ?

— Facilmente, minha tia ; Octavio era, ainda ha cinco annos, guarda-livros de seu pai ; não tinha licença para frequentar nem sarãos, nem assembléas ; não contava amigos ; eu era o unico, que o podia visitar, e ser por elle visitado ; ha cinco annos morreu-lhe o pai, e depois...

— E depois ?

— Elle teve de embarcar-se para arranjar certos negocios... emfim, para facilitar o commercio de certas fazendas que não pagão direito na alfandega, porque desembarcão em praias desertas, e...

— Entendo... entendo...

— Tem sido por isso obrigado a repetir miudamente suas viagens, e apenas hontem chegou: eis o que lhe posso dizer, minha tia; o resto pertence à prima Rosa.

— Vamos lá...

— Primiinha, Octavio é solteiro... bonito... bem-feito... rico... sensível... e provavelmente não poderá resistir aos seus olhos pretos.

— Optimamente! disse Thomazia, será um convite de consequencias!

— Mas espere, minha tia! continuou Felix, posto que devamos contar muito com o poder dos olhos da prima Rosa, com tudo...

— Com tudo o que?...

— Quem é a madrinha da menina?!

— Pois já te não disse que era D. Lucrecia?!

O primo soltou uma risada.

— De que te ris, Felix?

— De uma coincidencia, minha tia.

— E qual?...

— Paciencia, prima Rosa; mas a madrinha de sua mana é ha dous annos a dama dos pensamentos de Octavio.

— E' possível?...

— Tão possível, como a minha prima tirar-lhe o lance.

— Ora... quem diria?!... mas emfim, Sr. Braz, não se perde nada em trazel-o para perto de nós.

— Sua comadre, minha tia, ha de agradecer-lhe muito.

Thomazia arrastou sua cadeira para perto da de Braz-mimoso, e com elle travou uma conversação cerrada, e em tom de quem não queria ser ouvida.

Felix escondia debaixo de sua fingida jovialidade uma dose de ciúme, que já muito cruelmente o incommodava; Rosa affectava ter tomado pouco interesse no que dissera sua mãe, e Manduca continuava a devorar pão com manteiga.

Rosa aproveitou aquelle momento e dirigio-se a Felix, fallando-lhe tambem em tom baixo.

— Mas você não tem razão, meu primo, que culpa tenho eu, que me achem bonita?...

— Mas você não tem razão, minha prima, eu ainda não a accusei de falta alguma.

— Sempre lhe conheci ciumento.

— Ora... quando se ama uma moça tão firme, como minha prima...

— Senhor!... basta de ironias!

— Senhora!... eu estou fallando, como Salomão, com o coração na mão.

— Eu não desço de minha dignidade para fazer caso do que o senhor diz.

— Bravo, mana Rosa! bravo! exclamou Manduca com a boca cheia.

— Então que é isso? perguntou Thomazia.

— Era uma historia, que eu contava, respondeu Felix.

— E' verdade, minha mãe, era uma historia, que elle contava á minha mana.

— Pois se era uma historia, nós todos queremos ouvi-la.

— Agora meu primo! exclamou outra vez Manduca, conte a historia á minha mãe.

— Pois lá vai, disse Felix sem hesitar; é uma historia muito verdadeira, e o que é mais, acontecida ha pouco tempo: ia eu hontem para S. Christovão, no omnibus das cinco horas da tarde: quando

chegavamos á ponte do Aterrado vimos vir um homem que, montado em vivo cavallo, todavia acompanhava a custo uma joven, que cavalgava branco palafrem, boleado, ardido e fogoso : nem eu, nem nenhum dos que no omnibus vinha, se importou mais com o cavalleiro, que a seguia : nossos olhos ficarão embebidos na joven cavalleira.

— Isso é muito natural, disse Braz-mimoso.

— O vestido da moça era verde-escuro : nada mais engraçado do que sua cinturinha delicada, do que o corpinho justo de seu vestido, que desenhava as mais encantadoras, e voluptuosas formas : ella trazia na cabeça um simples bonet preto que, muito pequeno para esconder seus cabellos, deixava cair uma multidão immensa de bellos anneis de madeixas negras, que voavão pelos ares na impetuosidade da carreira, que trazia o cavallo : oh!... ella passou junto do omnibus !

— E então?...

— Oh ! minha tia, é cruel, mas enfim, os anjos devem passar assim, rapidos e brilhantes como o relampago !...

— Por tanto, não sabes se é bonita ou feia?...

— Sei, sei muito bem : n'esse curto instante nós admirámos, desprendendo um leve chicotinho, uma pequena mão de cherubim.

— Mas o rosto?... o rosto?...

— O rosto será talvez pallido ; mas a agitação lhe accendia o rubor nas faces... meigo sorriso estava deslisado em bellos labios côr de nacar... e seus olhos grandes... negros... ardentes... brilhavão como o sol no mais claro dia : oh!... palavra de honra, minha tia, é o rosto mais bonito que tenho visto !

Rosa soltou uma gargalhada, e disse :

— Continue a sua historia, meu primo, na verdade está muito bonita.

— Essa moça causou-nos, como era de esperar, a mais viva impressão ; e um joven poeta, que comosco ia, exclamou : — eis o typo romantico — ! e em toda a viagem não fallámos, senão na moça romantica.

— E depois ?...

— Voltando de S. Christovão para a cidade achei a noticia de que meu amo, o Sr. Hugo de Mendonça, havia chegado, e partido logo para Nietheroy, onde tinha mandado alugar uma chacara : fui immediatamente vê-lo : e quem o diria?... o homem que seguia a joven cavalleira, e de quem desviei os olhos, para só empregal-os n'ella, era meu amo !

— E a joven cavalleira ?...

— A joven cavalleira é filha d'elle, a quem não conheci, sem duvida pela grande rapidez com que passou junto do omnibus.

— Pois bem : e como a achou ?

— Desgraçadamente não a pude vêr : estava descançando.

— Foi na verdade uma desgraça enorme!... disse Rosa.

— Certamente, acudio Felix ; mas foi uma desgraça, da qual eu espero, que minha tia tome o cuidado de vingar-me.

— Como ?...

— Já que minha tia não se furta a offerecer convites para o seu sarão a pessoas a quem não conhece, eu lhe rogo, que me encarregue de levar uma carta ao Sr. Hugo de Mendonça, meu amo.

— Eu sei... mas...

- Não o deve fazer, minha mãe, disse Rosa.
- Oh! minha prima! não se perde assim uma moça bonita, quando se trata de um sarão.
- Temos muitas, e muito bonitas!
- Sim, minha mãe!... ha-de-se convidar a moça romantica, eu quero dançar com ella.
- Eu entendo, que ella deve produzir effeito, disse Braz-mimoso; sempre é uma novidade...
- Não ceda, minha mãe!...
- Ora... dir-se-ia que minha prima tem medo da concorrência...
- Com effeito!... meu primo está hoje... insupportavel.
- Porque, minha bella prima?... por fallar na concorrência?... não, eu tenho a certeza, de que minha prima não tem medo...
- Eu vou mostrar-lhe, que não tenho medo!... minha mãe, mande convidar essa gente que veio do campo!
- Pois sim, convidar-se-ha.
- Bravo, minha mãe!.. gritou Manduca.
- Estou louco pelo sarão; disse Braz-mimoso.
- Os dous primos estavam exasperados um contra o outro: Thomazia quiz vê-los fazer as pazes.
- E vocês, meninos, parecem creanças! andem, engajem-se ahi para a primeira contradança.
- Não posso, minha mãe, disse Rosa.
- E' impossivel, minha tia, acudio Felix.
- Oh! e porque?...
- Porque eu quero guardar a primeira contradança para o Sr. Octavio.
- Porque eu fiz votos de dançar a primeira contradança com a moça romantica.
- Que loucos!... exclamou Thomazia.

IV.

Honorina e Rachel.

A pouca distancia d'esse mar sereno e amoroso, que lambe as brancas orlas da voluptuosa Nictheroy, se levanta uma graciosa casa cercada de lindos jardins, e meio escondida por trás de sibilantes casualinas e frondosas mangueiras, e olhando como namorada para a cidade do Rio de Janeiro, defronte da qual se terminão seus curtos e floridos dominios por um gradil a cavalleiro do mar, para quem abre passagem engraçado portico campestre ladeado de bancos de relva.

Alla ia a noite : o silencio das deshoras derramava não sabemos que feiticeiro encanto sobre essa pequenina e deleitosa cidade, adormecida ao clarão de cheio luar, por entre seus vales e bos-

ques, pelas encostas de seus montes, e com uma de suas faces banhadas por mansinhas ondas, e toda ella emfim embalada em seu dormir pelo sussurrar dos zephyros, que velavão galanteando as flores de seus mil jardins.

Mas, contrastando com esse geral silencio, como dous bellos genios da noite, duas moças conversavão recostadas a uma janella da casa, que ficou acima notada; perto e defronte d'ellas um pé de casualina se elevava, e a lua penetrando por entre seus galhos, espargia-se gostosa sobre os semblantes de ambas! ao clarão do luar parecião igualmente pallidas, e em descuidoso desalinho, que a hora e a solidão desculpava, longas madeixas, negligentemente soltas, cahião como espessa nuvem negra sobre espadoas côr de leite; dir-se-ião duas sombras encantadas e bellas.

Depois de separação dilatada, essas duas moças de novo se abraçavão: quem sabe, quem tem sido testemunha do afan com que se dizem mil cousas duas amigas da infancia, que ha muito tempo se não vêem, comprehenderá facilmente o porque velavão em taes deshoras Honorina e Rachel.

Depois de longos mezes passados no campo, Honorina, a joven romantica, de quem havia dado noticias Felix, tornava para a sua bella côrte, e pela primeira vez a sós com Rachel, a camarada de seus jogos de infancia, a companheira de suas travessuras de menina, a comadre de suas bonecas, ella olvidava que a noite corria, e conversavão juntas.

Um momento havião ficado ambas em silencio; quando Rachel, que até então só tivera de responder á sua amiga, entendeu que cumpria por sua vez interrogar.

— Mas, Honorina, d'ora avante deixarás tu de ser freira?...

— Eu devo crer, que sim, Rachel; pois que é morto meu avô, e meu pai não olha para o mundo como o encarava aquelle.

— E por tanto, tu vás ser a bella princeza de nossas festas?

— Pensas isso?...

— Com tão lindos olhos, e tão bello rosto, disse-lhe Rachel dando-lhe um beijo, impera-se nas sociedades, e escolhe-se um escravo para marido.

— Mas, casar-me-hei eu?...

— Que pergunta? terás medo de não achar quem jure que te ama?...

— Quem sabe?... e tambem, Rachel, chegarei eu a amar?...

— Em conclusão, e ainda que tu e eu fossemos feias, é tudo isso muito indifferente para acharmos, quem nos proteste amar, e queira casar connosco.

— Mas porque?...

— Porque somos ricas.

— Oh Rachel, isso é horrivel!...

— E todavia nada ha n'este mundo mais verdadeiro; e como é n'este mundo que devemos viver, demos graças a Deos, que nos deu fortuna e riqueza.

— Permitta Deos, Rachel, que tu me estejas mentindo; porque eu teria vergonha de viver em um mundo como esse.

— Escuta, Honorina, a diversidade de nossos pensamentos a tal respeito, nasce da differença de educação, com que se nos fez crescer. Ambas temos dezeseis annos; mas tu és muito mais nova que eu. Nossos pais nos amão com amor igual,

quizerão ambos dar-nos a maior felicidade possível; ricos, como são, desejarão que nós tivéssemos todas as prendas peculiares do nosso sexo, e mais ainda, que nosso espirito fosse affincadamente cultivado; de modo que nós, adquirimos o dobro da instrução, que sóem ter nossas patricias, com a educação ordinaria.

— Rachel, continúa.

— Mas, para conseguir esse fim, nós trilhámos caminhos absolutamente oppostos: comecei por ti, Honorina. Tu tinhas um avô, que te idolatrava com excesso, homem do seculo passado, que chegara até o nosso com todas as velhas idéas firmes, e inabalaveis: elle combateu a vontade de teu pai, oppoz-se ao genero de educação que se te queria dar, e para que este conseguisse vêr-te instruída, foi preciso conceder, que toda a instrução te fosse dada debaixo dos olhos de teu avô. Esse bom velho via o mundo cheio de mentiras e traição, de perigos e de enganos; e tremendo pelo seu querido anjo, temendo que o bafo do vicio manchasse a flor de seu coração, elle te escondeu dos homens: tu eras a sua bella violeta... modesta, occulta entre suas folhas: previdente, elle fugia contigo em sua alma, quando sonhava um perigo; escolhia a casa, em que devias passar uma só hora em uma noite; cobria teu rosto com um véo para te levar á Igreja; tinha os olhos fitos sobre teus mestres, e ensinou-te a amar a virtude no seio da solidão: e tu cresceste; e aos quinze annos eras bella, sem saber que o eras; alegre, sem conhecer o mundo, e pura e innocente, como a flôrzinha; porque emfim nunca se havia queimado a teus pés o thuribullo lisongeiro d'essas reuniões perigosas, onde reina

uma febre de vaidade tão fatal, como contagiosa ; porque enfim nunca fallára a teus ouvidos o galante mancebo, que jura, quando mente ; que festeja, quando atraçõa ; que diz que ama, e vai rir-se !

— Oh ! foi assim ! exclamou Honorina abraçando sua amiga.

Rachel prosegue.

— Ha um anno tu perdeste teu avô, e teu tio : forão dous golpes de uma vez : teu pai teve de sahir da côrte para tomar conta de fazendas e bens, que seus dous parentes havião deixado : dez mezes passaste no campo, e agora voltas mais bella, mais interessante que nunca : teu pai, que não desposa os costumes dos velhos tempos, vai atirar-se comigo no meio do tumulto da côrte : e pois as sociedades te vão abrir suas portas, e tu entrarás por ellas com o receio no coração, e um mundo novo se apresentará a teus olhos : has de corar ao mais simples cumprimento, tremerás ao mais leve graço, e não comprehenderás tão cedo esse viver de illusões e de mentiras, que se vive nas sociedades elevadas, essa arte preciosa, e naturalmente cortezã de encobrir a friesa do coração com o fogo dos olhos, e occultar a indifferença ou a maldade dos sentimentos com o sorriso dos labios ; poderás tu passar pela noite de um sarão, como um raio de luz atravez de um corpo diaphano?... não levarás nenhuma lembrança d'elle ? dormirás sem sonbar, acordarás sem suspirar?... não te chegará á alma nenhum olhar, e não irão em alguma vez até ella as palavras ardentes do homem, que te requestar uma noite inteira?... oh Honorina, tu não comprehendes o que é um homem, que nos tenta enganar!... no seio da paz e da solidão, onde cresceste,

tu sonhaste com o mundo... e o sonhaste nobre, puro, sincero como tu mesma; julgaste todos os homens por teus pais e teus mestres: acostumada com a verdade, não sabes desconfiar da mentira, e até ha pouco creada e associada só com a virtude, tu a vês... tu pensas encontrar-a por toda a parte; e não sabes pensar, que n'este mundo se apresentão semblantes, que se parecem com o d'elle, mas que não o são; que são mascaras traidoras, que escondem o aspecto horrivel do crime!... e por tanto, Honorina, sendo bella, como o dia, tu és ainda innocente como a pomba do valle; pura, como o favonio da madrugada: sim, graças á tua educação, tu és a propria virtude, não conheces o vicio: mas ah! por isso mesmo difficilmente escaparás de suas redes!...

Honorina occultou o rosto no seio de sua amiga, e só passados alguns instantes disse:

— E tu, Rachel?...

— Comigo, Honorina, passou-se o contrario de tudo isso. Meu pai vio tambem medroso o mundo cheio de mentiras e de traições, de perigos e de enganos; tremeu por mim, que me ama tambem, como o seu anjo; mas em lugar de esconder-me dos homens, levou-me para o meio d'elles; em vez de fugir comigo dos perigos, conduzio-me á borda dos abysmos, e fez-me medir com os olhos o seu fundo até recuar horrorisada!... amante, carinhoso, pai, e amigo ao mesmo tempo, elle procurou e soube ganhar a minha confiança inteira: oh Honorina, elle lê no meu coração, como no seu livro; meu pai é uma segunda consciencia, que eu tenho.

— Oh! falla mais, Rachel!

— Com effeito, Honorina, desde a mais tenra

idade, eu comecei a não ter segredos para meu pai, a ser a seus olhos tão transparente, que elle lia, quanto se passava na minha alma; era em tal que baseava todo o edificio de minha educação moral. Aos doze annos eu pizei no grande mundo; meu pai me fazia frequentar as sociedades, os sarãos e as festas: Honorina, erão lições, que me elle dava: quando voltavamos a casa, interrogava o meu coração, a verdade fallava por meus labios, e meu pai me mostrava a acção, em que havia um erro, as palavras doces, que eu tinha ouvido, e que erão uma vil lisonja, uma perigosa mentira, ou que vestião uma traição! diante do espelho elle me convencia, de que eu não era encantadora, como me tinhão dito; á força de um raciocinio simples e vehemente, elle fazia vir á flôr d'agoa, a verdade, que fôra submergida no mar de loucos e falsos protestos, de exaggerados obsequiós, e d'essas primeiras e temerosas supplicas, que nos fazem, e que são sempre a chave, que abre a porta a mil atrevidas pretensões. Honorina, meu pai nunca voltou as costas ao perigo, nem os olhos ao vicio; era para ao pé de ambos, que elle gostava de me conduzir: eu dancei, eu passei com vezes ao lado do homem depravado, do homem, de quem toda a mulher devia recear; e depois, quando me achava a sós com meu pai, elle me dizia: « Rachel, danceste e passeaste com um miseravel: os seductores fallão e praticão como elle ».

Honorina, eu vi a mulher perdida, observei-a em todo o horror de sua vida, de seus martyrios e de suas vergonhas, e era meu proprio pai, quem m'a apontava com o dedo para dizer-me depois: « Rachel, eis a mulher pervertida »! E assim, Honori-

na, eu aprendi a conhecer o seductor, e vi com terror os effeitos da seducção.

— Deve ser assim, Rachel, mas falla ainda...

— E por tanto, Honorina, tua educação te faz muito mais nova, do que eu; eu vi o mundo desde que raciocinei, e tu até agora sómente ouviste fallar d'elle; tu temes o vicio pelos seus espinhos, oh Honorina, é preciso temel-o ainda mais pelas suas flôres!... e então este nosso mundo, que hoje nos está lambendo os pés para amanhã cuspir-nos no rosto!... este nosso mundo, em que as mulheres são sempre nossas rivaes, que nos observão, e nos estudão para morder-nos, e perder-nos; e os homens quasi sempre sacerdotes de um culto horri-vel, que nos ornão as cabeças com flôres insanas, para logo depois immolar-nos no altar de seu Deus de torpezas!...

Honorina respondeu a essas palavras de Rachel com um pungente gemido. Em seus feiticeiros sonhos de moça ella tinha imaginado modesto e nobre, virtuoso e alegre esse mesmo mundo, cuja descripção, talvez exagerada, lhe fazia agora estremecer de espanto e de horror.

Rachel ainda proseguio :

— E que pensarás tu, minha Honorina, ou ainda melhor, que pensa a rica herdeira, a quem se corteja n'um sarão?... oh!... se acredita sómente na decima parte, do que lhe dizem... é já uma louca.

— Como!

— E é quasi impossivel não enlouquecer, Honorina: porque ali cerca-se de todos os lados uma moça rica; não se lhe falla, se não com a linguagem da adulação; trata-se de affogar-lhe o bom

senso com o fumo perfumado da lisonja : vem dez, vinte, cem elegantes mancebos jurar-lhe amor e ternura... e ella... ella, já louca, conta por victorias de seus olhos os triumphos do seu dinheiro!...

— E por tanto, só as ricas são amadas?... perguntou ingenuamente Honorina.

— Oh! lá não se perde nada!... a senhora de grande dóte é o amor... o calculo do futuro: a bella joven de fracos teres é o amor... o passatempo do presente: vivemos em um seculo de frias idéas, em uma época de algarismos: tudo é positivo... o commercio tem invadido tudo: negocia-se tambem com o sentimento.

— Ah! Rachel! e no entanto tu estás sempre alegre!

— Porque é preciso rir, Honorina, já que o chorar não dá remedio... e tambem com animo e virtude assoberba-se a tempestade. Olha, nós somos amigas dos primeiros annos, caminemos pois juntas, e nos ajudaremos mutuamente: além de que, Honorina, e para tornar ao ponto, d'onde sahimos, nós pertencemos ao pequeno circulo das mais felizes: eu te dizia temos ricos dotes.

— Mas essa idéa de devermos tudo ao nosso dinheiro, não te acanha, Rachel?

— Eu sei, Honorina; porém n'esta vida não nos dão licença de pensar, senão no casamento; e a esperança d'este está mais em um bom dote, do que em dous bonitos olhos; por tanto, dêmos graças á Providencia, já que nem por feias espantamos, nem por pobres desesperamos.

— Oh! porém é torpe, Rachel, disse com enthusiasmo Honorina; é torpe, que um homem venda seu coração, ou pelo menos a liberdade, por um co-

fre cheio de ouro ! é um horrivel sacrilegio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar, receber a benção do sacerdote, estender a mão para uma triste mulher, com os olhos em seu rosto, e o pensamento no seu dinheiro !... e mais baixo, e mais torpe que tudo isso é um homem negociar com a desgraçada sympathia, que lhe tributa uma infeliz mulher, enganar-a quando ella conta com o seu amor ; e quando a conduz do templo para casa, antes de outorgar-lhe o primeiro beijo de esposo, correr a seu escriptorio a escrever no livro de suas contas mais uma parcella na columna dos rendimentos !... Rachel, se eu me casasse com um homem d'esses, daria todo o dote, que tivesse de meu pai, para que elle se não assentasse junto de mim ; porque eu teria nojo de sua alma !... Rachel, dize, que zombavas de mim, quando fallavas ha pouco, ou então eu te juro, que melhor me fôra ser pobre !...

— E pensas, Honorina, que ganharias muito com isso ?...

— Pelo menos, Rachel, quando eu chegasse a ser amada teria a certeza de sel-o por mim mesma.

— E no entanto com esse teu bello rosto, mais que a nenhuma outra, te armarião traicões, e cavarião debaixo de teus pés um abysmo, de que escaparias, eu sei, com tua virtude ; mas tambem com trabalhos, soffrimentos, e lagrimas : Honorina, o pensamento dos homens, a respeito de nós outras é este : «venda-se o homem pelo ouro da mulher rica, para com esse ouro tentar perder a mulher pobre» : repito, o nosso mundo é este ; vivamos pois com elle, e tanto mais, que não vejo razão para a ceulema, que tens feito.

— Oh ! Rachel ! quando se nos quebra contra o

coração o unico sentimento, que pôde fazer a ventura da mulher n'este mundo!... quando se nos apaga no espirito a unica luz, que nos pôde tornar brilhante o caminho da vida!... quando parece, que nos estão dizendo « mulher! não ames »!...

— Meu Deos!... mas tu és romantica, Honorina!...

— O amor!... o amor!... o amor!... exclamou Honorina com sentimento, e fogo.

— Amor, minha cara amiga, é uma vã mentira; amor não é mais que uma das muitas chiméras, com que a phantasia nos entretem na vida, como a bonéca, que se dá á creança para conserval-a quieta no berço... o amor não é mais que a flôr de um só dia, que abre de manhã, e antes da noite está murcha...

— Rachel!... pensar assim com dezeseis annos!... dizer que amor é uma chiméra!... flôr de um só dia... oh! pois bem! mas essa flôr tem um aroma que hade embriagar; que deve adormecer-nos n'um bello somno cheio de lindos sonhos, do qual só deveriamos acordar para passar de suas delicias para as delicias do paraíso!...

— Honorina! eu tenho medo de ti!... pensa bem n'isto: o amor é uma hora de felicidade em chammas, que levantão altas labaredas; mas que se extinguem cedo para deixar após a cinza e o fumo da indifferença ou do aborrecimento, que tolda para sempre o horisonte da vida dos amantes, se o zephyro da amisade não vem a tempo para limpá-lo.

— Oh! pois bem, Rachel, a desgraça de toda a minha vida... o horisonte d'ella toldado pela indifferença, ou pelo aborrecimento; mas uma só hora d'essa felicidade em chammas, que tão cruelmente

pintaste!... oh! sim!... o amor de um homem, que se misture com minha vida e com o meu futuro; que comigo faça um só ente; que se esqueça de meu ouro; d'esse ouro vil, para se lembrar de mim só... como eu me lembrarei só d'elle!... ah! Rachel, um amor de poeta!... um amor de fogo, ainda que acabe na desgraça e na morte, mas que seja sempre o mesmo amor, deve ser bem bello!...

Os entusiasticos e nobres pensamentos da moça forão interrompidos por soluços, que quasi a suffocavão. Ella chorava, e tinha razão para chorar.

Alma tão ardente e angelica, tão cheia de poesia e de imaginação, devia doer-se, sentindo-se presa em um mundo todo de materia, de gêlo, e de torpe positivismo.

A educação tinha arrojado essas duas moças para dous extremos, ambos perigosos. Uma, acostumada a ouvir com santo amor filial todos os conselhos de seu pai desde os primeiros annos; affeita a olhar para o mundo sempre pelo lado peor; tendo aprendido a amar a virtude, menos pelos encantos d'esta, do que pelo horror, que deve inspirar o vicio; escutando a todas as horas a voz de uma moral franca, grandiosa, mas fria e melancolica; abafou, sem talvez o querer, dentro do coração os sentimentos brilhantes, arrojados, e ardentes, proprios de sua idade. O amor é por ella considerado uma mentira, ou um abysmo: e orgulhosa de sua educação, e de sua prudencia, ri-se do mundo, e para o mundo.

Uma moça pensando, como Rachel, pôde causar surpresa; mas certamente faz entristecer: porque sua sensibilidade parece embotada, e a sensibilidade é o perfume da belleza.

A outra, creada longe do bulicio da sociedade, separada do grande mundo pela vontade de sua familia, porém ao mesmo tempo instruida com esmero ; tendo até então conversado sómente com os livros, imaginou, o que não podia vêr ; cresceu na solidão, como uma flôr, pura, innocente, cheia de deleitosas fragancias ; e a solidão alimentou, accendeu, inflammou sua imaginação brilhante que voou livremente... ella sonhou pois com um mundo... com cem amigas... com um bello mancebo... esposo, e amante, e todo o seu sonho era encantador... feiticeiro... adoravel ! tanto tempo, dezeseis annos fechada comsigo mesma... com a alma repleta de ternos e ardentes sentimentos, e sequiosa de generosas impressões, ella que lêra romances, e poesias, ella que se fizera poeta na soledade e no retiro... pensava em amor com religioso encantamento ; separava d'esse ente ideal, mavioso, angelico, e vivificante toda a idéa material, e bruta... não, não separava ; antes nunca se tinha lembrado ella, virgem e innocente, que se podesse ligar uma só d'essas miseraveis idéas, com aquelle filho mimoso do coração, amamentado, creado, embellecido, endeosado pela imaginação.

E por tanto ambas essas moças se enganavão com o mundo, e talvez que seu erro seja para ambas funesto.

E' possivel que um dia desperte no coração de Rachel o sentimento, que ahi dorme, e n'esse caso terrivel deverá ser a reaccão.

E Honorina achará n'esse mundo, em que vai entrar, seu bello sonho de poesia? haverá n'esse mundo, que sem talvez estar tão pervertido, como o pinta Rachel, é todavia egoista, máo, e enregela-

do ; haverá n'elle ainda um homem, que comprehenda a alma d'essa mulher-anjo, que pede ao céu um amor de poeta e de fogo?... d'essa nobre moça, que com a ponta de seu pé arrojará para longe de si o cofre de ouro do homem que ella não amar, e que pretender possuil-a?...

Oh!... se a realidade fria e negra apparecer sempre desmentindo sua imaginação alva e fervente, quanto não custará a essa creatura angelica o arrastar a vida por este nosso campo de misérias!...

Mas Rachel, que primeiro escutára admirada a linguagem sentimental e entusiastica de sua amiga, apertou-a contra o peito, vendo-a chorar tão tristemente ; e como se antevisse os perigos, que ella ia correr com tão inflammado espirito, exclamou quasi sem sentir :

— Infeliz da minha Honorina!...

— Sim, sim, Rachel, bem infeliz ; porque vivo n'este mundo de ambições e de vergonhas, onde, tu dizes, que se ama a mulher pelo seu dote.

— Nada de tristezas agora... e tanto mais, que se fores enganada no teu amor, saberás olhar de bem alto para o homem, a quem comprares, com o teu dinheiro.

— Rachel, e pois que a solidão me fez tão sensível, e tão capaz de amar, perdôa ; mas preciso é confessar, que tambem o aspecto e as lições do mundo tem embotado em tua alma o mais fino dos sentimentos ! nós temos tocado os extremos, arrebatadas pela educação, que nos derão nossos maiores : eu serei demais innocente ; mas tu ficaste sabia de mais.

— Aceito o cumprimento, Honorina, e te offe-

reço toda a minha sciencia: façamos um contracto: segundo as necessidades do momento eu te emprestarei metade de minha malicia, ou tu me darás algumas dóses de tua innocencia. Ora pois: realisemos os votos de nossa infancia; soldemos para sempre os laços de uma amisade velha, como a nossa vida; celebremos uma dupla alliança offensiva, e defensiva, e primeiro que tudo, Honorina, — confiança por confiança —.

— Sim, Rachel, — coração por coração —.

E as duas moças acabavão de sellar com um beijo o tratado de alliança; quando sentirão rumor, como o que faria alguém que furtivamente se retirasse por entre os arbustos do jardim.

— Meu Deos!... é alguém...

— Honorina! eu tenho medo!...

As duas moças instinctivamente cerrarão a vidraça, trancarão a janella, e depois de escutar se de novo fazião algum ruido no jardim, lançarão-se ambas sobre o mesmo leito.

.....
Ellas dormião ainda no momento, em que Lucia entrou no quarto, e as acordou dizendo:

— Já são nove horas da manhã, senhoras!...

As duas moças erguerão-se, e tratarão de vestir-se; depois lembrando-se da noite, que havião passado, ellas forão á janella, recostadas á qual tinhão tanto conversado. Debaixo da vidraça d'essa janella estava um papel; Honorina o puxou... era uma carta.

Lucia já as tinha deixado a sós.

— E' uma carta... disse Honorina, admirada.

— E sem sobrescripto... nem sello, disse Rachel.

— Portanto... que faremos?...

— Abril-a sem dúvida.

— Mas... eu não sei... se devo...

Porém, quando Honorina disse — mas... — tinha os dedos na carta: chegando ao pronunciar — eu não sei... — começára a abri-la: e ao dizer o — se devo... — já a carta estava completamente aberta.

A carta escripta com lapis, e dirigida a Honorina, era assim concebida: « Honorina! eu ouvi os teus pensamentos da noite passada; e por tanto eu te amo! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem bello! Sim: eu te amo! e tu me verás em toda a parte, seguindo-te, beijando as pisadas de teus pés, obrigando-te a amar-me ainda contra a tua vontade, e não me deixando conhecer senão na hora, em que tiveres de ser minha para sempre... oh! moça cheia de imaginação e de sensibilidade... querias um amor de poeta?... uma paixão de louco?... em mim tens ».

— Mas, meu Deus, isto é inconcebível! murmurou Honorina toda vermelha de pejo, um homem amar uma mulher só por tel-a ouvido!...

— E' verdade... porém não te lembras, que falámos tanto na tua riqueza?...

— Oh!... exclamou a moça indignada, e executando um movimento para rasgar a pobre carta.

— Honorina, disse Rachel suspendendo-a, um papel d'estes guarda-se para fazer rir as amigas.

— Não, respondeu a joven romantica, mas guarda-se, porque o homem, que n'elle escreveu, tem talvez de ser o bom anjo, ou o genio máo de minha vida.

V.

Hugo.

Era quasi meio dia: Rachel já havia partido com seu pai, quando Honorina entrou de novo na sala.

Duas pessoas ali se achavão: Emma e Hugo: a avó e o pai da moça.

Emma era uma estatua do seculo passado: uma mulher de setenta annos, gorda, respeitavel, coroadada por seus cabellos brancos, com seu rosario na mão direita, trajando as vestes negras da viuvez, e com uma expressão de bondade misturada com orgulho em sua physionomia.

Hugo era, posto que ás vezes timidamente, um representante da nova época: o primeiro que de sua familia, abandonára os antigos habitos, e velhas idéas. foi por isso menos estimado de seus

pais, que um irmão, morto ha alguns mezes, e via-se então chefe da casa : era o contraste de sua mãe ; pois pensava, fallava, e vestia-se segundo a ordem do dia.

E Honorina é sua filha querida. Ella tem dezesseis annos ; é de estatura regular ; longas e negras madeixas se mostram presas em avultada trança, ao mesmo tempo que dos lados lhe caem como esquecidos bastos anneis d'ellas, que voão em caracol beijando-lhe o nascer dos seios : a fronte é lisa, branca, e elevada ; os olhos pretos, grandes, cheios de doçura e languor ; a tez de seu rosto é alva, fina, transparente mesmo, sem fogo, e deixando apenas adivinhar longinquo rubor e entrever n'este ou n'aquelle ponto um azulado ramusculo venoso, que para logo desaparece : no entanto, admira-se ali essa pallidez, que interessa, e arrebatada : nada mais magestoso que seu collo, nada mais perigosamente bello do que seu peito cõr de leite com a mais feliz perfeição encarnado, transpirando amor e desejos de cada vez que, respirando, se eleva : sua compleição é fraca e delicada ; e ha em seu sorrir, em suas menores acções, em todos os seus traços, emfim, um não sei que de tocante e melancolico, que quem a vê, a observa, a estuda por força : sua voz é doce, meliflua, como o gemer saudoso da frauta nocturna e afastada ; e pela angelica pureza de suas vistas, pela celeste candura de seu semblante parecem transluzir todos os pensamentos de sua alma : seu pisar é subtil, e imperceptivel ; dir-se-ia ao vê-la passar silenciosa, que não é uma mulher, que anda ; mas a imagem de um anjo que, reflectida em um espelho, se desliza por elle, e desaparece impalpavel e bella.

Posto que já um anno tivesse decorrido depois da morte de seu avô e tio, trajava Honorina ainda n'esse dia vestido preto, que mais fazia realçar a alvura de suas mãos, perfeitamente torneadas, e a encantadora pallidez de seu rosto : o bico de um sapatinho tambem preto, que a furto tinha escapado por baixo da barra do longo vestido, deixava adivinhar um pé tão delicado, como bem feito.

Na manhã d'esse dia lèra Honorina a carta mysteriosa, que com Rachel achára na janella de seu quarto : ella estava pensativa e melancolica.

Apenas Honorina acabava de sentar-se junto de sua avó, seu pai, que ao pé da janella lia com avidéz uma extensa carta, voltou-se para ellas, e exclamou :

— Loucuras sobre loucuras !...

— Eu o previa, disse a velha, elle é um fruto degenerado !... o que diz-nos por tanto n'esse papel ?

— É uma longa historia; quer minha mãe ouvi-la ?

— Seja : meus derradeiros dias são votados ao desgosto de vêr uma a uma perdidas todas as bellas heranças de nossos velhos pais ! ouvirei pois a carta d'esse, que foi o primeiro a ferir-me no coração.

N'aquellas palavras havia uma indirecta atirada contra Hugo que, fingindo não entendel-a para não entrar em novas questões com sua mãe, arrastou uma cadeira, e sentando-se perto d'ella, começou a ler.

« Meu tio. — Depois de sete longos annos de
« ausencia de minha familia, que julgou dever tão
« completamente esquecer-me, que nem ao menos
« me quiz dar parte da morte de minha adorada
« mãe que, succumbindo um anno depois de minha

« partida, foi talvez victima, das saudades de um
« carinhoso filho, horrivel e injustamente lançado
« fóra da casa de seus pais, recebi finalmente uma
« carta de vossa mercê, em que me mandou a fatal
« noticia da morte dos meus amados avô, e pai:
« foi por tanto preciso que a mão da desgraça pe-
« sasse sobre nós todos, para que eu fosse lembrado
« por aquelles, a quem o dever ordenava, que de
« mim muito se lembrassem. Eu já respondi com
« todo o sentimento, com toda a dôr pungidôra da
« orfandade a essa funebre carta.

« Ultimamente, vossa mercê escreve-me de novo,
« mostrando-se admirado de me não vèr chegar ao
« Rio de Janeiro para tomar conta dos bens, que
« devo herdar de meu avô e de meu pai, os quaes,
« segundo vossa mercê diz, devem montar a mais
« de sessenta contos.

« Meu tio: ha sete annos, que eu soffro em si-
« lencio todos os meus infortunios: ha sete annos
« que engulo meus gemidos: mas o gemido é a
« expressão da dôr, e tarde ou cedo é necessario,
« que o homem gema, quando seu padecer é longo,
« e não acaba. Leia pois esta carta como se fosse
« um gemido que estivesse ouvindo, e dê-me o seu
« perdão, se em algum ponto d'ella eu abusar de
« sua bondade.

« Meu tio: declaro que não voltarei ao Rio de
« Janeiro, que não apparecerei diante de vossa
« mercê, nem de minha avó, em quanto lhes não
« pudér provar, que foi uma calumnia infame de
« que se servirão para perder-me, esse crime, que
« meu pai, e todos os meus parentes não duvidarão
« de julgar-me capaz de o haver commettido.

« Vossa mercê lembrar-se-ha que no fim do

« anno de 1837 tinha eu feito dezeseite annos e
« concluido os meus estudos preparatorios, quando
« desapareceu do gabinete de minha prima Hono-
« rina, menina então de nove annos de idade, uma
« cruz, chamada por todos nós — a cruz da fa-
« milia — toda crivada de riquissimos brilhantes.
« Um joven caixeiro de nossa casa accusou-me de a
« haver furtado; algumas apparencias parecêrão jus-
« tificar essa infame imputação; e apezar de todos
« os meus protestos de innocencia, apezar do grito
« sahido do coração de minha mãe, que então vivia.
« e que, unica, defendeu seu filho, eu fui lançado
« fóra da casa dos meus maiores, e se escapei das
« mãos da justiça, foi, porque pensárão elles, cum-
« pria esconder a vergonha, de que participavão
« todos.

« Eu me lembro perfeitamente, do que então se
« passou: meu avô disse: — Vai-te para sempre
« de meus olhos! e se tens piedade de nós, muda
« teu nome.

« Minha avó disse: — Torne-se em pedra o pão,
« que comprares com o dinheiro, pelo qual vendes-
« te os brilhantes da cruz da familia. O ladrão não
« me faça córar de vergonha apparecendo ainda
« diante de mim.

« Meu pai me disse: — Consuma o fogo todas
« as minhas riquezas antes que tu possas tocar em
« uma só moeda de meus cofres.

« E minha mãe disse: — Vai, meu filho; mas
« volta um dia com o rosto descoberto para provar
« tua innocencia.

« Na sala estavam ainda tres pessoas que nada
« disserão: vossa mercê, meu tio, que hesitava;
« Honorina, minha prima, que nada parecia com-

«prehender; Lucia, que me tinha dado de ma-
«mar, e que chorava com minha mãe.

«Quando eu sahi da sala ouvi as maldições de
«meus maiores; quando eu me apartei da casa vi
«que as portas se fecharão para mim: delirante e
«exasperado corri para o mar: eu ia vingar-me
«suicidando-me, quando uma escrava fiel me veio
«entregar uma bolsa, e um anel dos cabellos de
«minha mãe; então eu me lembrei de suas pala-
«vras: — Vai-te, meu filho; mas volta um dia
«com o rosto descoberto para provar tua inno-
«cencia —.

«Eu tornei á vida! guardei o precioso anel,
« guardei a bolsa, oh!... era a bolsa de minha
«mãe, que podia receber sem córar!... eu tornei
«á vida, um anjo me tinha arrancado do suicidio:
«isto não é um sacrilegio; uma mãe é o segundo
«anjo da guarda do filho.

«Agora, meu tio, vossa mercê consentirá, que
«eu conte em poucas palavras, quanto me tem
«sucedido de então para cá.

«Sem plano algum de vida, sem destino, e sem
«meios, eu me vi só no mundo, e na idade das
«loucuras: era preciso seguir um caminho, tomei
«o primeiro que se me apresentou. A cidade da
«Bahia se achava em braços com o genio da re-
«volta; o governo chamava soldados; eu me offe-
«reci, como voluntario, vesti uma farda, tomei
«uma espingarda, e parti.

«Lá, no empenho do jogo dos combates, eu
«que tantas mil vezes um homem defronte de
«outro pára a vida contra a vida, eu estive cem
«vezes a ponto de perder a partida: mas fosse
«porque o anel de cabellos de minha mãe seja

« um talisman sagrado, ou porque a morte fuja
« d'aquelle que a não teme, e antes a procura, eu
« ouvi assobiar por cima de minha cabeça, e em
« derredor de mim mil balas inimigas, sem que
« uma só me tocasse. O corpo, a que eu pertencia
« foi um dos primeiros, que entrou na cidade.

« Houverão scenas horriveis, que é necessario
« esquecer.

« Uma porém d'entre todas preciso eu lembrar ;
« porque teve ella benefica influencia sobre a mi-
« nha vida.

« Sabe-se que o desespero, e o delirio dos ven-
« cidos ateou o archote do incendio : em certa oc-
« casião uma força, na qual eu me contava, era em-
« pregada em apagar as chammas que estavam ter-
« rivelmente devorando algumas casas : defronte
« de uma d'essas eu vi um homem velho, respeita-
« vel, com os vestidos queimados e cahido por ter-
« ra: ouvi suas vozes... erão gritos de dôr indi-
« zivel... — minha filha !... — dizia elle... depois
« uma mulher, tambem velha, tambem respeitavel
« que uma, duas, e tres vezes se havia atirado ás
« chammas, e tres vezes cahido para trás suffoca-
« da, avançou para nós, e com lamentos, que re-
« passavão o coração, dos que a ouvião, com accen-
« to de afflicção tão profunda, como o amor de uma
« mãe, ella, apontando para uma janella, excla-
« mou : — minha filha !... minha filha !...

« Eu olhei, e vi atravez das chammas apparecer
« e debruçar-se na janella uma moça, que recuou
« pela força do fumo... ella tinha estendido seus
« braços, implorando compaixão... pedindo que a
« salvassem... e a morte, a morte com cem linguas
« de fogo ia prestes devoral-a...

« Era uma scena horrivel!... e na minha alma
« brilhou o pensamento de salvar essa moça...

« Outra vez olhei... as chammas tinham conqui-
« tado toda a casa... phantasmas de fumo defen-
« dião as portas... o instincto da conservação me
« empurrava para longe d'aquelle inferno... o gene-
« roso pensamento de salvar a moça ia apagar-se...

« E a mãe da desditosa chorava... pedia... man-
« dava... bradava convulsa e delirante...

« Seu grito era um... unico... cruel, e despeda-
« çador... sempre o mesmo, e mil vezes repetido...
« ella bradava :

« — Minha filha !

« Oh!... mas aquella dôr de mãe cahio no meu
« coração, e se espalhou na minha alma... lembrei-
« me de minha mãe! e beijando o anel de seus
« cabellos, gritei — eu a salvo! — e desapareci
« nas chammas.

« Eu ouvi o sussurro da multidão, que se espan-
« tava de minha temeridade... quasi suffocado...
« subi o primeiro andar... a pobre moça tinha cahi-
« do desmaiada... levantei aquelle precioso fardo,
« e desci...

« No entretanto o que eu soffria era inexplica-
« vel : uma nuvem de fumo densa e ardente me
« suffocava e me abrasava as entranhas... aqui a
« escada cedia debaixo de meus pés, e eu tombava
« com o meu pobre fardo... ali havia um caminho
« de brazas a atravessar com os meus pés nús...
« acolá uma taboa cahia sobre mim... uma parede
« estava prestes a esmagar-nos... oh!... era horri-
« vel!... e só a bondade de um Deos, e a lembrança
« de minha mãe me derão forças... chegavamos
« á porta... eu ia outra vez passar por um mar de

« chammas: mas... um monstro de fumo, immen-
« so... abrazador... insuperavel me empurrou para
« longe!... oh!... eu senti um desespero horrivel
« no coração... minha cabeça pesava-me... minha
« boca se abria... as narinas se me dilatavão... e o
« fumo, o fumo entrava por ellas para queimar-
« me! um não sei que brilhou diante de meus
« olhos... um amor da vida, um desejo de salvar-
« me, forte, e irresistivel se apossou de mim...
« abracei-me com a infeliz moça... e fechei os olhos,
« atirei-me ás chammas, e não vi mais nada.

« Quando eu abri os olhos, achei-me n'um quarto
« decentemente mobiliado: eu estava deitado, e
« uma joven senhora velava junto de meu leito.

« A essa moça tinha eu salvado das chammas
« com a minha temeridade, e ella por sua vez me
« salvava então com seus cuidados e dedicação.
« Ella chamava-se Emilia.

« Graças a mil obsequiosos desvelos eu me resta-
« belecí promptamente: o pai de Emilia alcançou
« a minha baixa; e me empregou em sua casa;
« pois que elle é um rico negociante da Bahia.

« Vendo pela minha educação, e por essa fraca
« instrucção, que eu tinha adquirido, que só um
« grande infortunio me poderia ter obrigado a fa-
« zer-me soldado, perguntou pela minha familia, e
« pelo meu passado: eu abaixei os olhos, e guardei
« silencio: o pai de Emilia respeitou o meu segre-
« do e deu-me sua estima.

« Emilia era bella, e eu sensível: nós nos amá-
« mos: a gratidão de sua familia alimentou o nosso
« amor.

« Ao tempo coube fazer o resto.

« Em Janeiro de 1842 eu estava casado com

« Emilia : pareceu-me que a fortuna começava a
« sorrir-se para mim...

« Era illusão ! a fortuna tinha apenas preparado
« um novo golpe para ferir-me no coração...

« Ha dezoito mezes que sou viuvo.

« Por consequencia, meu tio, agora estou livre :
« podia voltar ao Rio de Janeiro ; mas ha alguma
« outra prisão, que eu não posso quebrar ; é essa
« scena, que teve lugar na ultima hora, que eu
« passei na casa de meus pais. Meu tio, minha re-
« solução é irrevogavel.

« Em falta de um nome illustre, na carencia de
« tradições de antigos parentes, condes, marque-
« zes, duques, ou elevados fidalgos, nossa familia,
« meu tio, alimenta seu orgulho com a lembrança
« de certas qualidades, com a memoria de um ca-
« racter forte e talvez extravagante, com que sem-
« pre se tem apresentado todos os que tem o so-
« brenome, que eu tive.

« Quando algum de meus antigos parentes se
« compromettia a alguma cousa, cumpria a pro-
« messa por força, quaesquer que fossem os sacri-
« ficios, a que devesse sujeitar-se.

« Um de meus velhos avós porque uma vez, em
« Lisboa, não vio o Rei, que passava, e um soldado
« lhe fez tirar o chapéo, tratando-o vilmente, ju-
« rou que nunca mais traria chapéo sobre a cabe-
« ça, viveu ainda cincoenta annos, e cumprio á
« risca o juramento.

« Um outro, sendo levado á inquisição para ser
« obrigado a descobrir um segredo que jurára
« guardar, cortou a lingua com os dentes, temen-
« do que as torturas, o podessem n'algum momen-
« to, fazer esquecer sua palavra.

« Uma de nossas antepassadas, porque seu filho
« mais velho se havia portado sem valor em um
« encontro com os infieis, tomada de vergonha,
« protestou que nunca mais sahiria de seu quarto :
« só dez annos depois sahio pela primeira vez...
« em um esquife para enterrar-se.

« Meu avô e meu pai derão exemplos da mesma
« vontade forte, da mesma força de character.

« Dizião elles porém, que a arvore já de velha
« começava a perder o antigo viço ; que em vossa
« mercê começava ella a definhar ; e que eu não
« era mais que um fructo degenerado.

« Mas eu quero mostrar que, se não sigo em
« tudo os passos d'aquelles, que me repellirão,
« acompanho-os todavia em alguma cousa : que se
« não tenho as velhas idéas, os velhos costumes,
« os velhos prejuizos que elles trouxerão do seculo
« passado, e querião fazer vigorar no presente,
« herdei d'elles a mesma fortaleza de coração, e
« firmeza de vontade.

« No meio de todas as extravagancias, de que eu
« proprio accuso o meu genio, sei tornar-me inaba-
« lavel n'aquillo, a que uma vez me determino.

E pois, meu tio, eu jurei a mim proprio, e aqui
« o declaro a vossa mercê, para o fazer presente á
« minha avó, á minha prima, e á pobre Lucia, de-
« claro, digo, que cumprirei, as ordens que recebi
« de meus maiores, executarei suas vontades, mo-
« dificando-as apenas em um ponto para obedecer
« tambem a minha mãe.

« Assim meu avô disse : — vai-te para sempre de
« meus olhos, e se tens piedade de nós, muda teu
« nome — : eu cumpri, e cumprirei o que elle quiz,
« pois nunca mais lhe appareci ; e se não mudei meu

« nome, pelo menos até agora inda ninguem me vio
« assignar o sobrenome, que eu tinha de familia.

« Minha avó disse: — Torne-se em pedra o pão,
« que comprares com o dinheiro, pelo qual ven-
« deste os brilhantes da cruz da familia. O ladrão
« não me faça corar de vergonha, apparecendo
« ainda diante de mim —. O meu pão se não tem
« tornado em pedra, porque o dinheiro, com que o
« compro, é ganho com o suor de meu rosto; mas
« cumprirei tambem a vontade de minha avó; pois
« em quanto ella se não convencer, que eu fui vil-
« mente calumniado, não terá, eu o juro, não terá
« d'envergonhar-se, vendo-me diante de seus olhos.

« Meu pai disse: — Consuma o fogo todas as mi-
« nhas riquezas, antes que tu possas tocar em uma
« só moeda de meus cofres —. Não quero por tanto
« um seutil da herança, que me deve caber pela
« desgraçada morte de meu avô, e de meu pai:
« cedo todos esses bens para dote de minha prima.
« e se vossa mercê os não quizer aceitar, divida-os
« com a minha boa Lucia, e os pobres. Quanto a
« mim, respeitarei a vontade de meu pai, nada que-
« rendo de suas riquezas.

« E minha mãe disse: — Vai meu filho; mas
« volta um dia com o rosto descoberto para provar
« tua innocencia —. Eis aqui enfim a ordem de
« minha mãe, que eu ainda não cumprí; mas que
« ainda espero cumpril-a toda inteira, sim, minha
« mãe! para ir, beijando a sepultura, em que des-
« cansas, dizer ás tuas cinzas — já tenho o rosto
« descoberto! já provei minha innocencia!

« Mas emquanto a vontade de minha mãe não fôr
« executada á risca, não, nenhum d'aquelles, que
« injustamente me condemnarão, me tornará a vêr.

« E vossa mercê, meu tio, que n'essa hora de
« maldições, estava tambem na sala, e não prague-
« jou contra mim, porque hesitava... não hesite, e
« creia, que me calumniarão.

« E minha prima, que tambem ahi estava, e pa-
« recia nada comprehender, do que se passava,
« comprehenda agora, que ha no mundo uma ser-
« pente enormemente venenosa, que morde na
« honra do homem! é a calumnia: foi ella quem
« me mordeu.

« E Lucia, que chorava, porque sabia que eu
« não era capaz de commetter uma accção infame,
« não se arrependa de haver chorado: ella me fa-
« zia justiça; e depois de minha mãe, foi o d'ella o
« unico coração que eu tive, onde minha innocen-
« cia achasse abrigo.

« Mas eu vejo que tenho abusado da paciencia
« de meu tio; esta carta já vai sendo por demais
« extensa. Meu tio fica por ella sabendo minhas
« inabalaveis resoluções, e por tanto eu a termino
« aqui. A benção de minha avó, e a amizade de
« meu tio, outr'ora as pedi eu inutilmente; agora
« só por outra maneira as pretendo conseguir: con-
« seguil-as-hei. Ha porém alguma cousa, que me
« não envergonho de mandar, é uma saudade á
« minha pobre Lucia.

« Cidade da Bahia... Junho
« de 1844.

LAURO. »

— E então, minha mãe, exclamou Hugo, o ra-
paz está louco ou não? vão agora arrancal-o de lá.

— E faz bem em não vir, disse Emma: porque
eu me esconderia para não ser obrigada a ver-lhe
outra vez o rosto.

— Mas, minha mãe, elle escreve de modo tal, que custa muito a não pensar que o calumniarão.

— Tambem tu, Hugo?...

— Minha mãe, é que ha uma força tal nas palavras d'este pobre Lauro!...

— Palavras!... disse Emma, e não é este tempo de escandalo, de irreligião, e de liberdade, o tempo das palavras?... todos vós fallaes bem, fallaes assim; mas outr'ora um só cabello da barba de um homem valia mais, do que valem os vossos mais sagrados juramentos!

— Eis ahí minha mãe mortificando-se sem razão.

— Pois não é assim!... tantas leis, tantas constituições, tantas camaras, e para que?... para demoralisar o povo, para perverter a mocidade; como se perverteu aquelle rapaz até chegar a roubar um objecto sagrado!

— Porém, minha avó, se fosse uma calumnia, como elle jura que é?...

— Até tu, Honorina?... até tu, quando foi a ti mesma, que elle roubou?...

— A mim, minha avó?... mas como eu não me lembro...

— Oh! era preciso, que não fallassemos n'isso, como não fallámos, para occultar no silencio a nossa vergonha: lembrar que um filho nosso commetteu tal crime, é aprofundar ainda mais uma chaga, que não póde sarar nunca: mas emfim... eu quero contar-te, e tanto mais que de direito te pertencia o objecto sagrado: escuta.

Honorina chegou-se para sua avó com viva demonstração de curiosidade.

VI.

A herança paterna.

Honorina, disse a velha Emma depois de empregar alguns instantes em coordenar suas idéas, foi ha muito tempo, talvez ha seis seculos, passados, que succedeu o que te vou contar.

Nas immedições da cidade de Lisboa havia uma familia que se compunha de marido e mulher, cujos nomes não poderão chegar até nós, e de uma moça filha d'elles, que se chamava Arabella: pobre, mas temente a Deos, essa familia passava seus dias socegada e felizmente.

Arabella porém era o que dizia a terminação de seu nome; tão encantadora e engraçada, que quando passava por alguma rua, os que estavam á janel-la gritavão para dentro das casas — lá vem ella —

e todos corrião para vê-la, porque já sabião que quem vinha era Arabella: tão carinhosa e humana que não havia no seu bairro, quem pela ventura de Arabella não rezasse algumas orações.

Tambem nunca em tão fresca idade, pois que bem moça era, se vira unidos a tanta innocencia, caracter tão firme, prudencia tão consummada, e tão seguro e são juizo: por isso todos a tinhão em grande respeito e estima: seus proprios pais com ella se aconselhavão nas conjuncturas dilliceis, em que ás vezes se achavão: as palavras de Arabella erão para elles oraculos infalliveis; sua vontade, como uma ordem santa, que com prazer á risca se cumpria.

Apezar de sua pobresa, tão formosa Arabella se mostrava, que era conhecida de todos pelo nome de — Rosa do Tejo —; porque o rubor de suas faces semelhava o aspecto, e a virtude de sua alma o perfume da flôr.

Arabella tinha feito dezoito annos, e via-se cercada de apaixonados requestadores, que á porfia se extremavão em dar-lhe mais altas provas do amor, que os consumia, e que surda ou insensivel achando-a, corrião d'ella para os pais, a pedir-lhes a filha.

Os pais de Arabella porém, sabendo o quanto era a moça prudente e recatada, jámais fizerão por dirigir-lhe a vontade para aquillo, de que ella parecia querer fugir.

Entretanto appareceu entre os pretendentes de Arabella, um rico e joven fidalgo, que levado dos lindos olhos e perfeições da pobre moça, esqueceu-se de que alta era sua linhagem, elevados os seus teres, e descendo de seu brilhante palacio a uma

rasteira casinha, veio pôr seu coração de grande senhor, aos pés de uma humilde aldeã.

Em balde seu muito ostentar de galas, e louçainhas, em balde seu alto despendar de agrados e extremos, o grande senhor passava por debaixo dos olhos da pobre aldeã com seu amor tão mal atendido, como os outros: ainda não era a D. Ruy Vas, que devia pertencer a alma innocente de Arabella.

Mas o amor de Ruy Vas era tão ardente, como puro; e pois foi elle, a despeito das repulsas da moça, offerecer seu nome á familia d'ella: era um partido immensamente brilhante; era um nome de fidalgo que ia cobrir o desconhecido e simples da popular; era um palacio que se trocava por uma cabana; era um futuro, que se offerecia, a quem não tinha passado, e só podia contar com um pobre presente. Os pais de Arabella forão enthusiasmados applaudir a filha; mas recuárão espantados, porque ella lhes respondeu:

— Não foi para este, que eu nasci.

— Mas olha, Arabella, disse o pai, que se trata do Sr. D. Ruy Vas, rico fidalgo de alta linhagem.

— Que hoje me ama, tornou a moça, que comigo casando-se me ha de ainda amar um anno; e depois se envergonhará de meus pais, e terá emfim pejo de andar comigo a seu lado.

Os pais calárão-se, porque era isso em verdade, o que havia de acontecer; mas depois a mãe disse:

— Pensa, Arabella, que feito tens dezoito annos, e que é já tempo de tomar um marido, que te proteja: cumpre pois escolher um noivo.

— Eu já o tenho escolhido, minha mãe.

— E quem é?...

— Gil-Mendonça.

— Bom mancebo é elle, minha filha; mas tão pobre!

— Como eu tambem o sou, minha mãe; porém ambos nos amamos.

— Homem, disse a mulher ao marido, irás levar a resposta de Arabella ao Sr. D. Ruy Vas.

— Irei, mulher; posto que me pareça loucura preferir um aldeão a um fidalgo; mas Arabella tem mais juizo do que nós pensamos; e ella que assim o fez, é porque assim o devia fazer.

A vontade de Arabella foi promptamente cumprida; e ao mesmo tempo que D. Ruy Vas se sentia despeitado de sua má fortuna, tudo se dispunha para o casamento da linda popular com o feliz Gil-Mendonça.

Na vespera do casamento, em derredor de uma tão frugal como alegre mesa estavam os noivos, e os pais de ambos, quando entrou o fidalgo, que tentar vinha o derradeiro esforço.

Convidado a tomar parte na parca cêa, elle sentou-se, comeu com boa vontade, e depois de levantados da mesa, poz em accção quanto podia para desviar Arabella de casar-se com Gil-Mendonça, e aceitar a sua mão; pretendeu chamar a seu partido os pais da moça, dando-lhes conta de suas immensas riquezas, e ganhar o mesmo Gil-Mendonça, appellando para sua generosidade, dizendo-lhe, que se elle muito e sinceramente amava Arabella, devia sacrificar o seu amor para vê-la feliz na posição elevada, que se lhe offerecia.

Os pais de Gil-Mendonça ficárão duvidosos; os de Arabella inclinados a favor de D. Ruy Vas, porém calados, porque tinham sua filha na conta de

muito prudente e sabida, e pensavão, que tudo quanto ella fazia, era sómente o que devia ser feito.

Gil-Mendonça, silencioso e com os braços cruzados, esperava frio e impavido a resposta de Arabella.

— Sr. D. Ruy Vas, disse Arabella, eu sou reconhecida a seus extremos, e provar quero que os não desmereço : a mulher que esquece o pobre, a quem ama, pelo rico, a quem apenas estima, tem coração, que com dinheiro se compra !

— Oh ! não... bradou o fidalgo.

— E o coração da mulher, proseguio a moça, deve ser thesouro sagrado, que nunca se venda, nem vender se possa, e que só se troque por outro coração igual a elle. Sr. D. Ruy Vas, eu vos dedico a minha estima : Gil-Mendonça, tu és o dono do meu amor.

— E tu, Gil-Mendonça, disse o fidalgo, tu que dizes ?...

— O que ella disse ; respondeu o rustico.

— Pois bem, tornou Ruy Vas ; pois bem. Gil-Mendonça, eu te dou metade de minhas riquezas, eu te armarei cavalleiro, e te offereço duas de minhas villas, e um de meus castellos, e o mais rico de meus palacios ; mas em troca de tudo isso, tu que és dono do amor de Arabella, cede-me o seu amor.

— Mais vale, Sr. D. Ruy Vas, o coração de Arabella.

— Pois tudo, Gil-Mendonça, tudo que é meu... eu te cedo tudo...

— E' pouco ainda.

— Oh !... dize ! dize pois com que se pó te comprar esse amor, que eu aspiro, e a posse d'aquella moça ?...

O popular sacudiu friamente a cabeça, como quem dizia :

— Amor nem se compra, nem se vende.

— E elles nem pensão no futuro d'aquella linda moça!... exclamou o fidalgo tomando o chapéo. Gil-Mendonça! pobre Gil-Mendonça! que darás tu por herança ao filho de Arabella?... oh!... pobresa... sempre pobresa!...

O rosto do plebeo pareceu anuviar-se; passado um momento, elle levantou a cabeça, e disse :

— Nobre Sr. D. Ruy Vas, o filho de Arabella não herdará de mim nem palacios, nem castellos, nem um collar de cavalleiro; porque plebeo nasci, e plebeo morrerei; mas aqui juro, á face de Deos, que dia e noute trabalharei por elle, e para deixar-lhe uma herança, que o livre da miseria e do infortunio.

Depois, voltando-se para sua noiva, accrescentou com voz grave, e firme :

— Arabella! a Deos o juro!

No dia seguinte Arabella era á face dos altares mulher de Gil-Mendonça.

Alguns dias depois o nobre e leal cavalleiro Sr. D. Ruy Vas tinha desaparecido das terras de Portugal; era um joven fidalgo, que aos vinte e cinco annos de idade, aborrecia o mundo...

Ao lado de Arabella Gil-Mendonça, senhor de seu coração, e certo de sua fidelidade, vivia feliz e socegado: tres annos se passárão. em que elle pedia ao céo um filho, e na esperanza de vir a tel-o, trabalhava com ardor indizivel para preparar-lhe uma herança.

Elle não esquecia nunca o seu juramento.

E no fim de tres annos Arabella concebeu; e

Gil-Mendonça festejando com entusiasmo tal acontecimento, sentio todavia com tristeza, que se achava ainda tão pobre, como d'antes. E trabalhou mais ainda...

No fim de nove mezes Arabella deu á luz uma linda menina, a quem pozerão o nome de Isabel.

No dia, que se seguiu ao do baptisado, Gil-Mendonça fallou a sua mulher :

— Arabella, tu tens visto com que ardor eu trabalho, e como mal nos paga a fortuna : todos os dias parece-me estar ouvindo as palavras d'aquelle fidalgo, que te amou : — que darás tu por herança ao filho de Arabella —?... emfim tu me déste uma filha, e eu me lembro tambem, que por Deos te prometti dar-lhe uma herança: vejo que nada faço na minha terra, e vou partir.

— Partir para onde?...

Vou correr mundo, Arabella, e conseguirei sem duvida uma herança para deixarmos a Isabel.

A despeito das lagrimas e dos conselhos de Arabella, Gil-Mendonça, fez de sua roupa uma trouxa, tomou um bastão, e o chapéo, e recebendo a benção de seus pais, beijou a sua filha, abraçou ternamente a sua esposa, e partio.

Gil-Mendonça não sabia escrever, e pois não esperava Arabella noticia d'elle: contentou-se com chorar suas saudades consolando-se com o lindo anjinho, que de suas entranhas recebera em nome do céo.

O tempo foi correndo: os dias e semanas forão passando, depois mezes e annos, sem que chegasse noticia alguma de Gil-Mendonça.

No entanto ia crescendo Isabel: linda e engraçada como fôra Arabella n'essa feliz idade, sua mãe

espelhava os seus antigos encantos infantis no rosto, e suas virtudes no coração de Isabel.

Com toda a sublime ternura do amor maternal, Arabella perdeu primeiro suas noites velando junto do berço querido, bebeu depois enthusiasmada os sorrisos meigos e innocentes da filha de sua alma, escutou e decorou sua primeira palavra, ensinou-lhe a repetir o nome de seu pai, dirigio seus primeiros passos, e quando Isabel começou a fallar, aprendeu para logo de sua mãe a pedir a Deos o regresso de Gil-Mendonça.

Ao amanhecer de todos os dias Arabella levava Isabel pela mão á porta da rua, e mostrando-lhe uma estrada, que fronteira ficava, dizia-lhe:

— Foi por ali, Isabel, que por amor de teu futuro se partio teu pai; é por ali, que elle deverá voltar: todas as manhãs viremos esperar por elle, todas as tardes tambem: no entanto, Isabel, continúa a ser boa menina, para que elle te ache bonita, e te ame como eu.

E depois Arabella voltava o rostio para esconder suas lagrimas de Isabel, que poderia chorar tambem, e affligir assim seu coração maternal. Ainda se passou muito tempo, sem que murchasse na alma de Arabella a esperança de vêr chegar seu marido, e sem que este tornasse: finalmente chegou o dia do natalicio de Isabel.

Tinhão-se passado nove annos depois que se fôra Gil-Mendonça em demanda de melhor fortuna.

Ao amanhecer, Arabella, como costumava, levou pela mão a Isabel até á porta, e disse:

— Isabel, fazes hoje nove annos; ha quasi outro tanto que teu pai, por amor de teu futuro, deixou-

nos, partindo por ali... e é por ali que elle deverá voltar: esperemos...

O dia se passou como tanto outros, e ao quebrar da tarde Arabella, que se sentia abatida e afflicta, sem comtudo adivinhar a causa do que soffria, recolheu-se a seu pobre quarto, e mandando sua filha para a porta, ficou só, chorando em segredo suas saudades.

Isabel foi, segundo costumava fazer com sua mãe, sentar-se á porta da casa, e fitando os olhos na estrada fronteira, como não tivesse a seu lado sua mãe para repetir-lhe as palavras, que sempre lhe ouvia, repetio-as ella mesma:

— Foi por ali, que por amor de meu futuro, se partio meu pai; e é por ali que deverá voltar: continuarei a ser boa menina, para que elle me ache bonita e me ame como minha mãe.

E então ella vio vir chegando em direcção á sua casa um velho peregrino, que parou a dous passos diante d'ella.

— Boa tarde, minha menina! disse o peregrino.

— Boa tarde, meu velho! respondeu ella.

— Olhavas com tanta curiosidade para mim, que me lembrei de vir perguntar a causa.

— Ora... é que o senhor vinha pelo mesmo caminho, por onde deve vir meu pai.

— Teu pai?... e como te chamas menina?...

— Isabel, meu velho.

— Isabel?!... repetio o peregrino com violenta commoção; e depois continuou: Isabel, eu tenho fome, dar-me-has que comer?...

— Sim, sim, entre: nós lhe daremos pão, ovos, bollos, e vinho.

O velho peregrino entrou, e d'ahi a pouco foi

cercado por toda a familia, que lhe offereceu uma frugal refeição. O semblante d'esse homem era respeitavel: sua cabeça estava toda branca, sua voz era tremula, e compassada.

— Boa gente, disse elle depois de dar fim á sua alimentação, é hoje o dia, em que faz nove annos aquella menina?...

— Sim... sim... e como sabeis?...

— Eu vos trago novas do Sr. Gil-Mendonça...

Um grito de Arabella interrompeu o peregrino:

— E onde está elle?... perguntou.

— Na eternidade, Arabella! respondeu o velho.

— Morto!... morto!... Isabel... tu és orfã! e eu sou viuva!... minha misera filha!...

Arabella abraçada com sua filha soluçava de um modo terrivel; era a expressão de uma d'essas dores profundas, que se trocaria em amargoso e despedaçador silencio, se ao pé não estivesse uma filha para desfazel-a em lagrimas.

— Minha filha! minha pobre Isabel! exclamou depois de muito tempo Arabella, que te resta agora?...

— A herança de seu pai; respondeu o peregrino: a herança de seu pai trazer-vos venho.

Todos olhárão admirados para aquelle homem.

— Arabella, continuou elle, modera tua justa afflicção, e escuta-me; vós todos ouvi-me; Isabel socega tua mãe, e attende-me tambem. Gil-Mendonça, casando-se com Arabella, jurou que á força de seu braço saberia ganhar bastante para deixar ao filho, que tivesse, uma herança, que o tirasse da miseria e do infortunio. Trabalhando sem descansar, trabalhando com ardor admiravel, Gil-Mendonça, não deu um passo avante, e no fim de tres

annos o céo lhe havia concedido uma filha; mas elle achava-se ainda tão pobre como d'antes. Então entendeu, que lhe cumpria ir buscar em outras terras a fortuna: deixou patria, esposa, filha e familia, deixou tudo, e com sua vontade de ferro no coração, vagou pelo mundo oito annos; mas parece que sua estrella o tinha condemnado a ser pobre, de modo que baldados todos os seus esforços, elle se via sempre o mesmo, tendo por unicos bens a trouxa de seus vestidos, e o bordão de peregrino.

Sempre animoso, sempre trabalhando, elle correu a Hespanha, a Italia, grande parte da Alemanha, e voltou de novo á Italia, entrou na França, sem que a fortuna lhe tivesse sido um dia menos adversa. Ha seis mezes passados emfim, elle estava em Provença, e se dirigia á cidade de Aix.

Passava perto de uma ermida, vio sua porta aberta, e a ella se dirigio para offerter suas orações ao Allissimo... Dentro da ermida havia susurro, e passavão-se scenas de horrivel profanação; Gil-Mendonça entrou, e ficou pasmado do que via; o altar estava destruido, imagens santas feitas pedaços rolavão pela terra... homens furiosos... uma horda de demonios em delirio, que em uma mão trazião o facho, e na outra um machado, parecião querer levar a destruição inda além.

Erão os manicheos, os devastadores dos templos e das imagens, os genios de destruição e de horror!

Um pobre e velho eremita, um desgraçado monge, coberto de cabellos brancos, e meio cahido em um canto da ermida, se abraçava com ardente devoção com uma pequena e santissima cruz de ouro, que tinha arrancado do altar, destruido logo de-

pois, para assim salvar-a das mãos sacrilegas dos manicheos.

Esse velho indefeso e inerte estava cercado por vinte miseraveis, que contra elle despejavão pragas, maldições e ameaças.

— Tem ainda uma cruz nas mãos! exclamou um d'elles, seja quebrada! seja destruida!

— Não! não! não!... exclamou o pobre monge, matai-me antes!...

Mas uma onda de manicheos cahio sobre elle, e um d'esses monstros arrancou-lhe a cruz d'entre as mãos...

O monge cahio de joelhos, e levantando as mãos para o céu, pôde apenas exclamar:

— A cruz de Jesus Christo!... quem salva a cruz de Jesus Christo!?...

O sacrilego, que arrancára o santo lenho das mãos do monge, estava a dous passos de Gil-Mendonça, em quem os manicheos não tinham reparado, e levantava uma pedra para quebrar a cruz; quando com voz de trovão Gil-Mendonça bradou:

— Judeu! pára!...

Sua voz resoou terrivelmente no seio da ermida: uma multidão de braços se levantou contra elle... mas Gil-Mendonça sem hesitar descarregou o seu bastão sobre a cabeça do sacrilego, e ao mesmo tempo que este cahia desanimado, elle se apossava da cruz. Então os manicheos avançárão sobre Gil-Mendonça, que nobremente defendeu-se; enfim, cercado de todos os lados, depois de ferido cem vezes, tendo sempre a cruz em seu peito, e já tinta com seu sangue, o valente christão cahio debaixo de tantos golpes, quando tambem uma centena de religiosos agricultores entrando na er-

mida, começarão a bater, e lançar por terra os manicheos.

Meia hora depois os sacrilegos tinham sido completamente postos em fuga, deixando muitos dos seus companheiros mortos : no meio d'esses cadáveres o monge foi levantar o frio corpo d'aquelle que sacrificára sua vida em defesa do santissimo lenho.

Gil-Mendonça ainda respirava, e com força indizível apertava a cruz contra o coração.

Graças aos cuidados, que lhe foram prodigalizados, elle abriu os olhos, vio ao pé de si o monge, e pôde fallar : contou então em poucas, e entrecortadas palavras a historia de sua vida : disse ao monge o nome de sua mulher, e de sua filha, ensinou-lhe o lugar, onde moravão, e concluiu dizendo :

— Monge ! eu vou morrer ; mas esta cruz é minha ! esta cruz é o fructo de perto de nove annos de trabalho ! esta cruz é a herança, que deixo á minha filha : ella será feliz. Monge, tu me deves talvez a vida, serve-me pois, no que te vou pedir : irás a Lisboa, sabes já onde morão meus parentes : de hoje a seis mezes faz Isabel nove annos ; tens cento e oitenta e um dias contados para lá ir : tu lhe entregarás n'esse dia, a cruz que passo agora a tuas mãos ; dize-lhe que foi resgatada com o sangue, e com a vida de seu pai, que lh'a deixa por herança.

Uma herança havia eu jurado legar-lhe... herança que a pozesse a salvo do infortunio e da miseria... perto de nove annos trabalhei para cumprir meu juramento... eu buscava ouro... ouro para minha filha... e graças a Deos, eu deixo mais do que ouro, mais do que tudo... a ella... e a todos os meus descendentes. Essa cruz deverá fazel-os feli-

zes!... protegerá a innocencia e a fraqueza! dize á minha filha, que sempre que nascer para o futuro uma herdeira do nosso nome, se lhe entregará a cruz, quando fizer nove annos, até que venha uma nova herdeira, e complete tambem essa idade... Monge... a herança de minha filha é sagrada!... cumpre o que te peço... leva minhas despedidas a meus pais... a Arabella... e a Isabel... e emfim... reza por minha alma...

Gil-Mendonça deixou então cahir a cabeça, e expirou: o monge rezou duas horas ao lado de seu cadaver, e erguendo-se depois, disse em voz baixa.

— E elle morreu sem reconhecer-me!

Agora Isabel, tu já ouviste as disposições de teu pai; recebe pois a herança, que te pertence.

E isto dizendo, o velho peregrino tirou do seio uma cruz de ouro, que entregou a Isabel.

Toda essa historia tinha sido ouvida com a maior attenção, no mais profundo silencio. No fim d'ella, a cruz foi por todos beijada, e o pranto da familia recommçou.

Ao amanhecer do seguinte dia, o velho peregrino abençoou a triste familia, e partio para mais nunca voltar.

Quando, ao quebrar da estrada, a casa de Arabella tinha de desaparecer para sempre a seus olhos, o peregrino voltou-se, e limpando duas grossas lagrimas, disse:

— E Arabella vio-me!... ouviu-me!... e não me reconheceu!...

E esse monge, cujos cabellos estavam completamente brancos, esse monge pallido... magro... com o rosto enrugado... as mãos tremulas... o andar mal seguro... esse monge, que todos julgariam

octogenario... tinha apenas trinta e oito annos...
Oh!... é porque ha alguma cousa que envelhece e
gasta o homem ainda mais do que o tempo... é a
paixão desgraçada, que não se extingue nunca...
que escondida no fundo do coração... acabranha o
espírito e muda o aspecto do homem...

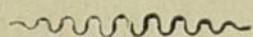
E aquelle monge...

Gil-Mendonça esteve nos seus braços... vio-o...
ouvio-o... e não o reconheceu !

E esse peregrino...

Arabella hospedou-o em sua casa... vio-o... ou-
vi-o... e não o reconheceu !

Nunca mais se tinha ouvido fallar, e mais nunca
se fallou em D. Ruy-Vas.



VII.

A cruz da familia.

Subida tinha sido a attenção, com que Honorina escutára aquella velha historia; espalhou-se no seu espirito ardente e romanesco aquelle firme e inabalavel proposito de um homem, que a todo o custo queria uma herança para sua filha, e que enxotado de seus lares pela má fortuna, foi correr mundo, até que a preço do seu sangue e vida conseguiu haver, e deixar á herdeira de seu nome um legado tão novo, como santo: achára emfim écho em seu coração esse amor puro, e nunca vencido do rico fidalgo que, por não aceito pela pobre aldeã, olvidára nome, riquezas, e mundo, eremita se fizera, e em tão poucos annos tanto o pungira sua paixão vehemente e desgraçada, que lhe enrugára

o rosto, que lhe tornára grizalhos os cabellos, e prematuramente o envelhecera por tal modo, que nem seu proprio rival, nem sua antiga amada poderão conhecer no habito de eremita o antigo Sr. D. Ruy-Vas.

Passados alguns momentos, e quando ainda duas lagrimas, mimosas perolas de ternura alvejavão pendentes nos negri-longos cilios da bella moça, Emma proseguio, dizendo :

— Eis ahi pois, Honorina, a origem d'essa cruz, que em tão grande amor, e devoção tinhamos, e que tanto devemos eternamente chorar.

« E certamente; uma sagrada cruz arrancada por semelhante maneira das mãos de homens loucos e ferozes, tinha de ser o talisman protector dos descendentes d'esse homem, que seu sangue derramára, e déra a sua vida para não vê-la menoscabada.

« E assim foi, porque, minha filha, Deos não se esquece d'aquelles que d'elle se lembrão, e n'elle confião.

« Desde que o sagrado lenho entrou em casa de Arabella, a ventura começou a sorrir-se para sua familia: as privações forão desapparecendo, como por encanto, seus bens se augmentarão de dia em dia, e o socego e o prazer presidirão de mãos dadas á corrente de seus annos.

« Os desejos, e a recommendação de Gil-Mendonça forão completamente satisfeitos: a cruz de sua filha fez-se a cruz da familia, a cruz que aos nove annos de idade recebia a herdeira de seu nome: essa obrigação cumprio-se religiosamente durante talvez seis seculos; essa herança chegou ain-

da até nós pura, como a tinha recebido Isabel de Mendonça.

« E nunca uma herdeira d'essa cruz houve, que não passasse vida feliz e socegada.

« Emfim, forçados pelo imperio das circumstancias, nós que jámais havíamos deixado nossa patria, viemos buscar seguro asylo na terra de Santa Cruz, fugindo dos horrores, da destruição, e da impiedade, que a todos os cantos da Europa levava a espada terrivel de um monstro que se chamou Bonaparte.

« Além de um tão cruel desgosto um outro, Honorina, me acompanhava. Eu não tinha tido senão dous filhos: o céu me havia negado uma herdeira para a cruz da familia; casámos pois a Raul de Mendonça, nosso filho mais velho; porém o primeiro fructo d'esse hymeneu foi ainda um varão, e minha nóra não concebeu mais: restou-nos uma unica esperanza, era Hugo; nós o casámos tambem, e graças a Deos, Honorina, um anno depois d'esse casamento, nasceste tu para socegar-nos, para ser a herdeira da cruz da familia.

Suspendeu-se por um momento Emma na relação que fazia, e voltando-se para Hugo, disse com voz pausada e grave:

— Hugo, eu heide dizer tudo o que penso, e sinto a Honorina; se te não achas disposto a ouvir-me, ou se temes incommodar-te com o que vou dizer, será melhor que te retires.

— Pois bem, minha mãe, respondeu Hugo sorrindo-se, eu me vou, para deixal-a em completa liberdade: Honorina fará justiça a seu pai.

Logo que Hugo sahio, Emma continuou:

« O mundo, minha filha, tinha passado, estava

e está passando por uma revolução espantosa; revolução que nada respeita, desde a politica e a religião até mesmo ás mais nobres e generosas crenças de idéas individuaes. Demonios eloquentes, penas temperadas no fogo do inferno, tinham annos antes espalhado, e prégado, segundo mil vezes me repetio o meu santo confessor, principios fataes á humanidade, desorganisadores dos thronos e do altar: maximas ardentes e perigosas erão offerecidas ao povo, e como insensavão sua vaidade, forão bebidas e aceitas com enthusiasmo por muitos: um volcão se preparava, volcão horrivel, que rebentou primeiro na America, que logo depois prorrompeu em França, e do qual se resentio o mundo todo; depois adiante da infernal propaganda, na frente da impia cruzada, appareceu esse flagello inqualificavel, essa vingança de Deos, chamada Bonaparte, que fez estremecer os templos do Senhor, e os thronos dos reis; que regou com ondas de sangue humano a arvore da impiedade; emfim, esse homem succumbio, depois de triumphar mil vezes, porém as idéas que elle replantou com a ponta de sua espada germinarão, e vegetão ainda hoje!

« Uma palavra mentirosa, mas de fogo, embriagava os homens; era ella — liberdade — : em nome da liberdade os grandes homens subião a infamantes patibulos... esgotavão-se os cofres publicos... commetlião-se horriveis sacrilegios... destrravão-se e exterminavão-se modestos religiosos!... ninguem mais se suppoz pequeno: uma outra palavra tambem mentirosa, mas tambem de fogo, fazia gigantes os mais despresiveis annões... era ella — igualdade!

« Ninguém concebe quantos milhões de victimas se tem sacrificado nos falsos altares d'esses dous idolos de fumo.

« Como precisa consequencia de tão nefandos principios, o genio do mal para alimentar, e dar mais intensidade ao facho da anarchia, vomitou sobre e contra nós a liberdade da imprensa... machina de calumnias e de intrigas... veneno dos espiritos... guarda avançada das revoltas.

« Tudo mudou. Os meninos deixarão de aprender a rezar para ler periodicos, e discutir presumidos direitos do homem: os operarios abandonarão suas fabricas para cuidar em eleições: a plebe immunda e perigosa, agitou-se radiosa e triumpante em todas as nações.

« A peste chegou até ao Brasil: esta nação, creança, que ainda mal andava sustida pelos bracinhos, levantou orgulhosa a cabeça, dizendo, que era um gigante, que não corria porque lhe atavão as pernas; que era uma aguiã, que não voava porque lhe prendião as azas; que queria, que havia de caminhar só e livre: e, o que é mais, Honorina, um Principe, um homem, em cujas veias corria o sangue mais nobre do mundo, foi o mesmo que cheio de mal empregado enthusiasmo, e bravura, tomou a dianteira ao povo, bradou — independencia ou morte!

« Portanto a embriaguez se tornou mais notavel. As idéas d'este seculo pervertido são contagiosas: povos inteiros padecerão o mesmo mal; o brasileiro não podia formar excepção.

« E pois não se fallou mais aqui, senão em liberdade, camaras, deputados, e constituição...

« Os velhos se tornarão creanças... os meninos

não tomáráo mais a benção a seus pais... as moças despresáráo os véos da modestia, e a vida socegada da solidão para ir com o rosto bem á mostra, e carregadas de adornos e de modas indecentes dançar em saráos, onde a licença, e o desregramento tomára o nome de civilisação, e de progresso!

« Tudo isso foi devido á liberdade...

« A peste entrou tambem em nossa familia: teu avô, teu tio, e eu nos conservamos firmes em nossos antigos principios, com as bellas inspirações de nossos antepassados; despresando todos esses erros, detestando todos esses crimes da época, todas essas mentiras de liberdade, igualdade, direitos do homem, constituição, e não sei que mais... tendo finalmente por gloria unica sermos sempre devotados ao — altar e throno — e mais nada.

« No meio de nós porém levantava-se uma cabeça de louco, e creava-se um coração de serpente.

« Teu pai, Honorina, apezar da educação que lhe démos, e dos exemplos que sem cessar lhe offerciamos, tinha-se feito sectario das novas idéas: era um liberal delirante, que trouxe no braço sua legenda, como na cabeça suas loucuras; que cem vezes se enfeitava com flores e folhas para ir bramar nas praças, para tomar parte nas orgias do povo desenfreado.

« Era uma cabeça de louco.

« E o filho de Raul, teu primo Lauro, Honorina, despresando os conselhos de todos nós, a despeito dos castigos que seu pai lhe fazia soffrer, cedendo a seu genio inquieto e desastrado, crescia correndo pela estrada da perdição. Vivo e sagaz, travesso e imprudente, como nenhum outro, sempre cheio de resolução e audacia, possuindo talento e habili-

dade em alto gráo, poder-se-ia fazer d'elle um grande homem, se o tempo em que vivemos, não bastasse para pervertel-o: tentámos aproveitá-lo, e o fizemos estudar; comprehendia suas lições com facilidade espantosa, progredia rapidamente; mas ao mesmo tempo oppunha-se com reprehensivel obstinação ás idéas de seus mestres, quando não lhe agradavão: ria-se diante d'elles, se os ouvia dizer, o que elle chamava um absurdo: abandonava as aulas para passar horas inteiras nas galerias da camara dos deputados; decorava os discursos mais vehementes, e arremedava os oradores mais fortes: emfim, mesmo em minha presença, atrevia-se a combater e a zombar de minhas nobres crenças, a que elle ousava dar o nome de — prejuizos dos seculos de escravidão, e ignorancia!

« Era um coração de serpente.

« Não: nem os avós, nem o pai d'esse menino protegêrão com criminoso deleixo ou estúpida indifferença os erros filhos de sua má indole; mas elle tinha uma mãe... indulgente como quasi todas; uma mãe, que o amava extremosamente, que fechava os olhos a suas faltas, e que finalmente, sem o querer, cooperou para sua perdição...

« Ao correr dos seus dezeseis annos esse menino tinha concluido seus estudos preparatorios, e redobrado a viveza, a resolução, a audacia, e a insolencia, que lhe erão naturaes.

« Então... a serpente mordeu-nos.

« Tu, Honorina, chegavas á época feliz dos nove annos... De antemão nós fruíamos o prazer de vêr brilhar esse dia, em que a cruz da familia tinha de passar ás tuas mãos...

« Mas eu nunca me enganei... eu tive presenti-

mentos, de que uma grande desgraça estava prestes a cair sobre ti... sobre nós... Essa desgraça foi preparada por teu proprio pai.

« Sentindo aproximar-se o dia de teu nono anniversario, Hugo declarou-nos, que queria mandar ornar a cruz da familia com preciosos brilhantes: teu avô, e teu tio, Honorina, applaudirão essa idéa, porque pensavão demonstrar assim o muito apreço em que tinhão a sagrada cruz, e porque tambem isso satisfazia a ternura, com que te amavão todos.

« Fui eu a unica que me oppuz: eu sempre entendi, que cumpria conservar pura e intacta a nobre herança havida de nossos avós, a nobre herança de Isabel deixada por Gil-Mendonça. Mas que podia uma triste mulher contra todos os parentes?... Foi com lagrimas nos olhos, que eu vi levarem a cruz da familia...

« E chegou o dia de teu nono anniversario.

« Todos nós jantámos reunidos; duas unicas pessoas que não tinhão o nome de Mendonça jantarão connosco; Lucia, que déra de mamar a teu primo Lauro, e a ti, e Felix, que é hoje o guarda-livros de teu pai; pobre e desvalido moço a quem por compaixão recebemos para nossa casa, e que nos tem sabido pagar com admiravel gratidão.

« Acabado o jantar, Honorina, eu te chamei para junto de mim; todos vierão cercar-me e ouvirão-me repetir a historia da cruz, que ias receber, e que consequentemente foi lançada em teu pescoço.

« Tu, Honorina, posto que contasses nove annos, eras innocentinha, como uma pomba; porque, em falta de tua mãe (pois já a tinhas perdido), nós,

teus avós, te guardavamos, e zelavamos sobre a tua educação, para que teu pai te não enlouquecesse com suas extravagantes idéas.

« Innocentinha por tanto, como eras, tu beijaste a cruz com alegria infantil, e sem ainda comprehender o valor d'ella, orgulhosa a andavas mostrando a todos nós.

« Então, Lauro te disse sorrindo-se :

— Honorina... eis uma bella cruz para ser furtada! tem ricos brilhantes, que se podem vender...

« Tu, Honorina, correste instinctivamente para mim; e eu respondi a teu primo :

— Lauro, tu és um louco : não se graceja sobre um objecto sagrado.

« Este episodio não passou d'ahi. A's sete horas da noite adormeceste, como costumavas, e a tua cruz foi em uma salva de prata depositada perto de teu leito.

« A's dez horas da noite a cruz da familia tinha desaparecido.

« A dôr, que sentimos, não se pôde descrever : e antes de procurar conhecer o ladrão, teus avós, e eu, Honorina, já tinhamos adivinhado quem fôra.

« Todas as suspeitas recahirão sobre Lauro.

« Felix, e uma velha parenta nossa, declararão que o tinham visto entrar no teu quarto com precaução, e cuidado; que elle por algum tempo ahi se demorára, tendo tomado, e examinado a cruz attentamente.

« Lauro, ouvindo o testemunho de ambos, córou, e disse com sua costumada audacia :

— Tudo isso é verdade.

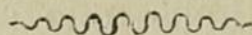
— E a cruz? onde a pozeste?... bradámos nós.

— Deixei-a lá mesmo : foi sua unica resposta.

« O resto tu sabes, Honorina ; a carta, que ouviste teu pai ler, me poupa o trabalho de referir a scena de maldição, em que eu proferi as palavras de que elle se lembra, palavras que nunca me arrependi de haver proferido, palavras, que repito ainda... »

E a velha Emma, levantando a voz, disse com força :

— Torne-se em pedra o pão, que elle comprar com o dinheiro, pelo qual vendeu os brilhantes da cruz da familia !... o ladrão não me obrigue a córar de vergonha apparecendo ainda diante de mim !...



VIII.

● primo Felix.

Era a hora, em que (segundo a fraseologia das moças) — se prega o ponto — ; e da costura cu do bordado corre-se para a janella. Entendame-nos ; não queremos com isto dizer, que nossa civilisação esteja tão atrasada, que se impenha ainda ao bello sexo o importuno captiveiro da agulha : nada : isso não ! é sómente propositte nosso fazer sentir que tinha chegado a hora feliz, em que o sol não reflecte mais seus raios sobre as janellas das casas da nossa cidade, e consequentemente n'aquellas apparecem as elegantes e mimesas filhas de Nictheroy.

D. Rosinha estava, conforme o seu costume, de janella, e então conversava fortemente com

uma vizinha tão sua camarada, que já uma vez chegára a sustentar seriamente, que ella não era feia : sentia-se pois tão enlevada, no que praticava com o — seu pensamento —, como a chamava, que não vio entrar o seu primo Felix.

Antes de irmos por diante convém lembrar, que temos aqui dous objectos, que sendo muito communs, merecem todavia momentos de reflexão : são elles uma moça, que está de janella, — e um primo de moça bonita.

Mas é preciso prevenir tambem, que as observações, que vão ser lidas sobre o primeiro ponto, não poderão caber senão a um restricto numero de jovens, que não podem formar regra, que são tristes excepções entre as do seu sexo. E para ainda menos offender a susceptibilidade, de quem quer que seja, tratando d'ellas, não diremos — *uma moça*; diremos — *uma moça loureira*.

Uma moça loureira, que está de janella, e que é do numero d'essas, que sabem estar de janella, põe em accção a sciencia mais difficil do mundo, e que é ao mesmo tempo tão positiva, como a mathematica, e tão cheia de — cousas nenhuma —, como a diplomacia : ella tem a vista tão segura, que pelo menear da bengalinha conhece o joven, que vem no principio da rua : pelo tirar do chapéo adivinha, se é moça ou velha a pessoa, a quem elle cortejou ; e pelo cortejo, que recebe, se o padecente ainda tem de voltar pela mesma rua ou não : tem o ouvido tão apurado, que pelo som da corneta, prediz o official, que commanda a guarda, que vai passar ; pelo longinquo trotar de um ginete, quem é o cavalleiro, que o cavalga ; e pela — boa tarde — que lhe dá a vizinha, sabe para logo se ella já vio...

ou se ainda espera. E a mão-zinha de moça loureira, que está de janelia?... com seus dedinhos cõr de rosa falla essa mão ainda mais, que um papagaio de seminario! um lenço n'essa mão move-se e dá mais signaes, que o telegrapho do castello; uma rosa ou um cravo entre seus dedos é mais brilhante, que a fogueira de Sésto; mais eloquente que um discurso de Mr. de Lamartine.

E uma moça loureira não perde nada; antes de tudo tira partido n'essa posição: se por exemplo apanha um maninho, um sobrinho, uma criança emfim de poucos mezes... que de caricias não recebe o pobre innocente!... ensina-lhe a dizer adeos com a mão-zinha... abraça-a mil vezes... e em conclusão a creança não é mais, do que um trunfo, no qual se embarca uma bisca.

E se ha loureiras, como ella?... misericordia! isso sim, é que é maçoneria, onde não penetra o vulgo, profano: fazem ellas um tratado de alliança tal, que deve muito bem causar inveja a todos os diplomatas das quatro grandes potencias: a mais sonsa d'ellas vale o dobro do principe de Meternich. Velha ou moça, que passa, não vai sem sofrer uma analyse critica e miuda de todos os seus vestidos, e a enumeração de todas as imperfeições de seu fisico: velho ou moço, que tem a desgraça de por ahi fazer seu caminho, não volta o canto sem levar nas costas a sua alcunha; e os senhores apaixonados terão tambem paciencia; será bom que vão passando com a certeza de que, se as queridas lhes perdoão, as visinhas não podem deixar de lhes fazer ao menos uma careta, de dizer ao menos — que tolo —! Ainda o que vale, é que ás vezes taes enredos, e ciumes se levantão entre

ellas, que mutuamente se beliscão, e se atrapalhão, que faz gosto ouvi-las, e vê-las de tão lindamente arrufadinhas, que ficão.

Julga muita gente, que logo que olha para a moça loureira que está de janella, póde dizer, a respeito de que está ella pensando, do que ella cuida, e o que ella sente: pois ellas riem-se! e riem-se com razão; porque lá dos segredos da arte das janellas ainda ninguem tocou o fundo... Os vaidosos acreditão ter comprehendido assás, por haver tirado as seguintes consequencias:

1^a Moça que estando de janella tem os olhos fitos no lado do mar, é porque espera, que venha alguém d'esse lado.

2^a Moça, que não conversa com as visinhas, que olha ora para baixo ora para cima, sempre cuidada e suspirante, é porque não sabe por onde surdirá um rapagão que, por ciumento, ou adoidado, não tem nem hora, nem ponto certo, em que appareça.

3^a Moça sentada á janella com a face pousada sobre a mão — tem saudades.

4^a Moça, que quando sente vir o predilecto da parte de cima, fita os olhos no lado de baixo, e ao sentil-o defronte de sua janella, faz com a cabeça um movimento, formando um arco de circulo, e olha para a parte, d'onde elle veio, fingindo não tê-lo visto — está de arrufos.

5^a Moça, que ao vêr aproximar-se o joven, que a requesta, volta-lhe as costas, e foge para dentro — morre por elle.

Mas basta de fallar em janellas, e já que por demais foi longe a reflexão sobre tal ponto, seja em compensação ligeira, a que tocar aos primos.

Um joven primo é pouco mais ou menos o espirito maligno em forma humana, calcando botas, e vestindo casaca : ha uma tal quèda para os primos, que se faz preciso andar sempre com os olhos bem abertos sobre elles.

Um joven primo foi uma creança que brincou o — tempo será — com as primas, que chamou a uma d'ellas minha mulher, e foi por essa chamado meu marido ; que se acostumou desde então a entrar na casa d'ellas sem bater palmas, que faz quadrinhas para os lenços d'ellas, que é o compadre de suas bonécas, e que agora ou é d'esses, que fazem garbo da liberdade, que tem com as primas, e á vista de gente grita, corre, e patusca com ellas, e então não passa de moço de — bom tom — fogo de palha — casca de grande cousa com amago de cousa nenhuma ; ou pelo contrario é um primo — com cara de tolo —, que não perde terço, nem novena, que reza muito na presença dos tios, e tem um oratorio em casa, onde faz festas aos santos de sua devoção, e que emfim em noites de reunião em casa das primas, em quanto ellas palestrão, danção e se divertem, elle se deixa ficar em um dos cantos da sala bocejando e coxilando, uma vez por outra dando tabaco ao tio, espivitando as velas, e indo ajudar as primas a preparar o chá.

Esta é que é a casta de primos mais perigosa no seio de uma familia, do que um doente de sarampos ou hexigas.

Felix, a quem de antes conhecemos, pois que já o encontrámos almoçando com a familia de Venancio, é um primo do primeiro genero ; perdido de amores por sua prima Rosinha, tem mais ciumes d'ella, do que uma creança do collo de sua mãe :

Rosa que o vê com olhos, de quem quer casar, e que além d'isso é moça entendida em negocios diplomaticos, o julga um moço que, em falta d'outro, lhe poderá servir para marido; e por consequencia, segundo a tactica, que em outras pôde ser observada, nem o despede, nem se deixa dominar; trás-lo atrás de si, como o seu galinho; se o vê exasperado e disposto a fugir-lhe, sorri-se para elle, e assim o amansa, e o faz beijar-lhe os ferros; se o observa muito altaneiro, e confiado em sua constancia, não olha para elle um dia inteiro, e o põe com o juizo em voltas, e a esperanza em alarma. Já se vê por tanto que Felix pertence ao numero dos tolos de amor.

Pois elle não se quiz fazer annunciar: com toda a sua perigosa liberdade de primo, entrou pé por pé para a sala: vendo aberto o piano, em que tantas vezes tocava a sua querida Rosinha, o foi beijando tecla por tecla... já tinha lambido metade do teclado quando se lembrou de causar um — susto á prima que, no fervor da sua conversa com a visinha, não o havia ainda percebido; mas não tardou a mudar de resolução, e encobrando-se atrás de um aparador, dispoz-se a escutar o que dizião as duas.

— Mas, meu pensamento, perguntava n'esse instante a visinha, isso é sempre assim?...

— Sempre assim de tres dias a esta parte!... foi ha tres dias a primeira vez que o vi, e desde então tanto eu o amo, como minha mãe o mostra aborrecer.

— Amar ha tres dias?... pensou o ciumento do primo; ha tres dias vio ella Octavio no theatro!... mas como é que a mãe o detesta, e o manda convidar para o sarão?...

E prestou dobrada attenção.

— Mas porque tanto odio, meu pensamento?...

— Porque diz que é indigno de mim, e que eu me não devo occupar com elle: oh! isto já me aborrece!... talvez que em breve vá descansar.

— Sim!... estimarei bem.

— Sou capaz de, em menos de dous mezes, estarcasada com o meu primo Felix.

— E elle que te hade amar tanto!

— Por certo: morre por mim.

— Dissirão-me que é excessivamente ciumento.

— Sim... sim... mas embora; ainda quando lhe não tivesse amor algum, casar-me-ia com elle, só para vêr-me livre do máo genio de minha mãe: ora... só o odio, que ella vota ao meu querido...

— A quem?... a teu primo?

— Não: quando eu digo — meu querido —, deves adivinhar, que não é a meu primo, que me refiro.

— Ah!... disse a visinha de D. Rosa; porém como ainda me não disseste o nome...

— E' que o seu nome não tem nada com o amor, que eu lhe tenho.

Felix começava a sentir-se cada vez mais curioso.

— Pois bem, continuou D. Rosa, como te eu dizia, minha mãe vota-lhe um odio de morte: diz que por causa d'elle, não coso, não bordo, e não estudo piano ha tres dias.

— Que injustiça!...

— E' verdade! então elle, que gosta tanto de me ouvir tocar!... uma vez, quando levantei-me do piano, elle estava ao pé de mim, sem que eu saiba

ainda, como pôde entrar na sala; e sabes o que fez?... beijou-me a mão.

— Que amor! disse a amiga.

Felix já estava realmente incommodado.

— Ah! está! não diria isso minha mãe: não sei, porque o detesta; ainda hontem, depois de ralar comigo, e de amaldiçoá-lo, perguntou-me affectando um sorriso ironico: « porque te não casas com elle?...

— Que máo genio de senhora!...

— Ainda mais, a todo o momento o chama des-enxabido, e feio.

— Outra injustiça, não é assim, meu pensamento?...

— Sem duvida; e respondo chamando o teu testemunho: dize, meu pensamento, serão feios aquelles olhos vivos e travessos, será feio aquelle rosto redondo e branco?... serão feios aquelles pés tão pequeninos, e feias aquellas mãos tão finas, e tão macias?... oh!... como deixar de amal-o!...

— Bem se vê, que tens toda a razão.

— Sim!... eu o amo... amo-o, e muito! será um capricho, uma loucura; mas não posso passar sem elle... eu dou-lhe os meus sorrisos de dia, e sonho com elle de noite!...

— Que paixão, meu pensamento!...

— É o mais é, que eu entendo que tenho todo o direito de amar, a quem bem me parecer...

— Eu tambem sou da tua opinião, meu pensamento: a vontade do cidadão é livre.

— Pois não é assim?... não se falla tanto em direitos e garantias?... quanto a mim o direito e a garantia da mulher é amar a quem lhe agradar.

— Apoiado! meu pensamento, apoiadissimo.

— Por consequencia, minha mãe não me póde coagir a não amar o meu querido...

— Não, de certo; isso seria uma suspensão de garantias...

— E por tanto hei-de amal-o sempre, e cada vez mais...

— E farás muito bem.

— Quando vier tocar piano, deixarei a porta da sala aberta para que elle venha ouvir-me... e beijar-me a mão...

— Isso... isso...

— Em todas as tardes, em quanto minha mãe dormir a sésta, elle e eu havemos comer, no mesmo prato, do melhor doce, que tivermos em casa...

— Assim, assim, meu pensamento.

— E apezar de minha mãe, hei de sempre achar meios de acaricial-o, e de gozar suas caricias; ao levantar-me da cama... durante o dia... de noite mesmo procurarei vê-lo... mostrarei que o amo.

— Ora está como deveríamos ser todas nós... fortes... decididas...

O infeliz primo Felix já se não podia suster... suava ciúme por todos os poros do seu corpo.

— Agora minha mãe, para affligir-me, diz que quer vê se quando eu me casar, e fôr dona de casa, ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com elle.

— E tu que pensas?

— Penso que posso muito bem, depois de casada, amal-o como agora; penso que terei tempo de me occupar d'elle, sendo mesmo dona de casa; penso enfim, que me será facil conseguir que meu marido o ame tambem.

— Eu tambem julgo tudo isso muito possivel, e natural.

— O meu querido!... o meu querido!... proseguio D. Rosa; ah!... mal pódes conceber o susto que por causa d'elle passei ainda ha pouco: eu te conto. Minha mãe mandou-me estudar a lição de piano; eu vim, e apenas tinha tocado a introdução de uma peça, entrou elle pela porta da escada, que estava aberta, como agora, e segundo seu costume de tres dias, veio encostar sua linda cabeça no meu collo, para ouvir-me tocar; mas cinco minutos não se haviam passado, quando senti os passos de minha mãe; ah!.. não tive tempo, senão de entrar na alcova, e de escondel-o atrás das cortinas do leito... então elle que é tão medroso!...

— E depois?

— E depois, minha mãe não me deixou mais; vim para a janella, para não fazel-a desconfiar, e se o meu querido ainda não fugio, vou agora dar-lhe escapúla.

E D. Rosa voltou-se para ir abrir a porta da alcova, quando Felix ergueu-se, e mostrou-se pallido, tremulo, e desfigurado.

— Ouvi tudo!... balbuciou elle a custo.

— Senhor!... meu primo!.. exclamou a moça.

— Digo, que eu estava ali, continuou o infeliziumento com voz rouca e sinistra, estava ali, e ouvi tudo!... tudo...

— Que quer dizer?... perguntou D. Rosa, confusa.

— Quero dizer, que se ha uma mulher, que reuna em si quanta perfidia, quanta ingratição, quanta astucia... e vileza tem vomitado o inferno, essa mulher... é a senhora.

— Senhor !...

— E a prova, do que eu digo, está bem perto de nós... vai mostrar-se já ; porque eu vou abrir a porta d'esta alcova, e o infame ha de apparecer para logo depois sahir d'aqui... comigo.

D. Rosa soltou uma risada de escarneo.

— Escarneça !... escarneça !... mas o escarneo, que me está lançando, hade ser lavado com o sangue do covarde !

E Felix dirigio-se á porta da alcova.

— Um duello?! exclamou D. Rosa com indizível expressão de ironia ; um duello?... nunca o acreditei tão intrepido.

— E será um duello de morte !...

— Vergonha, a quem recuar ! disse a moça.

— Não serei eu ! bradou Felix enfurecido.

— Vergonha a quem recuar !... repetio a moça abrindo em par as portas da alcova.

Felix avançou furioso para o leito...

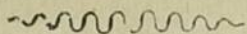
Com as mãos tremulas, correu as cortinas...

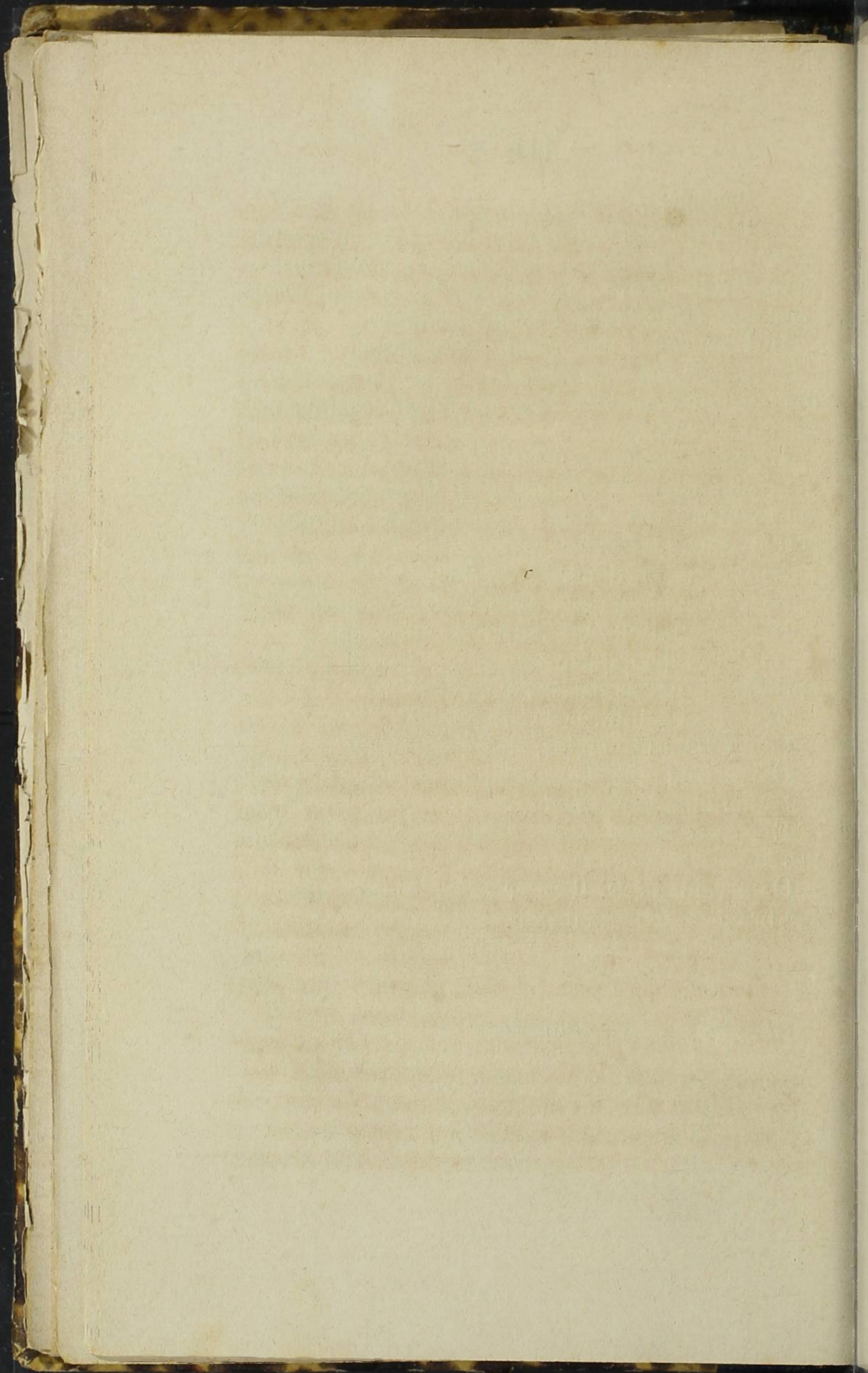
Olhou com olhos flammejantes de cólera...

Soltou uma gargalhada...

E entrou de novo na sala trazendo o seu rival nos braços.

O querido de D. Rosa era o seu cachorrinho ; o seu branco e felpudo dogue.





IX.

Noites de visitas.

Felix, com o dogue nos braços, alcançou para logo o perdão das parvoices, que havia dito a Rosa, que recebeu, apertou contra o peito, e beijou cem vezes o feliz e felpudo animal-zinho, pelo que já o padecente primo começava a fazer uma quadrinha imitante de outras por elle lidas, e principiava a dizer assim :

Quem me dera ser cachorro,
Para...

Quando foi estagnada sua veia poetica pela repentina chegada de Thomasia, que ouvindo as risadas que ha pouco tinham soado, vinha pedir a explicação d'ellas : encontrando o dogue nos braços de sua filha, seu rosto tomou expressão de colera ;

mas cedo rio-se tambem com a melhor vontade, sabendo do qui-pro-quo de seu sobrinho, e em louvor de tal, prometeu a Rosa fechar os olhos á sua paixão pelo cão-zinho.

Felix, que já se achava mais a sangue frio, reparou então que alguma novidade devia haver na casa de sua tia: a sala estava cuidadosamente ornada; havião flôres frescas nos vasos, e velas ainda virgens nos castiçaes; as duas senhoras mostravão-se vestidas no ultimo apuro da mais affectada simplicidade.

— Então que quer dizer isto?... perguntou elle; minha tia, eu aposto que se esperavão visitas aqui!

— E ninguem será tão louco, que queira perder apostando contra ti, respondeu Thomasia sentando-se com um cuidado admiravel para não amarrotar o vestido.

— Mas quem são portanto as pessoas que se devem mostrar hoje?... eu quero saber, se me cumpre fugir ou ficar.

— Fica, fica, meu Felix, ao menos para me ajudares a soffrer com paciencia as parvoices do Sr. Estanislão, de sua terrivel metade, desenxabida filha, e malcriado filho... eu bem me não quero metter com semelhante gente... são as amisades de meu marido.

— Porém, minha mãe, disse Rosa, em compensação meu primo apreciará a sociedade de D. Mafalda, que sem duvida trás comsigo a lindeza de sua sobrinha.

— Fico, minha prima, fico: ainda que seja só para ouvir D. Mafalda, e vêr D. Ignacia.

— Pois o que tem de bom ouvir-se D. Mafalda? perguntou Thomasia.

— Muito, tia-zinha, ella sabe e conta a chronica dos mortos, dos vivos, e até dos que ainda estão para nascer.

— E o que tem de bom vêr D. Ignacia? inquirio Rosa sorrindo-se de antemão.

— Misericordia!... minha prima!

— Ora... estou vendo, que o senhor não a queria...

— Oh!... se a queria! mas para ganhar minha vida, andando pelo mundo a mostral-a como raridade; que carão, minha prima, que carão!...

— Quanto mais se ella não andasse de vestido tão comprido.

— Então porque?...

— Tem as pernas enormemente zambras, e um pé duas pollegadas maior do que o outro.

— Bravo! que bello achado!

— Mas que é isto, meu primo, que alegria é essa?...

— Um feliz achado; um amigo meu se occupa em escrever os *Mysterios do Rio de Janeiro*, e vou offerecer-lhe em D. Ignacia uma — Cambeta.

— Cala-te, lingua má! disse por entre risadas de gosto Thomasia; cala-te, e esperemos todos pelas nossas visitas.

No entanto que estas scenas se passavão em casa de Venancio, em duas outras casas estiverão desde as sete até ás oito horas e meia da noite demonstrando toda a sua paciencia dous pobres homens, martyres da moda.

Porque, em verdade, não é um martyrio; mas é a provação mais segura da paciencia de um homem, o fazel-o esperar por uma senhora gameinha, que se veste para sahir: assim como no fogo

se prova o ouro e a prata, assim tambem n'essa longa hora, em que o pai ou marido leva a bocejar, coçar a cabeça, passear peia sala, e consultar o relógio, fica-lhe provada a santa virtude da paciencia, e, o que é mais, são-lhe de justiça descontados boa meia duzia de seus pequenos peccados.

De ordinariô as senhoras fazem voto de sahir cedo de casa; pois que, principalmente entre as moças, não se conta uma só, que não beba os ares por uma noite de theatro, de visita ás amigas, ou de passeio pela rua do Ouvidor; mas quando se veem defronte do toucador (aqui para nós, um toucador é a cachaca das moças) esquecem-se das horas que passam, e de lá se não desgrudão, sem que os pais ou maridos gritem por ellas cem vezes de cançados de esperar, que se achão.

Ha no entretanto duas scenas sobremaneira apreciaveis: aqui, se vê um homem, que apertado dentro de sua casaca, e enforcado por sua gravata, passeia impaciente ao longo da sala; lá, uma, ou meia duzia de moças, que firmes ante o toucador, dão graças á natureza, pois não ha nenhuma, que se não julgue bonita, e arengão e gritão com as escravas e criadas, para que as apertem até o ponto de suffocal-as.

Na sala, o pobre homem exclama de momento a momento: « andem, senhoras! venhão meninas! pois ainda não estão promptas?... » do toucador responde uma dellas: « já vamos, meu paizinho! estamos pondo os anneis » e ainda lhes falta todo o animo preciso para affastar-se de defronte do feiticeiro toucador... e ainda ellas se occupão em beliscar as orelhas para tornal-as vermelhas, em morder os labios para fazel-os rubros, em preparar

certo mover n'elles para fingir um sorriso, com que derrotem, quem o merecer, e ensaiar um quebrar de olhos, com que ponhão em fino cascalho o coração mais de pedra, que lhes venha á mente conquistar.

Finalmente, depois que na sala muito se esperou e se gritou, sahe a senhora do toucador, exclamando, que não se póde aturar um homem rabujento, e as meninas confessando em segredo, que seu pai-zinho á medida, que se vai fazendo mais velho, se está tornando mais impertinente. Ainda ao descer a escada, e mesmo da porta da rua, ellas voltão ou mandão buscar o vidro de essencia de rosas, a flor, o leque, o lencinho escolhido, e outras cousinhas, de que ordinariamente se esquecem para lembrar-se n'esse lugar, o que não deixa de ter seu merito — no grande tom —. Em resultado é sempre uma victoria de peso o vê-las em ordem de marcha. As senhoras negão estas observações; mas... respondão os martyres. Foi pouco mais ou menos isto mesmo, o que se passou com o Sr. Estanisláo, e com Braz-mimoso, que tinha sido convidado para acompanhar D. Mafalda.

A's oito horas e meia da noite chegarão as visitas com differença de minutos uma da outra. Escusado é dizer, que muito tempo gastarão as senhoras em dar-se mutuos beijos, e em dizer-se mil cousinhas muito lisongeiras, de que no interior ellas mesmas se estavam rindo por havel-as dito.

Achavão-se pois presentes o Sr. Estanisláo com sua mulher, filha e filho; o Sr. Braz-mimoso com D. Mafalda, e D. Ignacia; e Venancio, Thomazia, Rosa e Felix.

Manduca tinha ido a um theatrinho de bone-

cos; divertimento de que era muitissimo apaixonado.

Depois de sentados na sala, a sessão começou, como era de esperar, pela apresentação da recém-nascida, que foi trazida, e mostrada a todos, passando pelo collo de todas as senhoras, recebendo um beijinho de cada uma d'ellas.

— Dou-lhe os parabens, Sra. D. Thomazia, disse D. Carlota, que assim se chamava a mulher de Estanislão, sua filha é um perfeito cupidinho.

— E que viveza, minha senhora!... quando me vê já estende os bracinhos, e move com os labios, como para dizer — mamãe — : olhe — ma — já ella chegou a dizer hontem á tarde!... é o meu encanto... ri-se, brinca... conhece a todos de casa... não chora de noite... enfim, não é por ser minha filha, mas eu nunca vi criança, como esta.

— Isso é verdade... eu nunca vi criança como esta, disse automaticamente Venancio.

— Com quem se parece, Sr. Estanislão?...

O Sr. Estanislão na verdade que quando a criança lhe fôra apresentada, havia dito — que lindo anjinho — ! mas, aqui para nós, nem de leve lhe reparára nas feições; todavia ouvindo a pergunta de Thomazia, entendeu, que deveria responder satisfatoriamente, e por isso disse sem hesitar :

— Ora, minha senhora... basta um rapido olhar para se reconhecer o retrato de V. S. no bello rosto d'aquelle cherubim!...

— Então, Venancio, não te tenho eu dito, que esta menina é o meu retrato?...

— Basta vê-la, Thomazia, eu penso do mesmo modo.

— Olhem... exclamou Thomazia... olhem como

ella chupa o dedo!... que graça! que encanto!... quer mamar, e não chora: uma outra criança já nos teria ensurdecido com seus vagidos; leva-a, rapariga, leva-a com cuidado, e dá-lhe de mamar; por esta vez...

— As crianças d'este tempo, disse D. Mafalda, são todas vivas, e maliciosas logo que nascem: desde que se proclamou a constituição não se vê mais criança tola.

— Tomára eu que chegasse o dia do baptisado!...

— Por fallar no baptisado; já sei que deve-se achar em trabalhos com o seu baile.

— O certo é que me tenho visto doida com pedidos de convites!

— A proposito, minha tia, disse Felix, devo dar-lhe conta de minha commissão.

— De que commissão me fallas, sobrinho?

— Do convite que me obriguei a offerecer ao Sr. Hugo de Mendonça.

— O Sr. Hugo de Mendonça?... disse Estani-
lão: é o homem, de quem te fallei, minha Carlota.

— O homem que tem uma filha, que se diz ser bonita?...

— Esse mesmo.

— O pai da joven, a quem chamão romantica?... perguntou D. Rita, filha de Estani-
slão.

— Exactamente, respondeu Felix.

— Mas que tem ella para se chamar roman-
tica?... tornou Carlota.

— Eu não sei: ainda não a vi.

— Eu já tive a honra inapreciavel de vê-la, disse com ar meio ironico a sobrinha de D. Ma-
falda.

— E então?...

— E então?...

— Pinte-nos esse bello anjinho.

Todos se voltárão para D. Ignacia, e fizeram voto de lhe prestar a maior attenção : Braz-mimoso era porém da roda o que se via mais atrapalhado : o filho de Estanisláo, menino de sete annos, o rapazinho mais espirituoso do Rio de Janeiro, como suppunha Carlota, o não deixava parar : empregava todo o seu espirito em incommodar o pobre homem : havia principalmente implicado com a corrente do relógio, e com os bellos cachos da postica cabelleira de Braz-mimoso.

— Espere, nhônhô... Sr.ª Juca... espere disse elle.

— Aquieta-te, Juca... olha que eu te prendo em uma cadeira : acudio Estanisláo.

— Estanisláo, deixa a criança, exclamou Carlota, tu sabes como o Sr. Braz ama ao nosso Juca... apósto eu, que elle está gostando... Juca é tão engraçado...

— Sem dúvida, tornou Braz-mimoso meio desapontado, eu gósto muito d'elle... venha, Sr. Juca... sente-se aqui no meu collo.

O Juca não esperou segundo convite : sentou-se no collo de Braz-mimoso que, para vingar-se do menino, que com as mãos lhe torcia a corrente do relógio, e com os botins lhe esfregava as calças, deu-lhe um comprido beijo na face, fitando os olhos em D. Rita.

— Mas, meus encantos, disse Rosa a D. Ignacia, a romantica, a romantica?...

— A romantica... é... uma moça

— Até ahí sabemos nós ; falta o essencial : principiemos pela idade : quantos annos tem?...

— Não lhe vi ainda a certidão de baptismo : a tal respeito não será bom fiarmo-nos, no que ella disser.

— E' bonita?...

— Isso é conforme... para mim todas são bonitas.

— Ora...

— Ora, não : se quizerem, o que eu posso fazer é dar os principios, e depois pódem as senhoras tirar a consequencia.

— Pois comece, meus encantos ; não vê a nossa anciedade?...

— Começarei pelos cabellos... são negros... negros de metter medo!...

— Lisos, ou crespos?...

— Não se conhece bem... parecem crespos, mas assim uns crespos a custo de muito trabalho...

— Curtos?...

— Não serão curtos ; mas logo se adivinha, que ella ha-de vir a ser calva.

— Oh!... exclamarão todas as senhoras a um tempo, isso é horrivel!...

— A testa, continuou D. Ignacia, é alta ; mas sem nobreza...

— Antes fosse baixa... isso é já um defeito, acudio D. Rita ; uma testa alta sem nobreza... veção só como ha-de ser.

— Os olhos?...

— Os folhos... na verdade que são grandes e pretos ; mas ao mesmo tempo são amortecidos... requebrados...

— Santa Barbara ! gritou D. Carlota, olhos re-

quebrados são cousas muito indecentes... antes ser cega...

— O nariz... não pequeno... é afilado... a falar seriamente, eu não julgo o nariz d'ella bem-feito.

— Eu faço idéa, disse D. Rosa dando uma risada.

— Os labios são rubros... quando ella os morde... é um habito, que ella tem desde criança.

— Olhem que tal!... assim todos tem labios bonitos.

— Os dentes muito brancos... ora este excesso...

— E' um signal de phtisica pulmonar complicada com tuberculos pulmonares, acudio Thomazia.

— O queixo... eu não me lembro bem, se ella tem queixo!

As senhoras desatárão a rir.

— A tez é branca, muito branca... não é amarella; mas tambem ella não tem a pallidez da moda... a pallidez romantica...

— E' uma côr sem alma.

— Isso mesmo, minha mãe: o collo não é lá essas cousas... os braços, podião ser mais bem feitos... as mãos um pouco mais brancas... os dedos... os dedos tão finos, que causão pena...

— Adiante, adiante, meus encantos.

— Que direi mais... meus encantos, você bem sabe, que o corpo se arranja muito bem com algodão, saias, e vestidos, de modo que só parece malfeita, quem quer assim parecer.

— Por consequencia?... perguntou Felix rindo-se.

— Hade ser calva, disse uma.

— Tem olhos indecentes, disse outra.

— Não é bonita.

— E' feia.

— E' horrivel.

— Não, não, tornou D. Ignacia, ella não é lá essas cousas, que querem dizer; mas tambem não consinto, que a julguem horrivel!... olhem, eu sympathisei muito com ella; talvez seja suspeita por isso; pois quem sympathisa com uma moça, sempre a julga melhor, do que na verdade é.

— Pois bem, disse Rosa, nós a veremos em poucos dias: porque não creio que seu pai regeitasse o convite, que lhe levou meu primo.

— Ah! acudio Thomazia, é verdade, Felix, vamos ao resultado da tua commissão.

— Foi uma batalha, minha tia.

— Como?...

— E' o caso, que a mãe do Sr. Hugo de Mendonça detesta os bailes tanto, como qualquer outro progresso nacional, e por consequencia oppoz-se furiosamente á aceitação do convite.

— Então tem o atrevimento de regeitar?...

— Ella por certo que não virá ao sarão de minha tia.

— Tambem não se precisa de semelhante original: e o Sr. Hugo?...

— Finalmente, aceitou o convite, depois de uma discussão de duas horas, em que a Sra. D. Emma de Mendonça sahio fóra da ordem mais de cem vezes.

Um grito de Braz-mimoso interrompeu a Felix: todos olhárão: o mais extravagante successo tinha acontecido ao infeliz gamenho: o Juca, que não lhe havia deixado mais o collo, e que tinha passado o divertimento de suas mãos da corrente do relógio

exclusivamente para os cabellos emprestados de Braz-mimoso, em um dos arrancos, que lhes deu, atirou com a cabelleira ao meio da sala, de modo que a linda calva de Braz-mimoso ficou patente aos olhos de toda a sociedade.

Seguiu-se um momento de contracção de risadas.

Um outro de hilaridade prolongada.

Emfim, Estanislão passou a reprehender o Juca ; quando porém se dispunha a pôl-o de penitencia em uma cadeira, Carlota chamou para junto de si o filho, e deu-lhe tres beijos seguidos, como mãe muito boa, e extremosa que era.

Em quanto Braz-mimoso concertava a cabelleira, chegou o chá.

Depois do chá, D. Ignacia cantou uma modinha, — D. Rita — um romance — e Braz-mimoso — um lundú.

A's onze horas as senhoras levantárão-se para retirar-se, ás onze horas e meia chegarão ao tôpo da escada, e alguns minutos depois da meia noite descêrão a escada, voltando ainda D. Rita da porta da rua para dar um beijo na filhinha de Thomazia.

Na primeira esquina as duas familias devião separar-se : ahi conversárão ainda boa meia hora : entre muitas outras cousas, disse D. Carlota :

— Aquella D. Thomazia é a velha mais tola e vaidosa, que conheço.

— E' uma amisade, que a gente entretem para não dar que fallar, disse D. Mafalda : quanto ao mais, direi que só o pobre do Venancio podia alurrar semelhante bicho.

— E a tonta da filha?... exclamou D. Rita.

— E' uma vibora, acudio D. Ignacia, é o retrato da mãe.

— Leva de má lingua, disse Estanisláo, vamos, que é quasi uma hora.

Separadas que forão as duas familias, cada qual conversou, como pôde.

— Estanisláo, disse D. Carlota, que pessa importante é esta D. Mafalda! que lingua venenosa que tem!

— Meu pai-zinho, e a filha d'ella?... é a moça mais estúpida, com quem tenho conversado.

— Oh! Sr. Braz, dizia na outra rua D. Mafalda, já vio mulher como aquella D. Carlota?... emfim, tem os mesmos costumes da avó, e da mãe, que por minha desgraça conheci: é uma familia de mexeriqueiros.

— E D. Rita, mamãe?... dizia tambem D. Ignacia, que desenxabida maitáca!... que cascavel! não se cala um instante.

— E o Juca, minhas senhoras, respondia Braz-mimoso, que menino malcriado!

Chegando á porta da casa, Braz-mimoso despedio-se das senhoras: apenas havia voltado as costas:

— De que empada nos fizemos acompanhar, Ignacia!... disse D. Mafalda.

E Braz-mimoso ia pela rua, dizendo consigo:

— Oh! que duas pamonhas aturei eu esta noite!

Em casa de Venancio, Thomazia havia exclamado apenas as visitas sahirão:

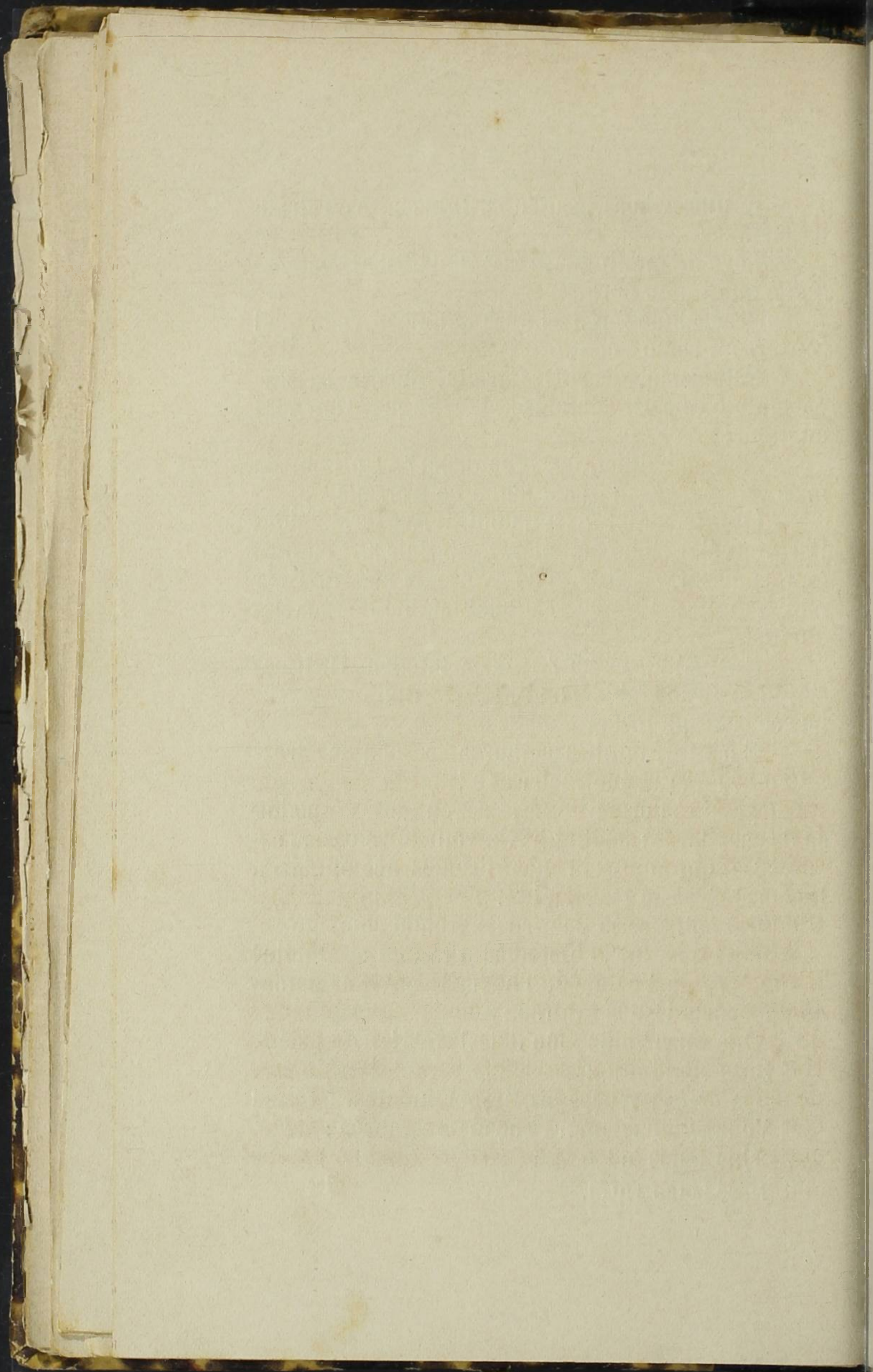
— Que duas velhas tão detestaveis!...

E Rosa tinha dito:

— Que duas moças tão impertinentes, e feias!

E Venancio exclamára coçando a cabeça:

— Que maçada!



X.

o cabelleireiro.

Tinhão soado quatro horas da tarde do dia, em que devia ter lugar o saráo de Thomazia : no gabinete de vestir de Honorina achavão-se duas pessoas : ella, que esperava pelo cabelleireiro, que tinha de toucal-a, e Lucia, que no entretanto a distrahia conversando.

A mãi Lucia, como Honorina a chamava, era uma mulher de mais de quarenta annos, alta, gorda, cheia de saude e vivacidade ; havia nascido longe da côrte, e perto de uma das fazendas do pai de Hugo, por quem fôra convidada para servir de ama de leite ao pequeno Lauro de Mendonça : Lucia, que nada tinha de seu, e aos vinte annos de idade, que então fazia, acabava de perder, quasi ao mesmo

tempo, o marido, que a amparava, e uma filhinha de tres mezes, que ternamente amava, aceitou sem hesitar o convite: prudente, socegada, e carinhosa, amamentou com tanto amor, tantos desvelos o pequeno Lauro, que mereceu e teve a gratidão e amizade da familia d'elle. Graças á solicitude de Raul de Mendonça (pai de Hugo) casou-se Lucia pela segunda vez, e dando a luz a um menino exactamente na mesma época, em que nasceu Honorina, soube com esta repartir o leite de seu filho; mas roubando-lhe a morte tambem estes, concentrou todos os seus cuidados e amor na menina, que a seus seios confiárão. Alguns annos depois ficou de novo viuva, e só no mundo; e então a familia — Mendonça — a recebeu para sempre em sua casa.

Tanta amisade, tanta confiança merecia essa mulher de toda a familia, que a muitos pareceria uma parenta dos Mendonças: sua voz é n'aquella casa attendida, seus desejos estudados, e sempre satisfeitos: ainda na vespera do dia, em que se passa este capitulo, uma simples insinuação de Lucia bastou, para que Hugo mandasse admittir entre os caixeiros de seu armazem um menino, a quem nunca tinha visto, mas que a ama de sua filha apresentou, como seu sobrinho.

Tendo dado uma succinta idéa da mãe Lucia, iremos agora acompanhar com ella a linda moça, que espera pelo cabelleireiro.

— Mas tu vês, mãe Lucia, disse Honorina, que assim tenho por força de apparecer no sarão mal vestida, e mal toucada, de modo que todos se hão de rir de mim.

— Oh! não tenha medo d'isso, Sra. D. Hono-

rina; com os olhos e rosto que tem poderá causar inveja, mas não riso.

— Ora, mãe Lucia!

— Além de que ainda temos tempo de sobra para tudo aquillo: ás cinco horas chega o cabelleiro, ás seis estará penteada, ás sete vestida, e em uma hora poderá chegar á côrte.

— Porém, sempre foi bem má lembrança de minha avó, o exigir que eu me preparasse e vestisse para o sarão aqui, em vez de o ir fazer na côrte, mesmo em casa de Rachel.

— O que quer?... a nossa boa velha tem suas idéas, mais ou menos extravagantes: não ouviu o que ella disse?... — fóra de mim carregar-te-hão com essas modas e enfeites indecentes, de que terás vergonha de ti propria!... — A Sra. D. Emma está exactamente no ponto em que estava ha cincoenta annos atrás.

— E' verdade, mãe Lucia, e o odio que ella vota a meu primo!... é um odio tão elevado, como só o é tambem o amor que lhe tens!

— Pois então, menina?... elle, como a senhora bebêrão o leite de meus peitos, disse Lucia, enxugando uma lagrima; e não é justo, que se ame, como a filhos, as crianças, que mamão o nosso leite?...

— Obrigado, mãe Lucia, obrigado! tambem pela minha parte eu te amo tanto, como meu primo.

— Oh! o Sr. Lauro me amava muito!...

— E eu, mãe Lucia, e eu?

— Tambem, tambem! mas o Sr. Lauro...

— Sim... é porque tu o amas muito mais do que a mim; disse a moça tristemente.

— Não, Sra. D. Honorina; mas é porque se

deve mais ternura aos que estão ausentes : a senhora lembra-se d'elle ?...

— Eu era tão pequena, quando elle partio...

— E que amor, que elle lhe tinha, menina ! .. parecia seu irmão !

N'esse momento uma escrava appareceu, e annunciou a chegada do cabelleireiro.

— Ah !... que entre !... exclamou Honorina desabafando um suspiro, e arranjando-se para logo defronte do toucador.

O cabelleireiro entrou : era um moço alto, vestido á— phantasia — : isto é, trazia uma cousa que ficava entre casaca e sobrecasaca de côr verde, enfiada e segura pelos braços : a gravata era amarella, o collete vermelho com botões de metal dourado, as calças roxas, e calçava botinas de duraque de côr questionavel com ponteira envernizada : quanto ao seu parecer, o cabelleireiro tinha os cabellos excessivamente ruivos, trazia oculos, e seu rosto era tão rubro, que parecia usar de carmim.

Depois de cumprimentar as senhoras com respeitoso movimento de cabeça, collocou-se em posição de começar o seu trabalho.

— Faço mal conversar, em quanto me penteio ?... perguntou a moça.

O cabelleireiro fez um movimento que parecia querer dizer — não : — depois desatou a fita, que prendia os cabellos de Honorina, e as bastas e anelladas madeixas da moça, cahirão como uma nuvem negra até o chão ; Honorina tinha as costas voltadas para o cabelleireiro, Lucia olhava com prazer ineffavel para os cabellos da querida filha de seu leite, e por isso nenhuma das duas vio atravez

dos vidros dos oculos do mancebo, o fogo, que de seus olhos lançava, como querendo devorar elles tão precioso thesouro.

— Pois que não faz mal conversar, em quanto me penteio, disse Honorina, podemos continuar, mãe Lucia.

— Pois sim, Sra. D. Honorina, eu lhe dizia, que o Sr. Lauro a amava muito, e lhe pergantava se se lembrava d'elle.

— E eu te dizia que não, mãe Lucia, isto é, de sua figura me não lembro nada, mas de sua amizade, sim, conservo ainda bem agradaveis recordações!

— E' possível?...

— Mas não é bem verdade que nós nos lembramos sempre docemente do que comosco se passou no tempo de nossa infancia?...

— Certamente.

— E por tanto, é por isso que eu me recordo de muitas cousas passadas então comigo, com minha mãe, contigo, mãe Lucia, com minhas camaradas, e com meu primo.

— Tambem com elle?... ora...

— Então, duvidas de mim, mãe Lucia?... pois eu podia provar-te já, que é verdade, o que digo... eu me lembro de mil pequeninos episodios...

— Passados com o Sr. Lauro?...

— Sim... tambem com elle: olha... sim, por exemplo... a boneca côr de rosa...

— E então?... a boneca côr de rosa?...

— Eu te conto. Não sei que idade deveria eu ter — ai!... senhor, não me puxe assim os cabellos!... — mas, eu era bem pequenina, bem travessa, e segundo o que dizião, bem engraçada: fallava

como um papagaio : ora, tu, mãe Lucia, para me fazeres adormecer, costumavas embalar-me, cantando uma balada, ou o que quer que seja, uma cantiga enfim : tão facil era a musica, e tantas vezes a havias cantado embalando-me, que eu já a tinha de cór, e a cantava tambem com minha graça infantil : rião-se tanto de me ouvir cantar, que me fazião repetir vinte vezes por dia a tal cantiga : meu primo era insaciavel : apezar de meu genio condescendente, um dia já de tão cansada que estava, teimei, e não quiz cantar para elle ouvir. Elle fingio-se enfadado... chamou-me de feia... tola... e disse-me que já tinha outra prima mais bonita do que eu, e que no dia seguinte lhe compraria uma boneca ; ora, eu era louca por bonecas... — Mas o senhor o que faz?... está parado... não me penteia... ha mais de meia hora que tenho os cabellos soltos !... Mãe Lucia, faça que elle me pentêe.

Com effeito o cabelleireiro estava em elevada contemplação : o collo de alabastro de Honorina todo nú e alvejando debaixo de seus olhos, lhe havia feito esquecer o pente, e o dever de seu ministerio : já mesmo tinha levantado os oculos sobre a fronte, e com vistas ardentes attentava as perfeições do collo da moça. Ouviado a observação que lhe era dirigida, elle, sempre em teimosa mudez, não pronunciou uma só palavra, e continuou o trabalho que havia, talvez sem querer, interrompido.

— Ande, senhor, disse Lucia ; avie-se depressa : Sra. D. Honorina continue a sua historia.

— No outro dia, ás horas de jantar, meu primo appareceu, trazendo uma linda boneca de vestido

côr de rosa : apenas a vi, lembrei-me da scena passada; mas sentida, do que elle fazia e que eu julguei um insulto, despeitada e talvez um pouco ciumenta, olhei para a boneca e não lh'a pedi.

— Então, Honorina, disse-me minha mãe, não é tua aquella boneca?

— Não, minha mãe, respondi eu, é da prima bonita d'elle.

Sem querer, meus olhos se enchêrão de lagrimas; mas meu primo Lauro fingio que me não via chorar. Acabado o jantar, Lauro disse, que ia guardar a boneca para leval-a de noite á sua prima, e entrou para o seu quarto : depois sahio... e desapareceu. Eu me sentia ansiosa por conseguir tão linda boneca; meus olhos não se podião arrancar da porta do quarto de meu primo : minha mãe, que estava lendo no meu coração, disse :

— Honorina, vai furtar a boneca da prima bonita de Lauro.

Eu achei tão justo e agradavel o conselho de minha mãe, que entrei correndo no quarto de meu primo.

Havia no fundo do quarto uma especie de altar : Lauro tinha feito da colcha de sua cama uma cortina, que cahia até abaixo, tapando a frente de uma meza, no fundo da qual eu vi a boneca.

Muito pequena para chegar até ella, eu arrastei uma cadeira, trepei-me, e fui pegar na boneca; mas quando minha mão estava quasi tocando-a, ella ergueu-se acima de minha mão... levantei esta... a boneca abaixou-se... abaixei a mão... ella fugio para um lado... persegui-a ali, e ella escapou-se para outro!!... espantada... suppondo-me só no quarto... eu recuei... dei um grito, e corri

para onde estava minha mãe... — ora... ora... isto é de mais!... mãe Lucia, este homem está beijando os meus cabellos!

— Senhor!... exclamou Lucia erguendo-se.

O cabelleireiro não fez o menor movimento: tinha com effeito beijado duas ou tres vezes alguns anneis das bellas madeixas de Honorina; mas conhecendo que ella se offendia com isso, continuou a penteal-a sempre, sem dizer palavra.

— Porém, mãe Lucia, não é isto ousadia de mais?...

— Provavelmente elle não quiz offendel-a com tal accção: se a senhora visse como o rosto do pobre homem está exprimindo dôr tão pungente...

— Está bem, mãe Lucia, não lhe digamos nada: coitado! é um estrangeiro, que ignora os nossos costumes: eu creio, que elle não sabe uma palavra do portuguez: ainda não disse nada.

— Eu tambem penso do mesmo modo, disse Lucia, mas vamos á conclusão da historia.

— Sim, continuou Honorina; eu corri para minha mãe, e lhe contei assustada, o que acabava de acontecer-me, assegurando, que a boneca era encantada: minha mãe, contrafazendo-se para não rir, disse-me que sabia um segredo para destruir o encanto da boneca, e depois de me ouvir instar muito para que m'o dissesse, depois de me vêr beijal-a, e abraçal-a mil vezes, ensinou-me, que fosse outra vez ao quarto, e que subindo na cadeira, cantasse defronte da boneca a minha cantiga: eu olhei para minha mãe, como quem duvidava; mas tanto ella insistio e me assegurou, que com isso seria destruido o encanto, tantas vezes me repelio as mesmas palavras, que acabei por acreditar e

entrei de novo, posto que menos apressada, no quarto de meu primo.

— E então?...

— Entre a dúvida e a esperança eu colloquei-me defronte da boneca, e comecei a cantar tremendo...

E eu vi a boneca fazer um movimento para mim...

Quasi que soltei um grito... pouco depois já mais animada continuei... cantei o segundo verso...

E a boneca aproximou-se algumas pollegadas do meu lado...

O meu espanto só podia ser igualado pelo meu prazer: apesar da commoção que sentia, cantei ainda... cantei sempre... cantei até o fim...

E a boneca veio ainda se chegando... sempre mais... sempre mais... até que ao terminar minha cantiga, estendi os braços, e prendia entre minhas mãos. Então eu pude vêr que alguns arames sostinhão a boneca em pé, e que diversos cordões, que se perdião por baixo da meza tinhão servido, não sei como, para fazel-a mover-se em diferentes sentidos: desatei esses cordões, livre a minha boneca dos arames, e abraçada com ella ia saltar da cadeira, quando cahi nos braços de meu primo, que me cobrio de beijos... oh! mãe Lucia! todo aquelle encanto de arames e cordões, era elle que tinha ideado... elle não tinha prima bonita... a boneca fôra comprada de proposito para mim.

— E depois?...

— Nós fizemos as pazes, e eu lhe cantava todos os dias a minha cantiga... Ah!... oh!... mãe Lucia, este homem me cortou uma porção de cabellos!...

— Senhor! exclamou Lucia.

— Senhor! disse a moça fazendo-se côr de nacar, saiba que eu amo muito meus cabellos para consentir que elles sejam assim cortados contra minha vontade!... Mãi Lucia, onde está meu pai?...

— Ainda não veio, senhora.

— Pois devo eu estar soffrendo as loucuras d'este homem?... eu juro que elle não é cabelleireiro... ainda tenho os cabellos soltos!... oh!... será possivel que Rachel me mandasse cá semelhante homem para me pentear?...

O cabelleireiro, sempre silencioso, e parecendo não comprehender cousa alguma, do que a moça estava dizendo, depois de guardar furtivamente no bolso de sua casaca ou sobrecasaca um bello anel de madeixa, ia continuar, quando Honorina se levantou: a moça estava rubra de despeito.

— Senhor, quero saber se me quer pentear ou não?... se quer, já o podia ter feito, se o não sabe fazer, deixe-nos.

Nada mais encantador do que a figura graciosa de Honorina: com uma mão pousada sobre o encosto da cadeira, em que estivera assentada, com os seus cabellos cahidos até a altura dos joelhos, com as faces fortemente enrubecidas, ella encarava com olhos de despeito o homem que se atrevera a cortar-lhe um anel de suas bellas madeixas.

O insolente cabelleireiro a principio pareceu commovido por tantos encantos; depois, sempre sem dizer palavra, tomou o chapéo, cortejou as duas senhoras, e foi sahindo sem cerimonia alguma, e sem mesmo cuidar em apanhar um papel, que do seio lhe cahio.

— Então elle se vai, mãi Lucia?...

— Parece que sim...

— Será crível !... que homem é este ?...

— Olhe, Sra. D. Honorina, elle deixou cahir um papel... vejamos.

— Dá-m'o.

— Eil-o.

Honorina abriu o papel e soltou um grito.

— Que é isto ?... perguntou Lucia.

— E' elle, mãe Lucia, é elle !...

— Elle quem ?... elle quem ?... diga !...

— O desconhecido, que jurou amar-me !... o desconhecido, de quem te fallei !...

— Meu Deos !... e o que diz elle ?...

— Ouve, respondeu Honorina, lendo o que estava escripto n'aquelle papel. « Honorina !... perdôa, se te roubo um anel de madeixas; mas eu te amo ! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça, e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem bello !... »

— Oh !... mas isto é já uma loucura !... balbuciou Honorina.

— E' admiravel !... porém aquelle que se esconde no mysterio é um homem de quem se deve fugir.

— Sim, mãe Lucia, disse authomaticamente a moça, é um homem de quem se deve fugir.

E deixando-se insensivelmente sentar na cadeira, Honorina pareceu entregar-se á mais profunda meditação.

Era de vêr-se essa joven tão bella, e tão interessante cahida n'essa posição deleixada, e tão fechada comsigo mesma no intimo de seus occultos pensamentos : pallida, como a sombra da mais lin-

da virgem reflectida em agua de fonte socegada : com as mãos esquecidas sobre o collo ; com seus cabellos espalhados, e soltos negligentemente ; com seus bellos olhos desmaiados em doce quebrantamento ; e em todo o seu semblante com traços ligeiros d'essa melancolia ineffavel, que tanto póde nos corações !

Lucia olhava em silencio para Honorina... parecia querer adivinhar seus pensamentos na expressão de seu rosto... bebel-os no ar, que ella respirando, deixava sahir embalsamado por entre seus labios côr de rosa.

No fim de um quarto de hora a moça levantou a cabeça, e com as mãos affastou para trás das orelhas as anneladas madeixas, que lhe brincavão nas faces : estava então perigosamente fascinadora ! era já absolutamente outra !... via-se sua fronte humedecida por leve suor, em seus olhos brilhava fogo celestes... suas faces, mostravão-se brandamente córadas... suas narinas um pouco dilatadas... e pelos labios, entreabertos escapava-lhe respiração difficil e quasi suspirante, que lhe agitava o seio : como se se sujeitasse a repetidos choques electricos, de momento a momento estremeia : depois de alguns instantes mais, ella passou a mão pela testa, e erguendo-se desassocegada :

— O sarão !... exclamou, o sarão !... que se me penteie... que se me vista depressa !... eu preciso sahir... eu quero respirar o ar livre... e depois esquecer-me do mundo e de mim mesma na embriaguez de uma noite de prazeres ruidosos !... Mãe Lucia, a minha cabeça me está ardendo ! eu tenho n'ella alguma cousa, que me queima... que me de-

vora... que póde enlouquecer-me de um instante para outro!

— Menina!

— Que me penteiem!... que me vistão depressa!

— Então será preciso mandar vir um outro cabelleireiro.

— Oh! quanto tempo perdido! mas é impossivel, que fosse Rachel, quem me mandasse aquelle homem!... é impossivel que se ella tenha ligado com elle para conspirar contra o meu socego!...

— Um cabelleireiro, que vem da parte da Sra. D. Rachel; disse uma escrava, apparecendo na porta do gabinete.

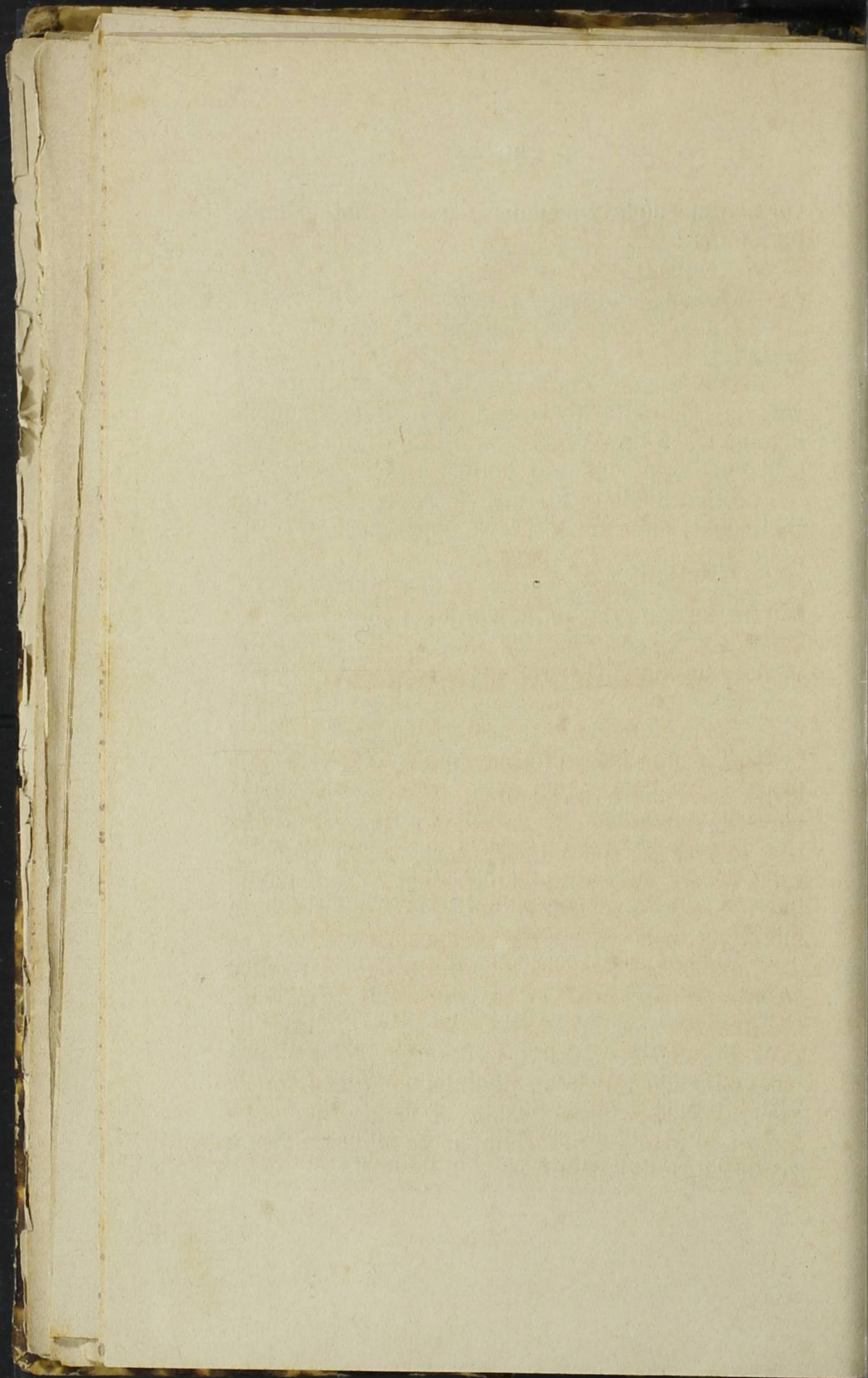
— Que entre! exclamou a moça: mãe Lucia... não foi portanto Rachel, quem o mandou cá!...

O cabelleireiro entrou: a moça estava perfeitamente toucada uma hora depois.

No entanto o primeiro cabelleireiro, que havia estado com Honorina, pouco depois de ter sahido da casa d'ella, buscou apressadamente o ponto da praia, onde em Nietheroy se encontrão as falúas: ali, cercado e perseguido pelos patrões e remadores, que á porfia lhe offerecião seus bateis, o mancebo livrou-se d'elles empurrando-os rudemente para os lados, e saltando dentro da primeira falúa, que vio, gritou:

— Para a côrte! velas ao vento, remos ao mar! e uma boa molhadura, se curta fôr a viagem!

Meia hora depois o mancebo desembarcava no cães da — rua Fresca —, devendo apenas notar-se que, com a pressa, com que saltou fóra do batel, desarranjou-se-lhe a cabelleira ruiva, que trazia, e elle, para não demorar-se concertando-a, arrancou-a, e guardou-a no bolso da casaca.



XI.

● sarão de Thomazia.

Este mundo é um grande campo, esta vida uma longa batalha, mercê de quem, todos se combatem, embora a cada especie, e ainda a cada sexo caiba seu genero de peleja particular, assim como a cada classe sua estrategia peculiar. Os homens, que tem para si tomado o que ha de mais grave, e talvez de mais difficil na ordem da sociedade, se dão batalha por diversos modos: e pois o politico se bate no parlamento, e nas ante-salas de palacio; o diplomata nos brilhantes salões; o litterato no prélo; os artistas nas exposições, &c. As senhoras não podião deixar de ter no mundo o seu campo de guerra; ellas o tem: o motte de todas é um só — quero agradar —, e o triumpho de uma significa a derrota de todas as outras.

Ellas pelejão mostrando-se ; no theatro ellas pelejão ; mas no theatro só são vistas por metade : no passeio ellas pelejão ; mas no passeio só de relance se mostrão ; seu grande campo é pois a noite de sarão. Então desde a flôr do cabello até o bico do sapato tudo se ostenta. Então se luta, luta-se uma noite inteira espirito contra espirito, gracejo contra gracejo, ironia contra ironia ; então se oppõe seda a seda, joia a joia, brilhantismo a brilhantismo ; então se dança e se canta, se olha e se sorri, se fallia e suspira com estudo, com arte e intenção. Uma flôr vale ali uma espada, uma amiga serve ás vezes de escudo, um leque pôde fallar de longe, um lenço branco vale mais que tudo isso.

E a batalha é geral : não ha camarada, nem parenta, que não possa ser uma rival ; ás vezes é uma prima, uma irmã mesma a inimiga, a quem se hostilisa, a quem se não dá treguas, a quem se faz opposição na sala, e se persegue até no *toilette*.

E o triumpho?... o triumpho está na imaginação : ao entrar no carro, ao apciar-se d'elle em casa, ao despir seus atavios, que forão suas armas, ao deitar-se no leito de repouso, a moça suspira fatigada, e diz — agradei — ! Eis sua victoria.

Pois uma d'essas interessantes batalhas, em que damas são lidadores, e armas os encantos d'ellas, se dava com vigor em casa de Venancio.

Conceba-se agora uma espaçosa sala, em que se deve dançar, uma outra mais curta, onde se joga, um gabinete, onde se hade tocar, uma escada gostosamente illuminada, pela qual sobem as senhoras para o *toilette*, uma sala, que deverá ser a de jantar, e que ora n'ella se servem os refrescos, e emfim ao lado d'ella um agradavel terrado, cujos pa-

rapeitos estão cobertos de lindos vasos de flores, das quaes se póde gozar o aroma, sentado em bancos crivados de conchinhas brancas; e ter-se-ha feito uma justa idéa da casa de Venancio.

Conceba-se mais todo o bello ruido, toda a sublime desordem do começo de um saráo; as senhoras que chegam, os beijos que estalão labio a labio entre as camaradas, que se encontram: o murmurio das que criticão; os planos que se forjão nas rodas de moços; as quadrilhas, que se engajão; as lisonjas, que se dizem; as desculpas, que se offerecem; e sobretudo os parabens que recebe a Sra. D. Thomazia; e ter-se-ha feito tambem justa idéa do que ali se passava pouco antes de começar o saráo.

N'esse tão forte ostentar de agrados e louçainhas, e entre as que mais se estremavão, via-se a madrinha da filha de Thomazia, D. Lucrecia, joven viuva de vinte annos, orgulhosa de suas faces cõr de rosa, de seu rosto fresco e bello, do interesse, que lhe dava seu estado de viuvez tão prematuro, e que, conscia de taes attractivos, ainda mais se deixava adormecer, sem cuidados do futuro, no scio da segurança e da felicidade, que lhe promellião seus avultados teres.

Thomazia não cabia em si de contente: havião umas poucas de razões, porque se julgava venturosa. Antes de tudo ella conhecia, que jámais enganára com mais habilidade a si propria: com effeito, nunca tingira melhora seus cabellos brancos, nem até então lhe havia Mme. Gudin cortado com mais feliz mão um vestido de seda: depois, Thomazia não deixava de ser mãe; via com orgulho sua querida filha, que, como toda moça que tendo dezeseis annos não é feia, e mostra-se espertinha,

brilhava aos olhos da sociedade: sem duvida Rosa fazia-se acompanhar em seus menores movimentos de boas duzias de olhos masculinos, como conquistador, que em triumpho arrasta após si vencidos algemados, tão galantinha, tão faceira e (digamos em francez para mais agradar) tão *coquette*, que estava.

Finalmente Thomazia se dava alegremente parabens pelo gosto e brilhantismo de sua festa: fosse como fosse, Venancio arranjou-se o melhor que pôde; o dinheiro havia apparecido, e Braz-mimoso, que tinha dedo para negocios taes, forjára e estava executando um plano de saráo tão bem concebido, determinado, e pecto em pratica, que nada deixava a desejar.

A casa já se achava cheia de convidados, e a todos os momentos vinhão chegando novos. Entre os jovens mais elegantes, primava Octavio. Thomazia o tinha recebido com a maior affabilidade, e Rosa com engraçado sorrir, posto que ambas já não contavão com elle: Felix as tinha precedentemente desanimado com a relação da amorosa intelligencia, que se dava entre elle e D. Lucrecia; e tambem Octavio, que tanto olhára para Rosa no theatro, que a fôra esperar á sahida, e que até tomára nota da rua onde ella morava, nem uma só vez viera passar por defronte das janellas da moça, e nem mais se lembrára de seu lindo rosto moreno.

A' vista de semelhante procedimento, Rosa tinha riscado o nome de Octavio da lista de seus adoradores, e olhava-o quasi com indifferença, quasi que com os mesmos olhos, com que observava a multidão de moços, que vinhão entrando e espalhando-se pelas salas.

A's oito horas e um quarto da noite pouco mais ou menos ouvio-se na sala um sussurro geral... os homens precipitárão-se para vêr uma pessoa, que entrava, as senhoras movêrão-se todas... umas sorrirão-se, outras estendêrão os pescoços... foi emfim um movimento de curiosidade geralmente demonstrado por toda a assembléa.

Era Honorina, que entrava.

A curiosidade que tinha sido igual tanto nos homens como nas senhoras, nascia porém de um desejo absolutamente contrario : as senhoras desejavão dizer — é falso — e os homens — é verdade —.

Não é uma ficção de romance. Uma moça, que dizem ser formosa, e que chega a qualquer cidade, é pedida e desejada pelos olhos de todos ; todos a querem vêr, e no coração de todos se prepara um sentimento para ella, que antes da primeira vista é apenas interrogativo : no coração das moças se pergunta' : « será uma rival perigosa »... no coração dos moços se diz ao contrario : « será um encanto poderoso » ?...

E pois Honorina estava n'esse caso. Fôra, é certo, nascida e educada na côrte, mas longe dos olhos da multidão, abrigada á sombra do amor, e escondida debaixo do véo dos prejuizos de uma familia, que arreigada a graves usanças, se espantava e córava diante da civilisação galanteadora da — furta-côr França —. Emfim, conquistada pelo gosto da época, ella entrava pela primeira vez em uma d'essas salas de prazer ardente, onde parece que se quer com olhos de fogo devorar a belleza, que chega.

Honorina entrou ao lado de Rachel : commovida

e tremula, ella hesitou um momento; innocente ainda, não comprehendeu, o que queria dizer o sussurro que se levantava á sua chegada; mas Rachel, que de coração a amava, vendo-a com os olhos no chão, e mais pallida que nunca, disse-lhe ao ouvido :

— Princeza da festa, levanta a cabeça; pois que a victoria é já tua.

Honorina levantou os olhos, e com elles percorreu toda a sala... o rubor do pejo tingio suas faces... foi como as primeiras rosas da aurora insinuada em um céu côr de leite.

Com effeito o triumpho era d'ella. O murmurio, que se escuta, quando uma moça entra n'uma assembléa, ou demonstra o horror, que se vota ao vicio, ou a admiração e enthusiasmo, com que se contempla a virtude e a belleza. O vicio estava longe de Honorina; a virtude se aninhava em sua alma, e a belleza se mostrava em toda ella; e pois o triumpho era d'ella.

Honorina vinha toucada e vestida do seguinte modo: dous largos bandós de lindos cabellos negros descião até dous dedos abaixo das orelhas, e para trás se voltavão, indo suas extremidades perder-se por entre longas tranças de perfeitissimo trabalho, que se enroscavão terminando em cesta: uma grinalda de flôres brancas salteadas de pequeninos botões de rosa se entretecia n'esse bello tecido de madeixas: duas rosetas de brilhantes pendião de suas orelhas: nenhum enfeite, nenhum adorno ousára cahir sobre seu collo, que nú, alvejava arredondado, virginal, e puro; um vestido de finissimo blonde, que deixava transparecer o branco setim, que cobria no corpinho todo talhado em

estreitas pregas, que desenhavão elegantes fórmãs, era debruado por uma longa fila de flôres [seme-
lhantes ás dos cabellos, as quaes ainda se deixavão
de novo vêr formando uma cercadura, em que
acabavão as mangas curtas, justas, e singelas;
esse vestido cruelmente comprido para esconder
dous pequenos pés calçando sapatinhos de setim,
se terminava por uma simples barra bordada de
branco: no braço esquerdo da moça fulgia um bra-
celete de riquissimos brilhantes; e emfim suas
mãos calcavão luvas de pellica branca, guarneci-
das de arminho, e com borlas de seda frouxa.

Rachel se tinha vestido, toucado, e adornado
absolutamente como Honorina: não se via em uma
nada de menos, e nada de mais, do que na outra:
erão duas irmãs, e ambas da mesma altura, ambas
com cabellos e olhos pretos, ambas quasi igualmen-
te bellas; apenas no rosto differião; porque a pri-
meira o tinha córado, vivo e alegre; e a segunda
pallido, e melancolico.

Honorina e Rachel occuparão duas cadeiras, que
estavão aos lados de D. Lucrecia. Esta senhora bei-
jou as duas moças, e Honorina vio fillos em seu ros-
to dous lindos olhos azues cheios de encantadora
doçura, e ouviu que a joven viuva lhe dizia:

— E' preciso ser bem feliz, minha senhora, para
que com tanta formosura se ganhe ao primeiro mo-
mento todo o coração de outra moça!...

E D. Lucrecia se sorriu com um sorrir ange-
lico... e era uma rival que se sorria!...

Honorina, vivamente tocada do que lhe dizia Lu-
crecia, mal teve tempo de apertar docemente a mão
da moça, que segurava na sua, porque uma multi-
dão de mancebos se precipitava para ella.

— Meu Deus !... exclamou a moça encostando-se o mais que pôde na cadeira.

A primeira, a segunda, a terceira... até a decima segunda quadrilha já estavam concedidas, e a columna dos cavalheiros cada vez se tornava mais compacta, e forte.

A cada mancebo galante que corria para Honorina, um novo e engraçado sorriso se derramava pelos labios de Lucrecia, e uma seta penetrava em seu coração.

— Rachel ! disse Honorina passando a cabeça por detrás da cadeira de Lucrecia, Rachel ! acode-me ; eu já não posso...

— Escuta, respondeu-lhe a amiga ; ao primeiro que te fallar, responde : « já tenho para todas ».

Quando Honorina voltou a cabeça, já estavam tres cavalheiros defronte d'ella : o primeiro que lhe fallou foi Braz-mimoso.

— Minha senhora, venho implorar a V. Ex. a honra de uma contradança...

— Mas, se eu já tenho par para todas...

— Porém quantas são todas, minha senhora?...

— A fallar a verdade... eu me não lembro... Rachel, tu te lembras, quantas contradanças prometti?...

— Vinte e tres, respondeu Rachel sem hesitar.

— E V. Ex., minha senhora?... disse Braz-mimoso, voltando-se para D. Lucrecia.

— Vinte e quatro, respondeu a viuva.

— E V. Ex., senhora D. Rachel?...

— Vinte e cinco, disse Rachel rindo-se.

As tres moças virão-se felizmente livres de seus cruceis perseguidores : no entretanto Felix achava-se preso desde que entrara Honorina nas redes de

sua interessante prima Rosinha. A moça no meio de uma roda de quatro ou cinco companheiras tão travêssas, tão galantinhas, e levianas, como ella mesma, entretinha o primo, contando-lhe uma historia muito comprida e cheia de mil superfluos episodios, tendo, porém, os olhos fitos na bella romantica.

Quando conheceu que seu primo não poderia obter mais contradança alguma de Honorina, exclamou :

— Oh!... mas, meu pensamento, nós nos esquecíamos de que meu primo deverá estar ancioso por alcançar para uma quadrilha o sim da interessante senhora, que acabou de entrar... vá meu primo, se já não veio engajado de casa, vá depressa.

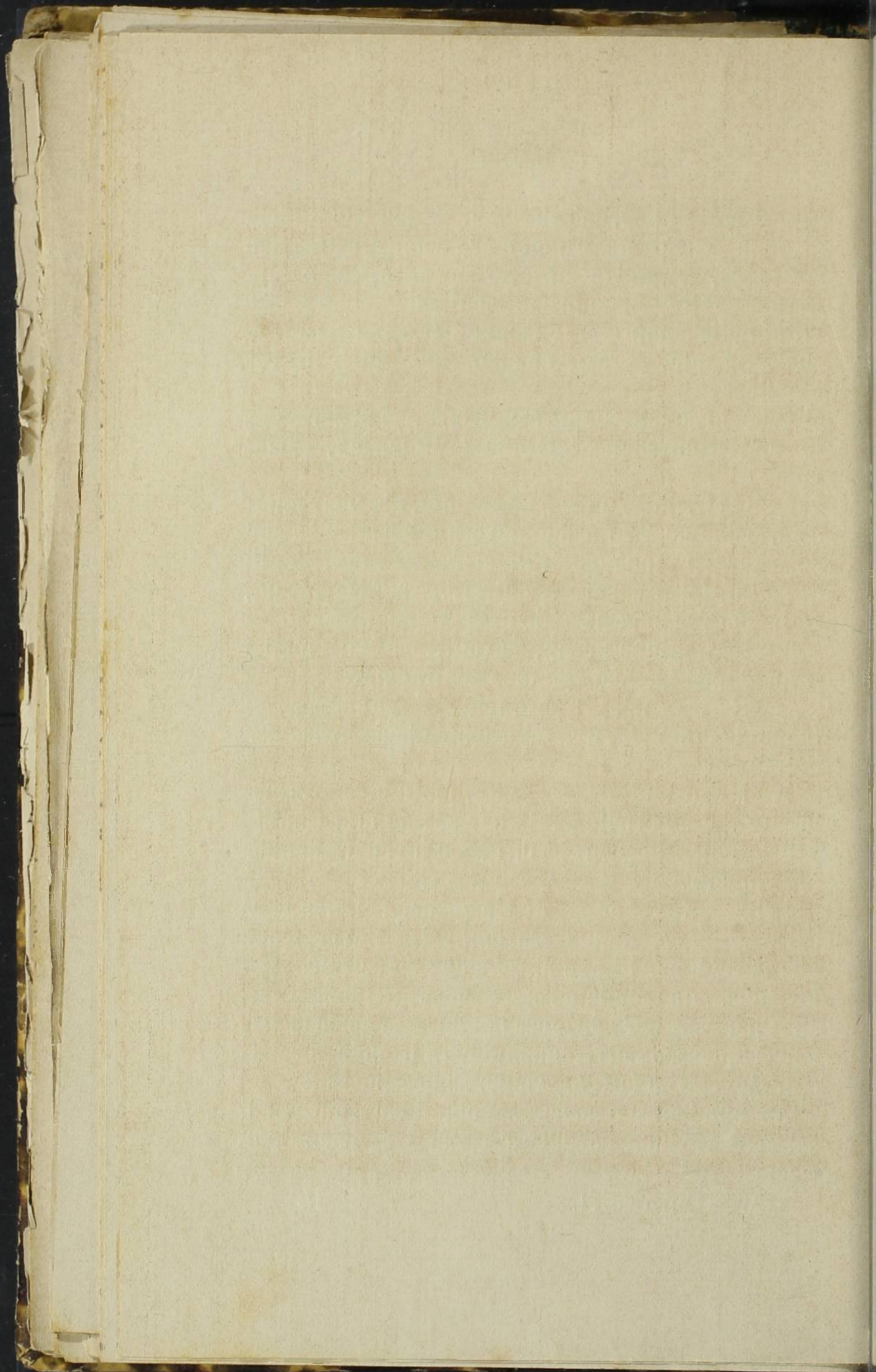
— Sim, minha prima, eu vou... porém... minha prima ainda me não deu uma contradança...

— Eu já tenho par para todas, disse a moça soltando uma risada, que foi acompanhada pelas das outras moças.

— Muito sinto, disse Felix, fazendo-se vermelho, conheço perfeitamente que as senhoras zombavam de mim : mas protesto que a joven romantica me vingará.

Felix aproximou-se de Honorina... fallou... e em resposta escutou essas terriveis palavras, que ella já de Rachel tinha aprendido : essas cinco palavrinhas, que ainda pronunciadas com toda a doçura por uma boca de moça bonita, tem gosto de fel, e pesão, e são horrivelmente para os pobres rapazes, que mal as ouvem, voltão-se desapontados.

A's oito horas e meia da noute teve principio o saráo : será bom consideral-o em tres partes distinctas.



XII.

Começa o sarão.

Uma bella ouvertura foi o signal do começo do sarão : logo depois dançou-se a primeira quadrilha: a prova de que Honorina recebia as honras da noute é que todos os olhos estavam fitos n'ella, como querendo beber seus movimentos.

Não se diga, nem se pense, que loucura é querer concluir da graça d'uma bella joven pelos — vai e vem — que simplesmente fazem as moças, quando contradançaõ : é innegavel que nos mais brilhantes sarãos a dança não passa, quanto aos homens, de meia duzia de — arrasta pés — acompanhados de outras tantas cortezias, e quanto ás moças, de igual numero de interessantes deslisamentos; porém quando uma senhora tem em si isso, que se não

póde explicar ; mas que por demais se sente no coração ; isso, que alguns tem chamado — graça — ; mas que não se diz tudo, dizendo-se sómente — graça — ; porque graça não define essa bella reunião de uma boca, d'onde sahem palavras que nos fazem sempre sorrir de gosto, e que nos ficão de cór ; de olhos, cujas vistas nos obrigão a hesitar e estremecer e que penetrão até o amago de nossos corações ; de um mimoso andar, que nos faz embeber os olhos nos vestigios das pisadas que deixou, para procurarmos vêr alguma cousa que não vemos, mas que devêra ter ficado ali ; do mimoso andar de um corpo, que deixa na columna de ar, que cortou, alguma doce... encantadoira... ineffavel exhalção de si proprio, como a rosa impregna de seus effluvios a branda aragem, que lhe varreu a face... isto tudo, e muito mais ainda, que nenhuma boca póde dizer, que nenhuma penna póde explicar, não é sómente graça... é antes um sopro sahido dos labios de Deos, que cerca de uma atmospherá — magico-celestina — a creatura feliz : não é sómente graça ; ou então — é a graça de Deos.

Pois este dom sagrado, que nenhum homem tem, que pertence exclusivamente a algumas senhoras, póde-se apreciar, e de facto se aprecia nas proprias contradanças francezas, apezar de toda a sua monotonia, e desagradavel simplicidade. E Honorina o tinha !... e elles pois a virão andando... (porque dizer dançando, além de uma mentira, seria fazer um insulto ao bom gosto da época) e elles pois a virão andando... não... deslizando-se doce e imperceptivelmente, como um leve batel, a quem o sopro do brando zephyro faz lambar a superficie de um lago socegado !... e ainda mais : para o encanto ser

completo, Honorina, de momento a momento, tornava-se dobradamente interessante. Com effeito; Honorina havia entrado na sala mais pallida do que era; tremula, receiosa, com os olhos baixos, e toda cheia d'esse acanhamento, que acobarda a joven campesina, que pela primeira vez apparece em uma assembléa da côrte, conscia de sua ignorancia, dos usos do — bello tom —, ella temia que em cada simples vista de seus olhos houvesse um erro; em cada palavra sua um crime de lesa-bom-gosto; por isso ella tinha os olhos no collo, e respondia apenas por monosyllabos; porém sua organização eminentemente nervosa, lhe devia dar a victoria sobre si mesma. Desde que a muŝica rompeu, o milagre foi operado.

Ouvindo as primeiras harmonias d'essa feiticeira inspiração de Auber, o *Domino-noir* (que foi exactamente a *ouverture*, com que se deu principio ao saráo), Honorina sentio um choque inexplicavel... depois... sempre... até o fim, ella se foi animando... seu coração pulsando com mais força... sua alma pareceu inflammarse... seu rosto ergueuse... e ella começou a viver para o mundo, onde estava.

Emfim, todo esse movimento, todo esse ruido de um saráo, o calor que fazia, a agitação das contradanças, cuja alegre musica podia tanto n'ella, accendêrão ainda mais o fogo que a salvára do seu acanhamento: já tinha as faces levemente córadas... seu peito arfava... ella começava a gostar de tudo o que via... seu cavalheiro já lhe havia jurado que ella era encantadora... Honorina já se tinha sorrido para Rachel... estava alegre, estava feliz; e sua alegria a tornava mais bella que nunca.

Mas o centro, o alvo das atenções dos homens deveria ser o dos ciúmes, pelo menos da maior parte das senhoras. Lucrecia vivamente se incomodava com os obsequios que a via receber: e tanto mais que Lucrecia era realmente bella, e dobradamente orgulhosa. Flôr das sociedades, não cedendo até então a primasia a nenhuma, Lucrecia queria todos os homens a seus pés: e n'essa noute Honorina lhe conquistou a maior parte de seus adoradores.

Além d'isso um episodio tinha occorrido, que convém não deixar passar desaperebidamente: Octavio havia chegado pouco antes de Honorina, e se esquecera de ir logo aos pés da bella viuva: quando a filha de Hugo de Mendonça entrou e sentou-se junto de Lucrecia, Octavio correrá, e obli- vera d'aquella a sexta quadrilha, e só depois foi que se dirigio á sua bella amada, pedindo-lhe exac- tamente uma contradança, que ella acabava de conceder a outro cavalheiro.

Ora Lucrecia sabia bastante dos segredos dos sarãos: que muitas vezes, quando um joven não quer nem dançar, nem offender o amor proprio da senhora, a quem um dever qualquer o obriga a di- rigir-se, manda um amigo seu engajal-a para cer- ta quadrilha, e depois vai ter com ella, e pede para si essa mesma quadrilha, que a incauta já deu a outro.

Esta idea, a lembrança d'esse stratagemata tan- tas vezes posto em uso, ferio cruelmente o orgulho da viuva: portanto Octavio levantava acima d'ella essa menina, que apenas acabava de apparecer!... isso era uma d'essas offensas, que as senhoras já- mais perdôão; e entre as senhoras, o amante que

se esqueceu de uma d'ellas, commette um crime enorme, que se faz expiar, não ao desleal, que o commetteu, mas á rival, ainda innocente, que o causou. E pois Lucrecia, que se sorria, que tinha doçura angelica em seus bellos olhos azues, tinha ao mesmo tempo o despeito e o amargor no coração.

No gabinete, onde estava a musica, e em que se achava tambem o piano, appareceu uma moça, para cantar, e começou a deixar ouvir os bellos acóordes de sua doce voz: uma columna de moços tomava a porta do gabinete.

— Parabens! disse um áquelle que conduzira a moça ao piano, parabens ao conductor de Euterpe!...

— Que se ha-de fazer?... respondeu elle, eu cá tolero que se cante, quando não ha mais nada que fazer; porém agora, que podemos dançar, e conversar com as moças, é mesmo horrivel roubar-se-nos meia hora d'esse prazer para se ouvir aquella senhora!...

— O que é aquillo, que ella está cantando?...

— Eu não sei... parece-me inglez; mas deve ser uma aria italiana: — bravo, minha senhora!...

— E que bico faz ella — bravissimo!...

— Como desafina: — bonito! bravo!...

Os dous senhores continuavão a fallar desapiadadamente em voz baixa contra a moça que lhes fazia a honra de se deixar ouvir, ao mesmo tempo que em voz alta applaudião: mas... é preciso passar isto por alto, porque ha tantos homens, que se podem julgar retratados n'estes dous Midades, que é bom não entender com elles.

A moça concluiu a sua aria no meio de bra-

vos e palmas, e foi conduzida á sua cadeira pelo mesmo cavalheiro, que d'ella criticára em voz baixa.

— Parabens, minha senhora, dizia elle á moça; cantou mais que brilhantemente!... que harmonia, e que execução!... seria perdoavel perguntar a V. Ex., se nos podia repetir a mesma peça esta noite?...

— Oh!... a mesma não, respondeu a moça; eu cantarei outras, que são igualmente bonitas.

— E quantas serão, minha senhora?...

— Talvez... ainda tres...

— Meu Deos!... porque não serão antes seis!...

Mas um signal da orchestra poz fim ás lisonjas e zombarias, de que estava sendo victima a innocente senhora: era o signal brilhante, e vivo da walsa.

A walsa! sim a walsa é com toda a razão o delirio das moças, e o bello ideal dos moços em um sarão: accusem-na muito embora os Srs. Esculapios (que aqui para nós, nada ha, com que se não intromettão) como causa de enfermidades sem numero; amoldicõem-na muito embora como origem de mil pleurites, hepatites e tudo mais, que na sua benta lingua, acaba em *ites*: se é assim... melhor para elles.

A walsa é o delirio das moças; porque na walsa é que ellas experimentão esses movimentos rapidos, accelerados, consecutivos, que tanto amão por sua organização, e que marcados por uma musica forte, alegre, impulsiva produzem n'ellas choques nervosos e abaladores: é na walsa, que seus olhos mais brilhão, e que mais vivo fogo se accende em suas faces: é na walsa emfim,

que ellas se assemelhão com os anjos voando pelos ares, e tendo só de humanas... o receio de uma quêda.

E' a walsa o bello ideal dos mancebos; porque é n'ella que elles cingem a delicada cintura de uma moça! nas contradanças o apaixonado prefere dançar defronte da sua bella; na walsa pelo contrario é com ella mesma que elle dança... com o rosto perto do d'ella... sentindo o fogo ardente de seus olhos fitos n'elle... sentindo o delicioso bafo que escapa suspiroso dos labios d'ella para reflectir nos seus; sentindo a palpação de seu coração... o toque de sua mão... bebendo o sorriso de seus labios, e amparando o doce peso de seu corpo, que desleixadamente se abandona nos braços, que o cingem...

A walsa acabou emfim. E passeava-se.

Quem poderá ouvir tudo quanto se diz em um passeio de sarão! seria sua relação um romance tão variado como completo... seria talvez mil romances; porém desgraçadamente, o que ahi se conversa de mais interessante é feito tão em segredo e por entre tantos sorrisos, que mal se pôde entender. E' melhor pois não dizer nada, para não cahir no erro de dizer, o que menos interessa.

Mas Lucrecia tinha sido convidada, para passear, por Octavio; era como uma satisfação que lhe dava o moço: ella aceitou-lhe o braço. Havia algum acanhamento entre ambos, por isso durante a primeira volta pela sala nenhum dos dous disse palavra: depois elles se dirigirão para o terrado; ao passar pela sala dos refrescos Octavio vio um amigo seu, que passeava só.

— Oh!... Leopoldo! tão solitario...

— Que queres? não encontrei senhora, que quizesse aceitar a offerta de meu braço.

— Olha... dirige-te áquella... vai sem cavalheiro.

E Octavio mostra-lhe uma senhora, que deveria contar seus bons setenta janeiros.

— Misericordia! exclamou Leopoldo; antes só, do que mal acompanhado.

— Mas segundo o teu systema, a melhor maneira de chegar até junto das moças, é agradar ás velhas.

— Sim, sim; porém aquella é uma velha sem fiadores.

N'esse momento Octavio e Lucrecia entram no terrado.

— Que quer dizer uma velha sem fiadores?... perguntou Lucrecia.

— Quer dizer, respondeu Octavio, uma senhora adiantada em annos, que não tem filhas, nem sobrinhas, nem aggregadas moças.

— E por consequencia uma senhora, com quem os senhores julgão todos os momentos perdidos: Sr. Octavio, V. S. tem mãe?...

— Minha senhora eu não penso como o meu amigo.

— Oh!... mas o que se pratica... o que tenho ouvido... o que acabei de ouvir, emfim, me convence, de que se eu nunca tiver filhas, não devo frequentar sociedade alguma, logo que me sentir envelhecer.

— Mas, minha senhora, com o espirito de V. Ex. não é possível envelhecer...

— Obrigada... obrigada!... eu gosto muito de

parecer espirituosa ; mas, V. S. o sabe, as senhoras gostão ainda mais de parecer outra cousa.

— Eu acreditei, respondeu Octavio, que devia mostrar-me simplesmente tocado do espirito de V. Ex., pois que para o completo elogio de sua belleza é mais que sufficiente um espelho.

— Acha-me por tanto bonita ?...

— Preciso repetil-o ainda ?...

— Agradavel ?...

— Muito.

— Espirituosa ?

— O mais que é possivel.

— Meu Deos !... isto é quasi uma declaração !...

— Que não seria mais, do que a repetição, do que já me tem ouvido.

— Estou a ponto de crer que me ama.

— Eu pensava, que já não havia duvida a esse respeito.

— E no entanto, o senhor nem ao menos dançará comigo !

— Minha senhora... eu cheguei tarde aos pés de V. Ex.

— Nem uma quadrilha... nem uma walsá... nada !

— Eu estava dizendo, que cheguei tarde aos pés...

— Oh ! é porque talvez, quando quiz chegar até a mim, alguma bella apparição o fez parar... sentir... e desejar...

— Minha senhora...

— Primeiro dirigio-se a uma moça que se sentava ao meu lado : obteve sem duvida o que queria ; e depois, quando ouviu, que eu acabava de conceder a um seu amigo a terceira quadrilha,

V. S. chega-se então a mim ; e o que me pede ?... a terceira quadrilha...

— Então V. Ex. chegou a persuadir-se...

— Tenho a certeza de que o Sr. Octavio não se lembrou de mim n'este sarão.

— E' uma injustiça, minha senhora, que eu podia voltar tambem contra V. Ex.

— Como ?...

— Dizendo outro tanto de V. Ex.

— Porque ?...

— Porque sabendo, que eu vinha a este sarão ; porque vendo-me na sala, não me quiz guardar uma quadrilha.

— Oh !... mas era o homem que devia apressar-se a correr até junto da senhora !

— Mas V. Ex. podia ter-me castigado com mais generosidade...

— Pois receba o castigo, senhor : eu guardei-lhe uma quadrilha.

— E qual ?... e qual ?... minha senhora !

— O senhor a deseja ?...

— Pessoa-a de joelhos !... diga-me o numero !...

— A sexta...

— A sexta quadrilha...

— Eu não sei a que attribúa o movimento que faz : para attribuil-o a prazer... seria amor proprio de mais.

— E' que a sexta quadrilha... eu... me havia engajado...

— Eu aprecio a sua urbanidade ; porém é tão facil fingir-se um engano... e depois com uma polida satisfação... ora, os senhores homens sabem ás mil maravilhas, como se faz isto.

— Se fosse possivel ser uma outra qualquer...

— Senhor, eu poderia n'este momento lembrar-me de ter ciumes, se não devesse só recordar-me que já descí bastante da minha posição guardando-lhe uma quadrilha!...

— Eu reconheço o obsequio que devo a V. Ex.

— E então?...

— Em todo o caso aproveitarm-e-hei d'elle... não era possível, que de outra fórma procedesse.

— Por civilidade, não é assim?...

— Oh!... não : por um sentimento bem terno. Alguns minutos depois Lucrecia estava outra vez sentada junto de Honorina.

— Então, minha bella menina, disse ella, como acha o saráo?... tem sido feliz n'elle?...

— Sim... sim, minha senhora; tenho passado uma noute bem esquecida de mim mesma...

— E' uma compensação; porque acredito que muita gente só se tem occupado em admirar-a.

— Minha senhora... eu não posso merecer...

— Ora... ora... aposto eu, que tem dançado todas as quadrilhas, que não tem perdido uma só walsa?...

— E' verdade: mas creio, que tambem a senhora...

— Não... deixei de dançar a segunda quadrilha: estes homens!... acreditará, que estes mesmos senhores, que tantas lisonjas nos dizem, que tantos elogios nos fazem, se aproveitam de tudo para atormentar-nos?...

— Mas, a senhora parece offendida.

— Não: eu os despréso; porém quero prevenil-a: sabe como aqui se fere o amor proprio de uma mulher?...

— Não, minha senhora; eu nunca frequentei sarãos.

— Pois bem: o homem que quer demonstrar a uma senhora, que aquella que elle ama é superior a ella, convida-a para certa quadrilha, e quando chega esta, deixa a senhora ficar sentada, e vai dançar com a que ama!

— Isso quando feito de proposito deve julgar-se um insulto!

— Pois elles o fazem!...

Lucrecia poz fim á sua conversação ahi: tinha aguçado um punhal que deveria ferir o amor proprio de Honorina no momento de se dançar a sexta quadrilha.

XIII.

● chá.

O chá começou a servir-se ás dez horas e meia da noite: a hora do chá é nos sarãos a hora das satisfações, dos longos cumprimentos, e de certos prazeres que lhe são muito peculiares. Comprehender, e ouvir para relatar, tudo o que então se passa e se diz, seria operar o milagre que não esteve no alcance dos architectos e dos operarios da torre de Babel. E' certo que ali não se grita, nem se amotina ninguem; mas ha em compensação mais de cincoenta homens que conversão, e outras tantas senhoras que fallão todas ao mesmo tempo... e tanto basta.

Braz-mimoso tirava então o seu ventre de miseria: no meio de meia duzia de moças, nenhuma

das quaes tinha mais de vinte annos, elle, que tinha embara escondidos cabellos de avô de todas ellas, se apresentava com cara e pretensões de priminho de qualquer das seis.

E' preciso fazer sentir, antes de ir por diante, o erro em que estão certos sujeitos que, suppondo enganar o mundo, enganando a natureza, não enganão senão a si proprios: para todas as idades, como para todas as condições, ha um quadro com duas faces; uma offerece o bello, e a outra o feio, que lhe sóe caber: na boa face de seu quadro tem o velho os respeitos, as considerações, as honras, que toda a pessoa bem educada lhe deve e lhe vota; e o velho, que se quer fazer passar por moço e gamenho, perde o bello de seu quadro, e fica com o feio em ambas as faces d'elle. Pois Braz-mimoso não se dava com isso; espartilhado, todo no rigor do tom, com sua bella cabelleira de cabellos pretos; gamenho com rugas na face, engraçado sem sainete, vaidoso sem mesmo saber de que, perseguia as moças, como... como... tantos outros.

Elle investio para aquella interessante meia duzia de tentaçõesinhas com seis balas de estalo nas mãos: era o seu mar de rosas!... no entender de Braz-mimoso a invenção das balas de estalo era o ultimo apuro do engenho humano.

As moças, assim que o virão, começarão para logo a beliscar-se, e a trocar segredos e meias risadinhas: ora, essa especie de cabala, n'ellas é sempre denunciada por um ruidosinho engraçado, do qual todo o homem que conta em si uma oitava de juizo, tem mais medo, do que da mais estrepitosa trovoadas: porém Braz-mimoso não se dava

muito com aquillo : tambem parece que a natureza, quando tivera de assoprar juizo na cabeça do joven quinquagenario, se achava com veia para a homœopathia.

Pobre do meu Braz-mimoso ! eil-o com ellas ! um velho namorado no meio de seis genios de graças e travessuras.

— Senhora D. Adelaide, disse Braz-mimoso, venho rogar-lhe que estale uma bala comigo... oh ! será um estalo mysterioso !...

— Pois não, Sr. Braz, de todo o coração...

A menina pegou na bala com a ponta dos dedos... puxarão, e o papel rompeu-se sem estalar.

— Chôcha !... exclamarão as moças rindo ás gargalhadas.

Ora, uma bala de estalo que sahe chôcha, é uma cousa horrivel para o gamenho : Braz-mimoso ficou espantado, como se nunca d'antes lhe houvera succedido tal, a elle, o *non plus ultra* estala-balas !

— Uma outra, minha senhora...

— Nada... respondeu a moça ; a primeira sabio chôcha, não quero mais.

— Então, Sra. D. Emilia...

— Vamos, eu gôsto muito de estalar balas com o senhor... bem... puxe !

— Cólcha !... exclamarão de novo as seis caçoistas...

— E' que eu não comprehendo isto ! disse Braz-mimoso, só se as senhoras não segurão na bala, como manda a arte...

— Não senhor, não senhor... nós puxamos direito ; é porque o senhor não nos estima...

— Oh ! minhas senhoras...

— Puxe comigo, Sr. Braz ; disse a terceira moça

— Promptamente, Sra. D. Camilla.

— Olhe, eu pego bem junto da bala... puxe!

— Chôcha!...

— Ora, vocês estão mangando com o Sr. Braz, disse a quarta moça; querem vêr como estala?... vamos comigo, Sr. Braz.

Braz mimoso, pallido e desfigurado, estendeu a mão a D. Rosaura... era a quarta bala que pretendia estalar... puxou...

— Chôcha!... gritarão pela quarta vez as moças.

Braz-mimoso estava mesmo a ponto de chorar de vergonha: parecia-lhe que toda a sociedade tinha os olhos fitos sobre elle... e elle desmentia o conceito que tanto se gabava de merecer!

— Puxe comigo, Sr. Braz, disse D. Leocadia; puxe.

— Eil-a ahi, murmurou o pobre homem, quasi gemendo.

— Chôcha!

Aquelle grito — chôcha — soava terrivelmente aos ouvidos do presumido velho: como poderia apparecer ainda na assembléa, elle, o gamenho por excellencia, se em seus dedos havião consecutivamente fallado cinco balas?! Braz-mimoso estava ouvindo a cada passo esse grito fatal, grito de maldição — chôcha — !... Foi tremulo, e fóra de si, que authomaticamente estendeu a ultima bala á sexta senhora.

D. Felicia teve piedade d'elle.

— Oh!... exclamou Braz-mimoso, ouvindo o estalo, que trovão argentino!

As moças desatárão a rir: com as risadas cahio o ramo de cravos a Felicia; Braz-mimoso immediatamente o apanhou, e beijando-o, lh'o entregou;

mas quasi ao mesmo tempo escapou o leque da mão de Rosaura, e o infeliz homem, quando o levantou, abaixou-se de novo para dar a Leocadia o lenço que lhe cahira; porém no mesmo momento tombá-rão os leques de Adelaide e Emilia, e Braz-mimoso, que os ergueu, vio que de novo cahira o pendão de cravos de Felicia, e, ao apanhal-o, esteve a ponto de pisar nas luvas de Camilla.

Finalmente, apiedadas do infeliz homem, as moças pozerão termo a seu martyrio, e, para consolal-o, cada uma lhe deu uma flôr, e lhe disse, sorrindo docemente, o competente significado.

Braz-mimoso, soando por todos os póros de seu corpo, recebeu as flôres com enthusiasmo, e, orgulhoso, atravessou a sala com ellas no peito.

— Ande lá, Sr. Braz, disse um moço, ao vê-lo passar, o senhor é o querido das moças; mas trabalha!

— Meu amigo, respondeu sériamente Braz-mimoso, sem trabalho não se conquista!

E sahio da sala para concertar-se; porque, graças ás muitas vezes que se havia curvado para apanhar os objectos cahidos, tinha ficado sem dous botões de sua esticada calça.

No entanto Honorina e Rachel, alguns momentos depois de haverem tomado chá, tinhão-se levantado e passeavão juntas. Apenas deixárão suas cadeiras, um elegante joven correu para ellas:

— VV. EExs., perguntou elle, estimarião honrar o braço de um cavalheiro?...

— Oh! foi Rachel quem respondeu, nós nos levantámos para conversar juntas e em liberdade; mas se V. S. se interessa por passear connosco, nós teremos prazer em agradar-lhe...

— Minha senhora, grande seria para mim a honra; mas o interesse de meu coração deve ser sacrificado aos desejos de VV. EExs... eu as deixo em liberdade.

— Este moço é muito civil, disse Honorina, continuando a passear com sua amiga.

— Sim, Honorina, contão-se poucos homens que, como elle, deixem de ser importunos.

— Certamente; tenho notado em todos uma urbanidade tão estudada, cumprimentos tão exagerados, palavras tão escolhidas, comparações tão multiplicadas, que...

— Que parece, que já as trazem de casa, não é assim?... pois até ahí nada ha de novo: alguns são ainda supportaveis pela variedade de suas cortezias; mas uma grande parte, Honorina, diz-nos hoje, o que nos está a dizer ha cinco ou seis sarãos passados; diz-me agora o mesmo, o que já te disse e o que já havia dito a todas as moças com quem tem conversado durante a noute: são cortezãos a machado... bellas casacas de fidalgos, cobrindo corpos de rusticos aldeões...

— Rachel, tu fallas tão alto...

— Ora, Honorina, e quem manda a essas gralhas virem aqui mostrar-se com presumpção de pavões? é que se faz preciso rirmo-nos muito d'elles, porque elles pensão que zombão sempre de nós: zombemos pois tambem... zombemos muito: olha, Honorina, uma boa parte d'estes senhores, que tanto nos cercão e nos cortejão, são tão tolos, como presumidos, e alguns ha ainda, tão presumidos, como insolentes!

— Mas tu és terrivel, Rachel!

— E' porque tu não os conheces como eu, Honorina: tu não sabes o que é um joven presumido:

por exemplo, dize : quantos hoje te hão asseverado que és encantadora?... anda... não córes assim... estás fallando comigo : quantos?...

— Todos, com quem dancei, Rachel.

— Pois bem, Honorina, elles fallarão por acaso a verdade; mas queres tu apostar que qualquer d'esses senhores vai dizer que és feia?...

Apezar de toda a sua simplicidade, Honorina não gostou da palavra — feia — : ella era mulher.

— Então, queres ou não?... repetio Rachel.

— A' minha vista, Rachel? perguntou Honorina.

— Ora, á tua vista juraria de novo que és um anjo, o mesmo que tivesse dito que és feia.

— Mas poderei eu ouvi-lo?...

— Sim... é possível.

— Pois aceito.

— Bem... oh! a proposito... ali vai uma amiga minha, que nos póde servir : vem cá, Ursula...

— Adeos, Rachel!... mas deixa-me, eu vou ao *toilette*...

— Não precisas : estás tão bella, como entraste, ou mais ainda...

— Obrigada, meu senhor! quer saber onde eu moro?... perguntou Ursula gracejando.

— Deixa-te de graças, Ursula; temos negocio serio : primeiro que tudo apresento-te esta senhora, que é minha amiga do coração.

Ursula deu um beijo em Honorina, e voltando-se para Rachel :

— E depois?... perguntou.

— Ouve : Honorina é nova em nossas assembléas; acha por isso exagerado o quadro que lhe eu tracei dos nossos jovens cavalheiros.

— Oh! são anjos todos elles, minha senhora!

— Pois para dar-lhe uma fraca prova do que disse, eu propuz fazel-a ouvir ser chamada — feia — por algum, ou alguns, dos que durante a noute lhe jurarão que ella era encantadora.

— Pois a senhora duvida d'isso?...

— Não; mas sempre quizera ouvir.

— Nada é mais facil: mostre-me alguns d'esses senhores...

— Aquelles dous que ali conversão...

— Oh! por minha vida! exclamou Ursula; são meus apaixonados!... mas... separemo-nos... e por emquanto, minha senhora, sou sua maior inimiga!... Rachel, toma cuidado no meu lenço, ouviste?

— Vai... e apressa-te.

Cinco minutos depois a espartinha D. Ursula, que se achava no vão de uma janella com outra moça, cercadas por alguns cavalheiros, fez com seu lenquinho branco um signal a Rachel.

— Agora, vem cá, disse Rachel a Honorina.

E dando uma volta, para não serem vistas, as duas moças espremerão-se na janella contigua áquella em que estava Ursula.

A discussão já tinha começado, os dous moços, que Honorina havia mostrado estavam lá.

— Mas eu digo, fallava Ursula, que ella deve estar bem orgulhosa! tem sido tão incensada... tão requestada... eu não sei mesmo porque...

— Porque é uma novidade!...

— Tem dançado por empenhos!...

— Ora, minha senhora, tambem isso é exageração...

— O Sr. Daniel e o Sr. Jonathas, por exemplo,

morrião de paixão se não livessem dançado com ella!...

Os dous rapazes começárão a dar satisfações, e tentárão livrar-se da moça jogando a arma feliz, com que quasi sempre se faz as pazes com uma senhora... fazendo-lhe elogios.

— Em todo o caso, D. Cherubina, continuou Ursula fallando com a moça que lhe estava ao pé, nós devemos estar descontentes, e mesmo despeitadas : aquella senhora foi uma appareição terrivel que nos veio fazer mal... nós nos temos achado sós toda a noute!...

— Que injustiça ! bradou Jonathas, eu não me lembro de haver jámais perseguido tanto a V. Ex. como hoje!...

— Elles fizerão uma comparação entre nós e ella, e a declarárão princeza ; concedendo-nos, talvez por compaixão, o gráo de suas vassallas!...

— Meu Deos!... meu Deos!... como se julga mal de um pobre homem!...

— Paciencia, D. Cherubina, paciencia!... é preciso ceder a palma á belleza do dia... o nosso reinado passou...

— Mas quem é a belleza do dia?... perguntou Daniel.

— Quem?.. o seu par da segunda contra-dança...

— Misericordia!...

— Nega que os senhores a tem achado a mais bella moça do saráo?...

Daniel olhou para Jonathas.

— Nego ! disse Jonathas.

— Seria uma blasphemia!... disse Daniel.

— Oh!... eu os comprehendo ! ao pé de mim

falla-se d'esse modo; mas d'aqui a pouco os senhores se vingão desfazendo-se em elogiar a sua figura...

— Figura sem expressão, minha senhora, disse Daniel torcendo o nariz.

— A sua belleza...

— Que belleza!... é uma flôr desbotada... sem aroma... disse Jonathas.

— O seu espirito...

— Espirito?... espirito de mudez: é uma estatua.

— Uma estatua... sim, meus senhores; estatua de Venus, é o que querem dizer...

— Pois bem, tornou Jonathas, uma estatua de Venus feita por mãos de escultor caloiro.

— E o Sr. Daniel, que é tão apaixonado da côr pallida...

— Sim... aprecio, amo muito a côr pallida... como, por exemplo, a de V. Ex.; porém a d'ella...

— E' transparente... diaphana... romantica...

— Repulsiva... repulsiva, disse Daniel.

— Repulsiva?...

— E' uma defunta viva, minha senhora! acrescentou Jonathas.

As duas moças começarão a rir-se; e os dous cavalheiros continuarião a dizer ainda melhores cousas de Honorina, se a orchestra não os chamasse para a quinta quadrilha.

Portanto uns e outros se separarão, e um momento depois Ursula estava junto de Rachel e Honorina.

— Então?... perguntou a Honorina.

— Agradeço-lhe muito, minha senhora: juro-

lhe que forão os minutos mais agradaveis que tenho passado esta noute.

— E' verdade, Ursula; a nossa Honorina ouviu tudo com o ar o mais divertido do mundo.

— E hesitará em divertir-se tambem com elles?

— Oh! não... não, minha senhora!... muito simples deve ser a mulher que não souber fazer de um homem um bobo, com quem se ria!

— Bem!... bem!...

— Honorina, disse Rachel, eis um dos teus apaixonados.

— O Sr. Jonathas?...

— Que te chamou defunta viva.

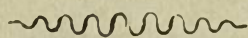
— Vem buscar-me para dançar com elle, tornou Rachel.

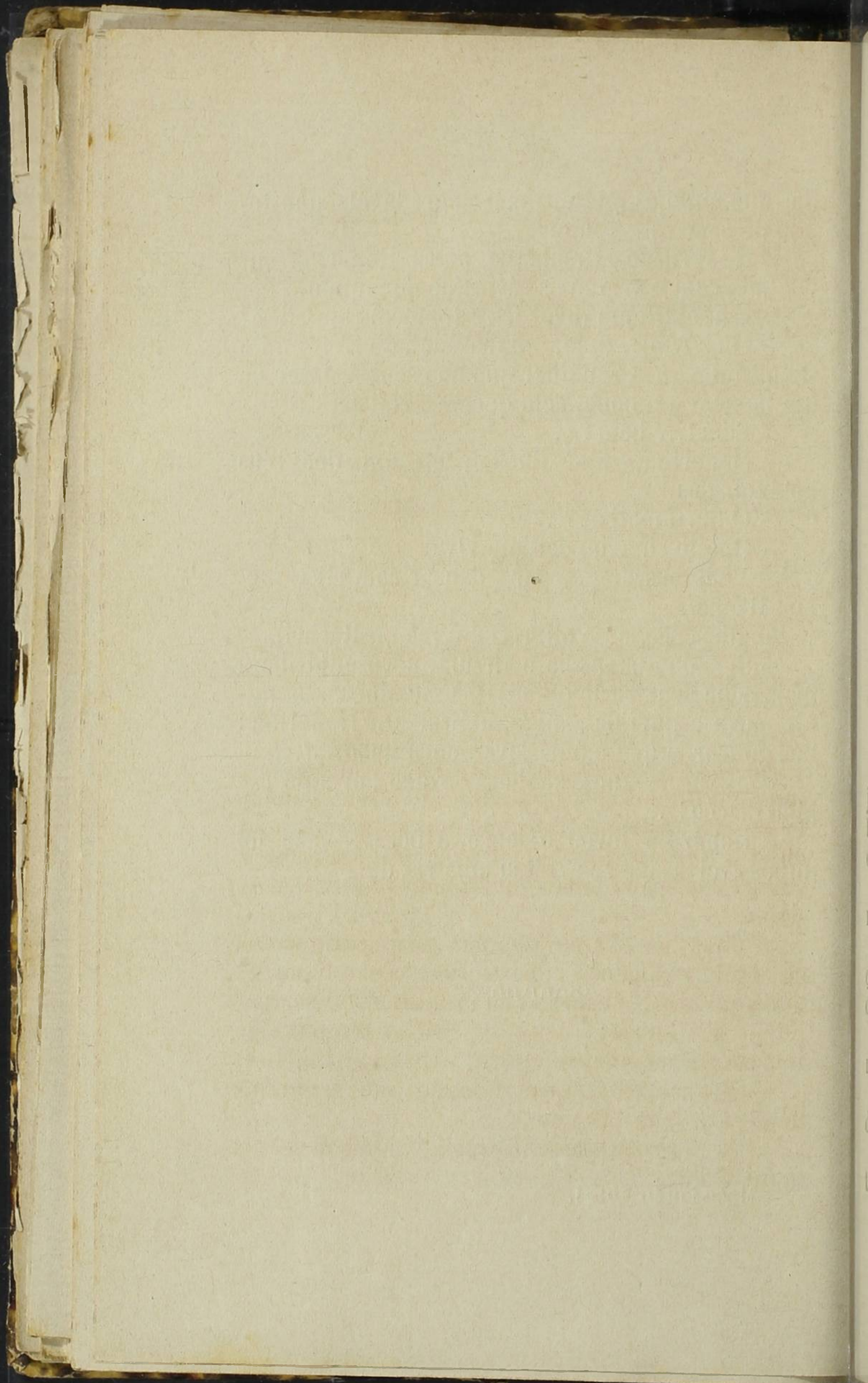
Jonathas chegou e offereceu a mão a Rachel.

— Sr. Jonathas, disse Ursula, apresento-lhe a mais bella aquisição de nossas assembléas, a minha nova e querida amiga, a Sra. D. Honorina: não concorda que é uma joven encantadora?...

— Apareceu-nos, senhora, como um anjo cahido do céo!...

— Honorina levou o lenço á boca... mas foi impossivel soster-se: soltou uma risada.





XIV.

Fim do sarão.

No fim da quinta quadrilha Lucrecia sentou-se junto de Honorina, e esperou anciosa pelo momento de sua vingancasinha de moça: quando a orchestra deu o signal desejado, ella lhe perguntou:

— Com quem dança esta quadrilha, minha senhora?...

— Juro-lhe que me não lembro: eu não conheço aqui ninguém: pedirão-me contradanças... disse que sim; e espero que me venhão buscar.

— Oh! quizesse o céo que ficasse sentada, Honorina, eu não danço agora, e passearíamos sós.

— Rachel, eu tambem o desejo; mas tenho medo de o desejar em vão.

— Preferes tu passear comigo a dançar a sexta quadrilha?...

— Sim... mas...

— Pois vem cá, vamos para o *toilette*, e desceremos para passear, quando a quadrilha tiver começado.

— E o cavalheiro com quem me cumpre dançar?...

— Virá buscar-te, e não te encontrando, procurará outra senhora.

— Porém, Rachel, deve-se fazer tal?...

— Ora... ora... ora... quando eu digo que tu és simples de mais, Honorina!... escuta: todas nós, quando temos pouca vontade de dançar, ou o não queremos fazer com algum cavalheiro, com quem a civilidade nos obrigou a engajar-nos, appellamos sempre para o *toilette*: não pôde haver melhor desculpa! estive concertando o cabello... fui pregar um colchete que se rebentou... etc., etc., são cousas que se dizem, e que devem contentar.

— Porém, Rachel, deve-se fazer tal?...

— Deve-se, Honorina; é mesmo uma compensação; porque muitas vezes os nossos cavalheiros nos deixão ficar sentadas entretidos e collados na mesa do *écarté*: ora é muito mais natural, e muito menos reprehensível, que uma moça se esqueça de um cavalheiro, presa defronte de um toucador; do que um cavalheiro se esqueça de uma senhora por um baralho de cartas; por consequencia anda... vamos... vem esquecer-te...

— Eu não sei...

— Mas para que hade deixar de dançar?... perguntou Lucrecia affectuosamente.

— Para passear comigo, minha senhora; respondeu Rachel, levando Honorina pela mão, e quasi á força.

A viuva ficou exasperada com tão imprevisto contratempo: com frieza acompanhou Octavio, que a veio receber, e dançou sem prazer algum.

No entanto Rachel, apenas sentio que a quadrilha tinha começado, tomou o braço de Honorina, e disse sorrindo-se;

— Agora que já te esqueceste, e que já concertaste o teu cabello, desçamos para passear.

E as duas moças descêrão, e, dirigindo-se ao terrado, forão atravessando a sala do jogo.

— Quanta gente! disse Honorina; todo esse mundo, Rachel, diverte-se jogando?...

— Sem duvida... o que tem isso?...

— E' que deve ser um jogo bem interessante.

— Sim... sim... é o *écarté*; jogo um bocadinho menos complicado do que o diabrete.

— Ora, Rachel!

— Como queres que te diga, Honorina?

— Então aquella gente toda...

— Empenha-se por ganhar ou perder dinheiro da maneira a mais desenxabida do mundo.

N'esse momento, e quasi ao mesmo tempo, Honorina e Rachel entravão no terrado, e Thomasia sahia d'elle.

Thomasia tinha soffrido uma contrariedade no meio de sua gloria d'essa noute: o cavalheiro, que lhe havia pedido a sexta quadrilha, a tinha deixado ficar sentada, e Thomasia, quando não dançava, ou brigava com Venancio, ou arquejava.

Há um costume velho nos sarãos: ali se contão certos moços que querem dançar sempre, e a todo o custo; e, se encontrão todas as moças engajadas, atirão-se para dous lados da sociedade, os quaes elles considerão talvez como dous esqua-

drões de reserva: são as creanças e as senhoras idosas; ahí vão elles encher o numero das quadrilhas que lhe faltão; porém, se no correr do sarão, apparece alguma joven que os queira ouvir, os meus senhores não tem duvida nenhuma de deixar esperando inutilmente tanto a velha, como a creança, que vão buscar para a quadrilha.

A Thomasia tinha succedido, pouco mais ou menos, isso mesmo: seu promettido cavalheiro tinha deparado com uma joven piedosa, e para logo esqueceu-se completamente de Thomasia, apezar mesmo de ser dona da casa.

Era por isso que Thomasia se achava em horas de tempestade: ardendo em desejos de encontrar em quem despejar seus furores, sua boa fortuna lhe mostrou o pobre Venancio, que se dirigia para o interior da casa.

— Onde vás, Venancio?...

— Thomasia, vou vêr como vai isto cá por dentro...

— E que tem o senhor com o que vai pelo interior da casa?... não sabe que isso pertence ao cuidado das senhoras?...

— Está bem, Thomasia, não te afflijas... estás tão colerica...

— Colerica?... e como não estar, se sinto a todos os momentos que me acho casada com um tolo, um agua-morna, que para nada serve...

— Oh! senhora, nem mesmo agora me deixa descansar?!!

— Vamos... vá para a sala... ou mesmo será melhor que fique cá dentro, para me não envergonhar.

— Então, Thomasia, disse pacificamente Venancio, queres que vá ou que fique?...

— Quero que me não exasperes!... bradou a mulher; anda... dá-me o braco, e conduz-me à sala.

O pobre homem chegou-se para ella, e torcendo-se com a dôr dos beliscões, que recebia, a foi acompanhando com os labios enfeitados pelo sorriso mais mal fingido do mundo.

No entanto Honorina e Rachel se haviam assentado juntas em um dos bancos do terrado, e conversavão alegremente, quando entrou um joven, que poderia ter pouco mais ou menos vinte e dous annos, e que se foi sentar defronte d'ellas triste e pensativo.

As duas moças com uma rapida vista d'olhos fizeram um completo exame do recém-chegado: era moço, magro, e de estatura ordinaria: tinha bellos cabellos loiros, que lhe cahião em anneis em derredor da cabeça; estava pallido e triste, o que não deixava de dar alguma graça a seu rosto sympathico, e talvez bonito para rosto de homem: vinha vestido todo de preto e de gravata branca, e prendendo á fina camisa um rico alfinete de esmeralda; calçava emfim botins envernizados. A figura graciosa e modesta d'esse joven tocou notavelmente as duas moças: como elle se conservasse silencioso e com os olhos fitos no chão, ellas começaram a fallar em voz baixa:

— Quem é?... perguntou Honorina.

— Eu não sei, respondeu Rachel, não me lembro de ter visto este moço.

— Está vestido sem exageração, e com elegancia...

— Traz ao peito um alfinete de esmeralda... a côr verde quer dizer esperança ; então é porque elle tem alguma esperança no coração.

— Olha... elle não é feio.

— E está melancolico e pensativo... em que pensará elle?..

— Meu Deos... eu não posso adivinhal-o.

— Pois pergunta-lhe.

— Rachel ! tu julgas-me doida?...

— Não... mas tinha vontade de saber, em que elle pensa.

— E' que tu és muito curiosa, Rachel.

— Mas não, Honorina ; é que é muito máo costume vir um moço sentar-se melancolico e cabisbaixo defronte de duas moças... e pensando... pensando em que?...

— Olha... elle suspirou : Rachel saiamos d'aqui.

— Porque?... pelo contrario, demoremo-nos.

— Olha... suspirou outra vez...

— Coitado!... Honorina ! pergunta-lhe se está doente.

— Eu !... Deos me livre.

— Pois então pergunto-lhe eu.

— Rachel !...

— O senhor está incommodado?... perguntou a moça em voz alta.

Ó mancebo pareceu estremecer ; ouvindo a voz de Rachel, levantou a cabeça, e filou nas duas moças dous olhos cheios de fogo.

— Perdão, minhas senhoras, disse elle com voz commovida, perdão, se tenho commettido alguma falta !... eu não sei de mim mesmo !...

— Está doente?... perguntou outra vez Rachel.

— Calla-te, extravagante! disse Honorina ao ouvido da amiga.

— Oh!... muito doente... respondeu o moço animando-se; muito doente na verdade!... na minha cabeça está um fogo que me devora; no meu coração se cria... se agita um sentimento, que eu nunca experimentei até bem poucos dias, mas que hoje é já sufficientemente forte para fazer-me desgraçado!...

— Ora está, o que tu querias ouvir; já sabes, em que elle pensava?... murmurou Honorina ao ouvido de Rachel.

— Espera, tola, deixa ouvir a relação da molestia do moço, disse Rachel; e voltando-se para o mancebo, continuou: e portanto veio ao sarão para distrahir-se? tem passado melhor?...

— Cheguei agora mesmo, minha senhora.

— Ah! pensei, que tinha estado cá desde o começo...

— Eu não sabia d'este sarão... não fui convidado... não conheço aqui ninguem...

— Então?...

— Passei... ouvi tocar... entrei: ninguem me perguntando quem eu era, cheguei até aqui: a primeira pessoa, que me fallou, foi V. Ex.

— Mas... é quasi uma imprudencia; podião tê-lo tratado mal.

— Pois se eu digo que estou louco!... que padeço, e não sei o que tenho... oh! não! isso não, eu sei bem o que padeço.

— Portanto...

— Eu amo.

As moças não disserão palavra.

— E' uma nova imprudencia, que pratico, es-

tar occupando a attenção das senhoras com a relação dos meus soffrimentos; mas eu preciso fallar para consolar-me!... Eu amo... muito! como ninguém amou ainda! amo uma virgem bella, innocente e pudibunda; e ella não sabe, o que eu soffro, ignora a paixão, que por ella nutro, ignora que vou morrendo pouco a pouco... em silencio... com o meu segredo escondido do fundo de minha alma. Devo eu fazel-a córar diante de mim, perguntando-lhe se tambem me ama?... ou se me paga com ingratição?

— Como terá sempre de chegar a esse extremo... disse Rachel.

— Oh!... não!... balbuciou Honorina.

— Eu penso como a senhora, continuou o mancebo: fazel-a córar á minha vista, não: seria de mais para ella. Eu tenho estudado um meio. VV. EEx. me tem tratado tão agradavelmente, que não hesito em confessar-lhes tudo.

— Vamos... Rachel, vamos para dentro.

— Não... deixa o senhor acabar.

— Minhas senhoras, o meu projecto é filho de um sonho: é um sonho pois que eu quero realisar. Eu sonhei que me havia encontrado com a joven, que me fez enlouquecer de amor; não querendo implorar ali a sua gratidão, mas desejando merecel-a, fingi uma paixão... contei uma historia, e disse que, para saber, se era ou não amado, em uma manhã a mulher, que eu amava, acharia sobre a janella de seu gabinete uma sempre-viva: se ella fosse grata... guardaria a flor; se me desprezasse, deixal-a-hia cahir para o lado de fóra.

— E' um bonito sonho, disse Rachel.

— Que continúa ainda, minha senhora. No dia

seguinte, a joven senhora, que eu amava, e a quem havia contado a minha historia, quando accordou achou em cima da janella de seu gabinete uma sempre-viva!... lembrou-se de mim... lembrou-se do homem, que a adorava...

— E o que fez?... perguntou Rachel.

— Despertei n'esse momento, minha senhora! ficou pois o sonho incompleto; mas eu quero aproveitar-me d'elle... realisal-o... para vêr no que acaba.

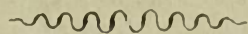
— Rachel... Rachel... vê como chega tanta gente... tu és louca Rachel!...

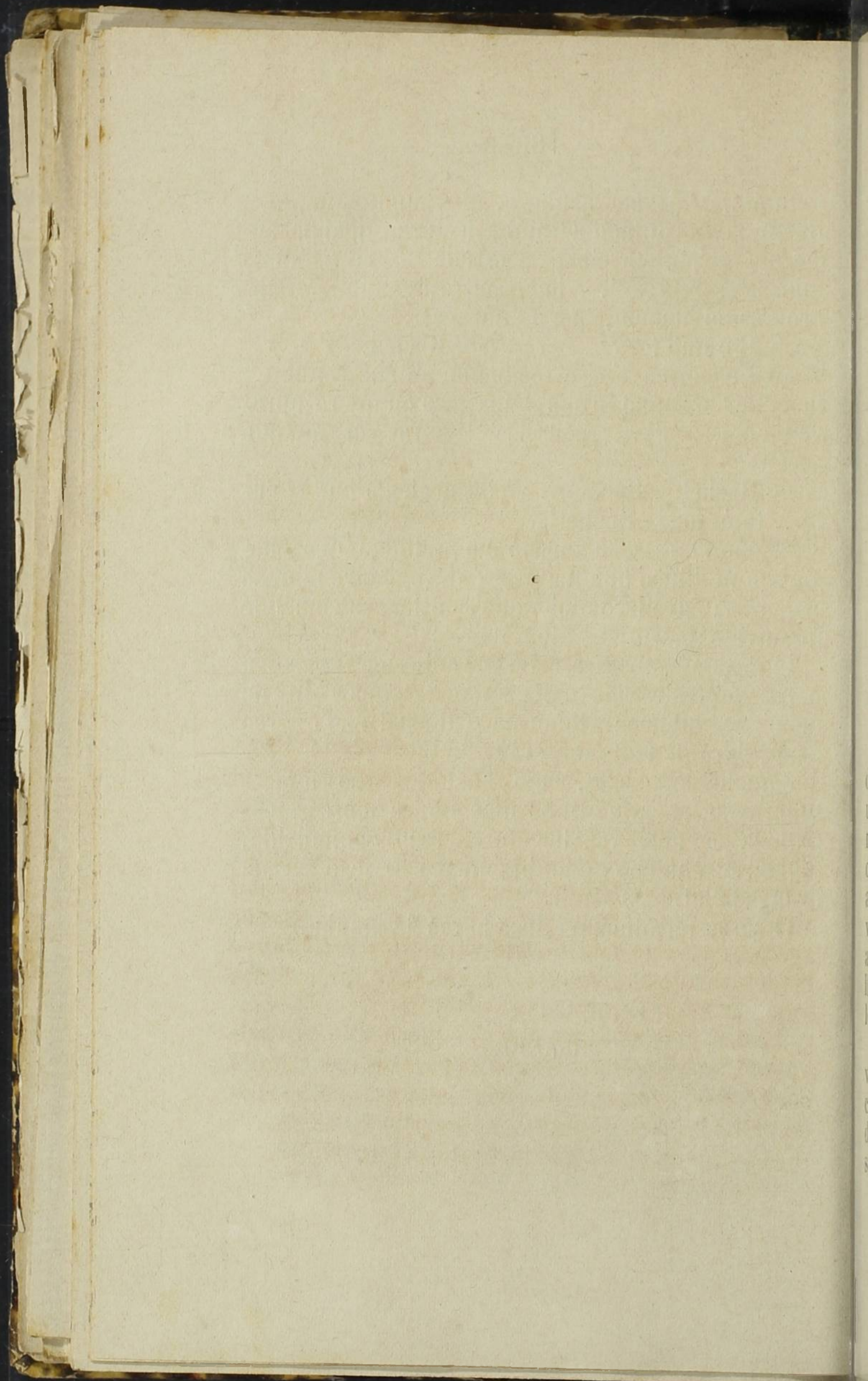
— Sim... disse o moço: é a multidão que chega... a multidão que me pesa: devo sabir, minhas senhoras; agradeço a obsequiosa attenção com que fui ouvido: o soffrimento a merecia!...

O moço, como para não ser conhecido, escondeu parte do rosto com o lenço, e desapareceu no meio da multidão: Honorina e Rachel não o virão mais, durante resto do sarão.

Aquelle mancebo, cujo nome as duas moças ignoravão, mas que tinha uma figura nobre e sympathica, e uma voz tão doce como commovida, deixou no espirito de ambas uma sensação serena e agradável.

O sarão terminou ás duas horas da manhã.





XV.

O bateleiro.

Pouco antes das tres horas da madrugada Hugo de Mendonça e sua bella filha desembarcavão de um carro no cães da rua Fresca. A velha Emma não tinha podido consentir que a sua Honorina dormisse aquella só noute na côrte; e como havia a sua condescendencia chegado ao ponto de relevar, embora a custo, que a menina se expozesse aos horriveis perigos de um saráo, força foi fazer-lhe a vontade tambem, voltando para junto d'ella logo depois de terminado aquelle.

Apenas chegados ao cães, um moço alto e asselvajado se chegou a Hugo: apezar de ser noute, conhecia-se, ao primeiro olhar, que era um homem de mar: calçava grossos sapatos, não trazia meias, suas calças erão de ganga azul, e já ruças, de tão

usadas que estavam, e enfim vestia um quimão de baeta preta. Tendo seu chapéo em uma mão e o cigarro na outra, elle fallou a Hugo de Mendonça, com essa voz aspera e grossa tão commum nos patrões de nossos barcos.

— Meu amo ; meu pai, que tinha ficado de esperar por V. S., lá se foi metter na cama com o maldito achaque de *crisypela*, que o persegue ha vinte annos, de sorte que estou eu aqui, em lugar d'elle, ás ordens de meu amo.

— Ser levado a *Nietherey* pelo senhor ou por elle, disse Hugo, comtanto que vamos lá ter com promptidão e salvamento, é para mim indifferente.

— Lá isso não tem duvida, meu amo ; eu conheço a bahia do Rio de Janeiro como as palmas de minhas mãos.

— Pois então, ao largo !...

O batel soltou-se, e navegou para a joven capital da provincia do Rio de Janeiro.

Honorina tinha encarado o patrão, e examinava seus rudes traços, sua côr vermelha e tostada, e dous olhos vivos, e na verdade bellos, cujas vistas, sem expressão sim, mas certamente brilhantes, erão por deleixo do marinheiro meias nubladas pela enorme massa de longos e mal educados cabellos pretos, que lhe cahião toscamente sobre os olhos.

O exame da moça pareceu incommodar ao rude patrão, que começou por coçar com força as bastas e crecidas barbas, que lhe escondião tres partes do rosto (unico ponto de contacto, ou antes de semelhança que, na opinião de Honorina, se dava entre elle e alguns dos jovens da moda, com quem acabava de estar no sarão) ; mas como visse que nem assim a joven arrancava os olhos de sobre elle :

— Juro, disse, que estou incommodando a senhora com o fumo do cigarro...

— Não, não, respondeu a moça, póde fumar: é certo que me dou mal com o cheiro do fumo; mas agora o vento, que sopra, o leva para longe de nós.

— Como estava olhando para mim ha muito tempo, eu pensei que era por isso... e pelo sim pelo não cigarro na agua.

E atirou com o cigarro no mar. Os pretos, que remavão, começaram a conversar em seu selvagem idioma, e rião-se maliciosamente.

— O' lá... bradou o patrão com voz estrepitosa, seja como fôr, quem manda aqui agora sou eu... leva de risadas!...

Sua voz aspera e rude tinha tomado um tom bravo; seu rosto exprimia algum sentimento mais forte do que o que nasce de uma contrariedade: em seus traços quasi que transpirava a cólera.

Honorina teve receio d'esse homem, e arrependeu-se de haver olhado para elle.

— Perdõe-me, disse ella com voz tremula, perdõe-me! quando eu olhava para o senhor não o queria offender!...

E olhou, como que implorando protecção, para seu pai, que havia insensivelmente adormecido. Ella teve o pensamento de despertal-o; porém sua mão, que para isso ia tocar n'elle, cahio-lhe de novo no collo, ao escutar outra vez a voz do marinheiro.

O receio... talvez o susto da bella passageira não tinha escapado aos olhos vivos e ardentes do joven marítimo: seu rosto grosseiro se ameigou um pouco, como o leão que se curva apiedado diante da fraqueza e da innocencia; elle abaixou, fez mesmo por adoçar um tanto sua voz agreste, e disse:

— Fui eu que offendi a senhora com esta minha falla bruta ; assustei-a ; a senhora olhava para meu rosto, e vio a cara de um bicho... depois ouvi minha voz, como o uivo de uma féra, e teve medo !... perdôe-me !... perdôe-me !... tirando d'isto, eu não sou máo.

— Senhor... eu não estou offendida...

— Descance... olhe seu pai como dorme ; porque me parece que este homem é pai da senhora... durma tambem...

A moça obedeceu maquinalmente ao conselho do marinheiro : encostou o lindo braço todo nú na borda do batel, e pousando sobre elle a cabeça, fechou os olhos.

Mas Honorina não queria, nem podia dormir : primeiramente as ultimas palavras do patrão não tinhamo totalmente dissipado todos os seus receios : quem sabe porque desejava elle que ella dormisse ?... o pensamento de que aquelle homem poderia ser um malfetor... um ladrão talvez, appareceu em seu espirito ; mas temendo desafiar outra vez sua cólera, se patenteasse a desconfiança, que sentia, acordando seu pai, ella fingio adormecer ; porém o joven marinheiro continuava a mostrar-se socegado e já respeitoso ; e quando fallava aos remeiros, sua voz parecia abrandar-se de modo, que semelhava menos uma ordem, que uma supplica. E pois as idéas desfavoraveis que sobre elle tinhamo apparecido no animo de Honorina, começárão a esvair-se pouco a pouco.

Depois, póde uma joven voltar d'um agradável saráo sem pagar o tributo das lembranças ?...

Perguntai a toda essa bella turba de moças e mancebos, o que se passa durante o resto da noute

que se queimou na pyra dos prazeres de um sarão ; e a uma voz vos responderão : « ah ! recorda-se, se se vela ; sonha-se... quando se consegue dormir ».

Recorda-se, sim, todos aquelles eloquentes obsequios, aquellas palavras de sentido obscuro para todos, e bem claro para só ella, que as ouviu, e que as recorda !... recorda-se, sim, o mancebo d'aquella interessante senhora... toda graças... toda espirito, que lhe arrastava o coração e os olhos, quando walsava ; que lhe prendia a alma inteira nos ouvidos, quando lhe fallava... recorda-se com saudade... mais do que com saudade de um simples — póde ser... — de um doce — talvez... — murmurado com os labios quasi cerrados, e que ainda assim sôa tão ternamente no coração ; um doce — talvez !... — palavra magica ! primeiro élo dos amantes ! fonte das primeiras esperanças ! — talvez... — expressão sublime... tão sublime no principio do um amor nascente, como só o é no fim d'elle o — eu vos amo ! — da mulher que se adora ; recorda-se mesmo com interesse de um duvidoso — quem sabe ?... — de um triste não sei : — apesar de toda a sua barbara frialdade !...

E sonha-se tambem : oh ! sonha-se muito ! e ainda com o mesmo pobre mancebo, que a seguiu inutilmente toda a noute... sonha-se com o seu olhar de fogo que embebido nos olhos d'ella pareceu querer penetrar até sua alma para lá plantar o sentimento que dardejava !... sonha-se com o sorriso angelico da encantadora moça, que lhe deu uma innocente flôr ; sonha-se com aquelle suspiro que se apanhou descuidado ; com aquelle pé, em que se tocou por acaso ; com aquelle collo de alabastro onde dous thesouros se deixavão adivinhar tão bellos !...

— Leva remos! disse o joven patrão; porque chegavão á praia.

O batel arrastou seu bojo sobre a arêa, e quando a prancha cahio o marinheiro despertou a Hugo de Mendonça e a Honorina com a menor rudeza que pôde.

— Chegámos, disse elle.

— Bem... bem... obrigado... saltemos, Honorina.

Honorina ergueu-se, e procurava as luvas, que havia posto sobre o banco.

— Eis aqui uma, senhora, o vento a ia lançando no mar, em quanto a senhora dormia... foi por isso que parou em minhas mãos.

— Obrigada, respondeu a moça, a outra eu tenho cá.

Mas no momento de calçal-as, Honorina olhou com surpresa para o joven marinheiro, que ao pé d'ella se mostrava triste e submisso.

Hugo e Honorina desembarcárão: e o patrão, que recebeu o seu dinheiro os vio partir.

Que a luva estava nas mãos do marinheiro Honorina o sabia, quando parecia procural-a no banco; porque ella, fingindo dormir, velára durante toda a viagem, e vira tudo, quanto se tinha passado no batel.

Primeiro, ella notou, que o batel um instante se desgovernára... ou talvez seguia rumo diverso, do que devera seguir, e o joven patrão, que tão sabido se jactára de pilotagem, chamou a um dos remeiros, e por algum tempo lhe entregou o leme.

Depois ella sentio, que quando o batel se achou defronte da barra, o vento refrescou, e foi então, que uma de suas luvas levantada por elle teria com

effeito cahido no mar, se o joven marinheiro a não tivesse tomado.

Emfim ella reparou tambem, que elle em lugar de tornar a pôr a luva, onde estava, beijou-a muitas vezes... deu-lhe mil voltas, e por ultimo guardou-a junto do coração.

Receiosa ainda do que vira; suppondo aquelle homem tão rude... tão mal educado, ousado demais por interessar-se tanto por um simples objecto, que lhe pertencia, e não querendo por isso deixal-o em suas mãos, Honorina fingio procurar a luva, que lhe faltava, no banco, onde a tinha posto.

Quando a recebeu das mãos do marinheiro... ella a achou quente ainda do calor d'aquelle peito grosseiro; apesar d'isso, querendo calçal-a, fez um movimento de surpresa, porque dentro da luva estava alguma cousa de mais... guardou silencio então por temer, que seu pai pudesse ter uma disputa com um homem tão selvagem; e fingindo nada haver percebido, partio com as mãos nuas.

Depois ella poderia fallar, e dizer a seu pai, quanto se passára; mas Honorina pensou, que iria affligir o seu bom velho; além de que não deixava de sentir alguma curiosidade de saber, o que continha a luva.

Com taes pensamentos chegou a casa. Emma os esperava cuidadosa; recebeu nos braços a querida neta, a quem achou mais pallida, e por demais fatigada: graças talvez a isso, foi-lhe para logo permitido retirar-se para seu quarto em companhia da boa Lucia.

No entanto, logo que Hugo de Mendonça e sua filha desapparecêrão aos olhos do joven marinheiro, este fez certo signal a um dos remeiros, que imme-

diatamente, apertando o labio inferior, soltou tres assobios.

Alguns minutos depois um velho, cujos vestidos em tudo se parecião com os do moço patrão, chegou-se para este.

— Então, meu cavalheiro, disse o velho.

— Aqui está o seu dinheiro, patrão; respondeu o moço, tres mil réis, que deveria receber dos seus passageiros, e o dobro d'essa quantia que lhe prometti.

— Obrigado, senhor... senhor... ah! é verdade que ainda me não disse a sua graça.

— Nem creio, que seja preciso dizel-a: não entrou isso no nosso ajuste.

— Tambem foi só por perguntar... eu cá não sou curioso: mas conte-me, como se houve... o certo é que o mar esteve de rosas...

— Todavia desgovernei uma vez... vi-me doido entre os navios... e a maldita voz de bronze, que me foi preciso fingir... enfim está passado: agora pertence-lhe o resto: o senhor jurou-me não dizer palavra.

— Póde ficar certo, que eu cá para isso sou um pouco.

— Optimamente. E pretende ir dormir?...

— Quando está para amanhecer, senhor?...

— Tanto melhor: dentro de uma hora parto para a côrte; quer levar-me?...

— Sem duvida.

— Bem: eu volto immediatamente.

Com effeito uma hora depois um interessante mancebo, cujos vestidos sem duvida muito decentes estavam todavia em censuravel desalinho, saltou dentro do batel, que regressou para a côrte: uma

metamorphose completa se havia pois operado no marinheiro de cabellos pretos.

— Mãi Lucia! mãi Lucia!... dizia Honorina a sua ama, tendo um pequeno papel diante dos olhos, eis aqui!... é por tanto sempre elle!...

— Quem, menina?...

— O homem que trabalha por enloquecer-me... que põe uma carta debaixo da janella de meu quarto... que se veste de cabelleireiro para cortar um annel de meus cabellos, que se veste de marinheiro para viajar comigo, e deitar um escripto dentro de minha luva!...

— Pois elle escreveu...

— Sempre as mesmas... as minhas proprias palavras!... ouve: « Honorina! eu te amo! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem bello!... »

— E portanto é que elle lhe ama muito!

— Oh!... mas quem se esconde é porque teme causar horror!...

— Senhora!...

— Está bem, mãi Lucia, eu quero dormir... e amanhã que me deixem na cama até bem tarde.

— Pois será assim, menina. Boa noute!

— Boa noute!...

Mas como dormir?... como conciliar o somno, quando se tem tanto em que pensar, tantas idéas a ligar, e sobre tudo um mysterio a decifrar?... porém Honorina lutou em vão com esse mysterio; o homem que a amava, nunca lhe tinha apparecido tal qual era; havia-se mostrado sempre ridiculo ou

estupido... com uma cabelleira ruiva, ou com uma de cabellos pretos... longos e tão grosseiros, que parecião nunca haver conhecido um pente, e ser bem capazes de rebentar o mais forte que primeiro ouzasse querer domal-os!... era por força feio, detestavel, horrivel, o homem que se escondia assim.

E do feio... detestavel... horrivel, o pensamento de Honorina fugio procurando um objecto bonito... e amavel, em quem, por alguns momentos ao menos, pousasse; e pousou na imagem do Moço Loiro, que se havia sentado no terrado, triste e pensativo defronte d'ella e de Rachel.

Oh! aquelle mancebo, apezar da extravagancia e leviandade que mostrou fallando tão imprudentemente de seus amores a duas jovens desconhecidas, deveria ter deixado no animo de Honorina uma impressão bem agradavel e talvez bem perigosa para que ella, com o pouco tempo que o vio, se lembre tão bem d'elle, que sua imagem a occupe por momentos.

Com effeito Honorina tem diante de si a graciosa figura do apaixonado mancebo: ella o vê ora melancolico e pensativo suspirando silencioso... depois com sua cabeça levantada... seus cabellos loiros cahidos em bellos cachos sobre as orelhas... seus brilhantes olhos dardejando vista de fogo... ella escuta sua voz doce e commovida... enleva-se vendo o triste sorriso de seus labios... enfim, ella o vê partir... escapar-se por entre a multidão, que entra no terrado, com o lenço sobre o rosto, como para não ser conhecido...

Mas a imagem, que desapareceu, volta de novo para repetir-se a mesma scena... duas... tres... mil vezes até o romper d'aurora.

E' que em seus sonhos de innocencia e de amor

Honorina tinha desde muito tempo muitas vezes sonhado uma bella imagem de phantastico mancebo, que aquelle moço venturoso viera realisar !...

A natureza havia despertado com a aurora, e o ruido que traz o dia arrancou Honorina de suas meditações.

A moça lembrou-se pela primeira vez de si propria, e sentio então, que sua cabeça ardia... que ella não estava bôa... que ella estava talvez proxima a padecer tambem a mesma molestia do Moço Loiro.

Semelhante idéa fez estremecer Honorina, e pois apertando a cabeça com as mãos, exclamou :

— Não! não! meu Deos!... isso não!...

E cerrou as palpebras para nada vêr: e cobrio a cabeça para dormir.

Mas apezar d'ella a imagem do Moço Loiro vinha outra vez para diante de seu espirito, como uma doce harmonia, que se tem ouvido, que se deseja esquecer, e que se está repetindo no pensamento sem querer!...

Honorina ergueu-se espantada, do que se passava n'ella, e atirando-se fóra do leito, exclamou de novo :

— Não!... não!... isso não, meu Deos!...

Lucia, cuja camara era immediata á de Honorina, e que ouviu a exclamação d'ella, temendo alguma novidade, veio vêr a sua querida filha; mas ficou estatica e silenciosa observando-a da porta. Honorina desassocegada e afflicta correu para a janella... abriu-a, levantou a vidraça para deixar entrar as auras da manhã, e... recuou sorprendida...

Na janella estava deposta uma sempre-viva, e por baixo d'esta um papel com algumas linhas escriptas.

Uma sempre-viva!... Honorina lembrou-se do sonho do Moço Loiro. Por consequencia, a joven adorada era ella!...

Depois d'alguns momentos de hesitação ella tirou o papel que estava por baixo da flôr, e leu: « Honorina!... se ella me fôr grata, guardará a flôr; mas se me desprezar, deixal-a-ha cahir para o lado de fóra... foi o meu sonho: ah! eu te amo! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo que ainda quando acaba na desgraça e na morte, com tanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem bello!... »

— E portanto, murmurou Honorina tremendo, mas levando insensivelmente o papel até junto do coração, e por tanto o Moço Loiro era elle!...

Depois, como cedendo a um impulso repentino, a moça lançou-se para a janella... ia atirar a flôr para fóra... mas antes que sua mão tocasse n'ella, o zephyro da manhã, que com doçura soprava, fez a sempre-viva rolar brandamente pela janella até tombar dentro do quarto.

Como levada pela força de um milagre, Honorina olhou sorrindo-se para a flôr, e disse:

— Oh!... ainda bem que não fui eu!... foi o teu sopro, meu Deos!...

E sentando-se junto do toucador com a face pousada na mão, esteve em silencio muito tempo com os olhos fitos na flôr... depois soltou um suspiro, e adormeceu.

— Quando Lucia vio, que ella dormia, cerrou mansamente a porta, e retirou-se, dizendo em voz baixa:

— Ella o ama.

XVI.

Resultados do sarão.

Portanto o sarão de Thomazia não tinha sido infecundo.

Nós vimos como uma moça, que para elle fôra com o coração virgem de amor, voltára possuída de um sentimento novo para ella, e que talvez, a pesar seu, seja o proprio, que não conhecia. E nós vamos vêr, que outros corações ha, nos quaes essa noute deixou vestigios mais ou menos profundos, e impressões duradouras.

Uma mulher na primavera de sua vida, bella para conquistar os olhos, pallida e graciosa para inflamar o espirito, dos que a veem, havia apparecido n'esse sarão, e involuntariamente arrancado a palma da victoria aos mais encantadores, e vaidos-

sos semblantes : essa mulher pois devia ter dado origem a dous sentimentos oppostos...

Era o que tinha realmente acontecido.

Simples, modesta e formosa, Honorina, deixando o sarão, arrastára após si, sem o querer, sem pensar em tal, vinte corações de mancebos ; cercada de adorações, victoriosa sempre, a mais requestada entre todas, seguio-a, em compensação, a inveja de algumas, o ciume de outras, e o desagrado da maior parte das moças.

Mas, ou porque o amor, quando não correspondido, é (para alguns) como uma exalação etherea, que se esvae de subito ; ou porque o coração dos nossos mancebos seja para esse sentimento, como o espelho, que reflecte a imagem de todos os semblantes, e todos os semblantes esquece desde o instante, em que lhe fogem ; ou porque emfim muitos sabem amar em triste silencio, e fazer do proprio coração um tumulto para seu amor não aceito ; alguns dos adoradores de Honorina não ousarão apresentar-se mais.

Muitos padecentes infelizes, contentarão-se, porque mais não podião, em ir todos os dias passar duas vezes junto ao gradil da bella casinha de Nictheroy, derretendo-se-lhe os olhos sobre o banco de relva no qual tinhão visto por acaso, Honorina descansando um momento.

Outros, aproveitando-se da amizade, que entretinhão com o pai da moça, lá forão queimar suas almas no fogo dos olhos d'ella, e... pozerão em tributo a paciencia de Hugo, e da velha Emma, a quem pagavão horas inteiras de

maçada com o offerecimento de pitadas de optimo rapé.

E porque seja destino de toda a moça bonita contar sempre entre seus sérios apaixonados, algum tolo ou impertinente, Honorina tinha tido a desgraça de agradar também a Brazmimoso, e a Manduca.

Mas essa moça, a quem já conhecemos tão ardente, tão entusiasta, e (digamos assim) tão nascida para amar, conservava-se no meio de tanto fogo, insensível e fria.

Nem o mais leve favonio de esperança tinha conseguido um só de seus apaixonados.

Mas o objecto do amor de tantos homens devia ser o do despeito de dobrado numero de senhoras.

Com effeito, ellas havião sido feridas em dous pontos por demais sensiveis... Aquelle ardor, com que no sarão todos os cavalheiros procuravão dançar com Honorina; a deserção cruel, que cada bella senhora notou no circulo de seus adoradores; a multidão que creou, acompanhou, e insensou durante toda a noute a — joven romantica —; aquelles cem olhos de elegantes manebos, que estavam sempre embebidos no rosto d'ella; mil episodios, mil pequeninos incidentes, nenhum dos quaes escapou, nem podia escapar, tudo pareceu dizer, tudo disse a Honorina — tu és a mais bella!

E no meio de cincoenta moças dizer a uma — tu és a mais bella... tu és a rainha! — é ferir, é torturar o amor proprio de todas as outras; e o amor proprio é o — noli me tangere — da mulher; é levantar aquella até um ponto, onde não podem

chegar as outras ; mas para onde ellas mandão por si — o despeito.

E sobre esse golpe, que foi commum a todas, cahio um outro que ferio principalmente a uma.

Octavio, não podendo resistir á força dos encantos de Honorina, amou-a mais do que todos os seus competidores ; amou-a ardente, e loucamente ; amou-a, como nunca d'antes tinha amado.

Lucrecia, a antiga dama dos pensamentos de Octavio, Lucrecia, habil e perspicaz, comprehendeu desde logo, que seu amante faltava aos juramentos tantas vezes repetidos, que a trahia emfim !

E Honorina era a causa, embora involuntaria, d'essa traição !

Exasperada porque via acima de sua vaidade a cabeça angelica de uma moça encantadora ; exasperada, porque amava sempre, e muito, a Octavio, Lucrecia queria vingar-se ; mas em todos os projectos de vingança, o meio... e a victima era sómente Honorina.

Desde o instante da cruel convicção de sua derrota, Lucrecia determinou collocar-se entre o perjuro, e a rival ; sabendo, que Octavio esquecido do passado e só cuidadoso de seu recente affecto, se aproveitára do antigo conhecimento, que o podia aproximar de Hugo de Mendonça, o procurára e cercára de obsequios, e finalmente chegára até junto de Honorina, não hesitou : fez alugar uma casa em Nictheroy, e não longe da da sua rival : correu a offerecer-lhe sua amizade, eternisou nos labios o seu bello sorrir, que tão bem condizia com a doçura de seus lindos olhos azues ; e recebida com prazer pela incauta joven, ella ficou lá prompta para oppôr-se

como uma barreira ao homem que a tinha offendido, e, a ser preciso, para sacrificar a belleza, e innocencia de Honorina nos altares de sua vaidade.

Octavio, e Lucrecia personificavão os sentimentos que por Honorina nutrião os homens e senhoras.

Uma unica differença havia.

Octavio era o mais apaixonado e ardente dos pretendentes, que Honorina tinha, contra a sua vontade, trazido do sarão.

Lucrecia a menos nobre de todas as senhoras : isto é, nenhuma das rivaes de Honorina desceria até o ponto, a que é capaz de descer a viuva.

.....
Duas semanas são passadas depois do sarão de Thomazia.

São nove horas da noute. Braz-mimoso, e Felix achão-se em casa de Venancio : a conversação tinha naturalmente cahido sobre Honorina.

— Nós já a vimos com mais vagar, disse Thomazia ; ha tres dias que veio com seu pai complimentar-nos... ao menos politica sabem elles...

— Politica sabem elles, repetio Venancio.

— Quanto ao mais, outra vez digo, não é lá essas cousas, disse Rosa.

— Deixa-te d'isso, mana, acudio Manduca, foi a moça mais bonita que cá veio...

— Ora... vocês todos são assim ; se amanhã chegar alguma outra mocinha... adeos Sra. D. Honorina !...

— Não eu, que me acho apaixonado até os olhos ! exclamou Braz-mimoso.

— Tambem o Sr. Braz?... muito bem : falta um para duas duzias ; primo Felix talvez queira inteirar a conta.

— Não, prima Rosa, se eu quizesse amal-a, não precisava de conselhos... mas confesso que achando D. Honorina bonita, não sinto com tudo grande abalo por ella.

— Quem sabe!... meu primo, talvez que você quando levantasse os olhos para olhal-a, não a visse por estar alta de mais...

— Póde ser, prima; mas fallando assim, você faz de antemão muito baixa idéa de outra mulher.

— Como?...

— Porque deve acreditar baixa de mais a mulher, a quem eu ousar offerecer o meu amor.

O rosto de Rosa se tornou da côr do seu nome; pois que acabava de ser cruelmente ferida com suas proprias armas.

— Lá pela conta dos vinte e quatro não hajão arrufos, disse Braz-mimoso, eu posso apresentar um nome, que talvez não esteja na relação.

— Vamos a elle, disse Thomazia.

— O Sr. Octavio.

— Octavio! exclamou dando uma risada Thomazia; Sr. Braz, asseguro-lhe que está muito atrasado.

— Está muito atrasado, Sr. Braz, repetio Venancio, rindo-se tambem com sua mulher.

— Mas explique-se, Sra. D. Thomazia.

— Pois não sabe, que elle é homem, sobre quem não póde calcular nenhuma moça solteira?...

— Porque?...

— Porque é parcella votada no orçamento da comadre Lucrecia.

— Está muito atrasada, Sra. D. Thomazia!... exclamou Braz-mimoso, dando por sua vez uma risada.

— Então o que ha de novo?... conte-nos.

— Estão de arrufos!...

— Quem, Sr. Braz?...

— Octavio e sua comadre...

— E' possível?!...

— Por causa da mesma feiticeira que nos encantou a todos...

— Ora, feiticeira!... feiticeira!... murmurou Rosa; no meio de uma conversa séria, sahe-se com aquillo.

— Mas como pôde ser isso, Sr. Braz; se a comadre Lucrecia está agora dia e noite na casa de Honorina, e parece ser a sua melhor amiga?... em menos de oito dias de conhecimento travarão uma amizade, que parece de annos.

— Lá esses segredos só as senhoras poderão explicar: quem é que até hoje comprehendeu um coração de mulher?...

— Mas duas rivaes darem-se assim...

— Rivaes, não disse eu: porque Octavio ama loucamente uma senhora, não se segue que ella por isso lhe corresponda.

— Então D. Honorina é algum anginho, que não sinta o que nós sentimos? perguntou Rosa; não ha ninguem n'este mundo que lhe mereça um suspiro? meus senhores, tenham cuidado que não võe para o céu o seu cherubim!...

— Não, não digo isso, tornou Braz-mimoso, porém affirmo que não é Octavio o mais feliz de seus adoradores.

— Então quem é, quem é o venturoso conquistador d'aquelle bello milagre da natureza?... perguntou Rosa.

— Eu... eu o não saberei dizer, respondeu

Braz-mimoso, fingindo-se acanhado ; ainda é tão duvidoso...

Bravo !... bravo !... parabens, Sr. Braz, gritou Thomazia.

— Bravo !... parabens !... parabens ! .. repetio Venancio.

— Devia ser assim !... exclamou Rosa rindo-se muito ; os senhores merecem-se igualmente !...

— Ora... não era isso... o que eu queria dizer ; mas emfim... certos signaes que vi, e que um homem entendido n'estas cousas sabe muito bem comprehender...

— Bem bom !... bem bom !... disse Rosa, vamos aos signaes...

— Desnublar arcanos de amor, minha senhora ?

— Todos nós aqui somos de segredo... olhe, eu não tenho na vizinhança senão seis amigas, com quem converso : o seu segredo não póde passar d'esta rua ; além de que ninguem lhe mandou principiar.

— Os signaes, Sr. Braz, os signaes !...

— Emfim... vá...

Braz-mimoso, sem reparar que Manduca estava já roncando de raiva, começou :

— Talvez, attendendo a estas minhas maneiras delicadas, ao espirito e subtileza, que, sem vaidade o digo, desenvolvo em um saráo... D. Honorina mostrou-me uma predilecção...

— Ora isto já passa de impostura !... bradou Manduca.

— Cala-te, Manoel-zinho... Sr. Braz, não faça caso do que elle disser... disse Thomazia.

— Não faça caso do que elle disser, repetio Venancio, continue, Sr. Braz, não faça caso do que elle disser.

— Está com ciumes!... coitado!... acudio Rosa.

Braz-mimoso não cabia em si de contente: o ciume de Manduca o enchia de gloria.

— Pedindo-lhe para walsar comigo, continuou Braz-mimoso, ella respondeu-me que sentia bastante estar já compromettida com outro: ora isto de — sentir bastante — não será muito explicativo?...

— Muito!... muito!... não tem duvida...

— No terrado, em um momento infeliz, escorreguei tão fortemente, que, se me não seguro á casa de um amigo, esbarrava por força diante d'ella; quando me endireitei, olhei-a, e vi que ella se estava sorrindo docemente... bem se vê que isto não deixa duvida nenhuma!...

— Mas, Sr. Braz, acudio Rosa, se eu estivesse lá, e lhe visse escorregar, não me ria docemente, soltava mesmo uma gargalhada, e ninguem dirá que somos apaixonados.

— Por isso mesmo... no rir-se docemente é que está o segredo!...

— Ora vejão isto!... e minha mãe me chama de tolo!... tolo eu, quando o Sr. Braz diz d'estas!... exclamou Manduca.

— Emfim, minhas senhoras, por duas ou tres vezes ella olhou-me com expressão tal, que...

— Se é por isso, interrompeu Manduca, ella de uma vez tambem me olhou com expressão tres vezes...

— Mano, isso precisa de explicação.

— O que precisa de explicação, é o que tem dito o Sr. Braz, exclamou Manduca affrontado; porque é muito mal feito andar se impondo de namorado de uma moça tão innocente.

— Bravo!... que innocencia!... disse Rosa.

— Pois eu tenho culpa de lhe haver agradado?... tornou Braz-mimoso.

— Qual agradado nem meio agradado; pois o senhor se capacita de que uma moça de bom gosto havia de interessar-se por esqueleto de cincoenta annos?...

— O Sr. Manoel Venancio me insulta!... exclamou Braz-mimoso.

— Manoel-zinho, cala-te!... gritou Thomazia

— Cala-te, Manoel-zinho, repetio Venancio.

— O senhor, continuou Braz-mimoso, endireitando a gravata, com ter menos de vinte annos não é capaz de ser mais bonito nem mais engraçado do que eu.

— Pois mostre-se tal qual é, respondeu Manduca, tire os cabellos postiços, os dentes postiços, a côr postica da cara!... o senhor sempre é um homem que usa de mais postiços, do que a propria mana Rosa...

— Não seja tolo, ouviu!... acudio Rosa enraivecida, não me metta lá nas suas tratadas... minha mãe, ouça o que está dizendo este pateta.

— Manoel-zinho, retira-te, disse Thomazia, a tua cabeça não está boa.

— Retira-te, Manoel-zinho! repetio Venancio: Sr. Braz, não repare, a cabeça d'elle não está boa.

Manduca retirou-se furioso da sala, jurando vingar-se de Braz-mimoso.

— Não se enfade, Sr. Braz... aquillo é fogo de palha: tem estas imprudencias; mas é um menino muito bem creado e de muito bom genio.

— Eu tenho-lhe amisade, disse Braz-mimoso, já menos irado; sei o que é o ciume... o Sr. Manoel foi infeliz... é um rival, que cahio por si

mesmo ; o mais terrível, e o que me dá mais cuidado, é Octavio.

— Eu sei que elle já frequenta muito a casa de meu amo, disse Felix.

— Pois bem : é esse o unico que me incomoda ; mas ao menos elle não póde deixar de vêr-se muito atrapalhado.

— Porque?...

— Porque sua comadre mudou-se para Nietheroy, e consta-me que não deixa a companhia de D. Honorina... isto ha de dar ainda muito que fallar.

— Rosa!... que bellos dias temos de passar... é preciso entrelaçarmo-nos de amizade com D. Honorina : domingo agrados sobre agrados !

— Então domingo...

— Estamos convidadas a passar o dia com ella...

— Minha senhora... se eu pudesse ser apresentado...

— Oh! será uma contrariedade para Monoelzinho ; mas se quizer póde ir em nossa companhia, e devo crer, que será bem recebido.

— D'isso tenho eu certeza.

— Pois muito bem ; está convidado.

— Oh! presente do céu!...

No entanto que alguns dos apaixonados de Honorina preparavão-se para lutar, que Lucrecia se dispunha para vingár-se, ou, pelo menos, oppôr-se á ventura de Octavio, e Thomazia e Rosa se tratavão para observar e murmurar ; o que estaria projectando ou fazendo esse homem, de quem nenhum d'elles sabe, esse incognito, cuja existencia só tem sido sentida por Honorina, Rachel e Lucia?...

Duas semanas são passadas desde seu ultimo apparecimento: não ha nenhuma noticia d'elle; ninguém o conhece... e Honorina, que em silencio pensa n'elle, não se anima, nem se animará nunca a perguntar pelo Moço Loiro.

E quem é esse homem das sombras e do mysterio?...

E o que quer dizer esse continuo pensar do espirito de Honorina, que pende sempre docemente em suas reflexões das vigílias, e em seus sonhos das noutes para esse joven desconhecido?... o que quer dizer?...

Estravagante, estouvado por força esse personagem mysterioso, que ainda se não sabe, ao certo, que cara tem, que muda de semblante, de officio, de vestidos, e de cabellos a cada hora, como pôde tão vivamente tocar a alma (e quem sabe se tambem já o coração), de uma innocente moça?...

Oh!... é porque a mulher ama sobre tudo, o que lhe parece mais romanesco e mysterioso!

Sem que se dê por tal, ella é apenas curiosa no principio, logo depois se faz interessada... e é um milagre se escapa de ser amante no fim.

E Honorina, que na côr pallida de seu rosto, na delicadeza de sua compleição, e em todos os seus traços emfim deixava ler esse temperamento, talvez perigoso, mas sempre interessante; no qual a vida, está no sentimento, e com o qual, sómente, se sabe comprehender, sentir e alimentar essa paixão ardente, cujo fogo não minora, não se extingue, nem ao sopro do infortunio, nem ao poder da prepotencia, e com o qual emfim basta a impressão ligeira de uma figura, que se vê na sombra... diaphana... mysteriosa que se,

adivinha bella, que se sonha, como se deseja para dar um rumo ao batel da vida, que nem o tufão da tempestade, nem a agitação das vagas pôde jámais mudar; para dar um doce pendor ao espirito, que nem a docilidade dos conselhos, nem a força de uma ordem, nem o rigor do despotismo pôde fazer desapparecer; e Honorina, dizemos nós, romanesca e entusiasta, linha cedido á força de sua organização, e ao enlevo do mysterioso proceder do homem, que a amava na sombra.

E por tanto já havia um segredo na vida da moça, e apesar d'ella uma acção, que ás vezes a obrigava a levemente córar: o segredo estava em seu coração... ainda pouco intelligivel para ella mesma: era o sentimento, que começava a votar ao Moço Loiro: a acção, de que levemente córava, era o ter ella guardado a sempre-viva, que o zephyro da manhã lhe atirára dentro da camara.

Duas semanas estavam passadas depois da noute do sarão: novas amigas tinham vindo occupar-lhe horas de alguns dias: Lucrecia, que havia alugado uma casa em Nietheroy, era então assidua junto d'ella, e a cercava de obsequiosos cuidados; mas Honoria se contrafazia ao pé de Lucrecia... amava a solidão... suspirava em silencio, e apesar seu... pensava no Moço Loiro.

Honorina se tinha tornado docemente melancolica, o que fazia ainda mais realçar os seus encantos.

Ella precisava sem duvida confiar seus sentimentos... seus receios e seu estado a uma amiga; mas Lucia tinha o triplo de sua idade, e posto que

não hesitára em mostrar-lhe os primeiros escriptos do Moço Loiro, agora ella não podia resolver-se a córar diante d'ella, confessando-lhe que guardára a — sempre-viva —, ainda que lhe repelisse as mesmas palavras que costumava dizer a si propria para desculpar-se diante de sua mimosa consciencia de moça :

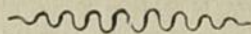
— Não fui eu... meu Deos ! foi o teu sopro.

Lucrecia... Lucrecia não era a sua amiga da infancia, como Rachel, e Rachel estava longe d'ella.

Finalmente na manhã de sabbado Hugo conveio em levar um bilhete de sua filha a Rachel ; e pois Honorina escreveu depressa :

« Rachel!... Não nos pôdemos fallar a sós no dia em que fui á côrte ; e eu tinha tantas cousas para te dizer!... vem hoje, Rachel ; dormiremos juntas, e eu te contarei uma historia bem singular : vem hoje Rachel, vêr a tua amiga — Honorina ».

N'esse dia, não ; mas na manhã do seguinte, Honorina abraçou a Rachel.



XVII.

Canto ao luar.

Um dia inteiro se tinha passado, sem que Honorina e Rachel tivessem podido estar a sós alguns momentos. A casa de Hugo se achava cheia de visitas. Lucrecia se havia apresentado ás nove horas da manhã; Octavio um pouco depois; ás onze horas do dia Venancio com sua familia, e Braz-mimoso; e emfim Felix: era preciso pois que Honorina se repartisse por todas aquellas senhoras, que agradasse áquelles homens, que, em summa, desse alma á sociedade reunida em casa de seu pai.

O dia foi correndo prazenteiro e bello. Emma, apesar de não comprehender, como era possivel tolerar-se a liberdade, que aquelles homens tomavão com as senhoras, conversando, gracejando, e li-

sonjeando a todas ellas, não podia deixar de encher-se de orgulho, vendo a graça e a nobreza, com que se portava a encantadora nela.

O jantar servio-se tarde; e, já ao anoutecer, a sociedade, levantando-se, derramou-se pelo jardim. Emma, que não podia expôr-se ao ar frio da noute, ficou na sala, acompanhada de Venancio e de Jorge, o pai de Rachel.

Hugo de Mendonça passeava com Thomazia.

Honorina, defendida pela amizade de Rachel, vigiada pelo ciúme de Lucrecia, perseguida pelos impertinentes obsequios de Octavio, espantada das loucas pretensões de Braz-mimoso, e do ridiculo proceder de Manduca, cahia ás vezes em doces meditações, nas quaes vinha quasi sempre a imagem do Moço Loiro tomar o posto mais nobre.

Felix dava o braço á sua querida prima; e, unico feliz^o entre tantos, esquecia-se, conversando com ella, do tempo que passava, dos olhos que o cercavão, do passado, do presente, e mesmo do futuro.

Porque o homem, que passeia com a mulher que ama, é um ente excepcional, cujo mundo não passa d'ella e d'elle; cujo mundo é fechado pelo horisonte de amor... horisonte bello, côr de rosa, brilhante, limitado... tão limitado, que dentro d'elle só cabem dous corações, sómente são as palavras de duas bocas, sómente pensão duas almas: troca-se entre ambos uma linguagem, um idioma de fogo, e sempre novo, que se falla pelos olhos, e se entende pelo tremer dos braços ou pelo palpitar dos corações: tudo que os cerca está fóra do seu mundo, não tem n'elle existencia possivel: ahi só vivem os dous... e amor.

Depois d'algum tempo de passeio, as senhoras

recolhêrão-se : Hugo foi ajuntar-se e tomar parte com Venancio e Jorge na conversação de sua mãe, que, enthusiasmada, se exaltava, fazendo a apologia das bellezas, dos prazeres, e dos puros costumes do seu tempo.

Octavio unio-se a Felix, e ambos desapparecêrão pelas mais obscuras ruas do jardim, como se os occupasse objecto de muito subido interesse.

Braz-mimoso e Manduca passeavão cada um para seu lado ; mas na volta de uma rua encontráráo-se talvez contra a vontade de um d'elles.

Aquelles dous completos namorados sem ventura, erão, em verdade, a personificação de duas classes de homens, que todas as senhoras devem mais ou menos ter encontrado no decurso de sua vida. Vejamos, se dando conta do character de cada um d'elles, poderemos ter a felicidade de chegar ao ponto, de que cada moça, que tiver estas linhas diante de seus bellos olhos, possa dizer comsigo, ao recordar a colleccão dos seus impertinentes adoradores : — « Braz-mimoso se parece com este — : Manduca é o retrato d'aquelle — ».

Ha um sentimento... oh ! seria profanação dar-lhe o sagrado nome de amor. Comecemos pois de outro modo.

Ha homens detestavelmente vaidosos, homens insolentes, que não veem na mulher, senão a mais fraca e humilde das creaturas : homens, que não amão nunca ; pois são incapazes de tão nobre sentimento ; mas que trabalham para ser, e se ufanão de parecer amados. A alma d'esse homem é torpe, é alma de lodo ; e a mulher infeliz, a quem requestão, é por força a victima de sua vangloria ; porque de duas uma, ou ella é bem desgraçada para corres-

ponder a fingidos extremos: ou d'elles sabe zombar ; no primeiro caso, lá vão os miseraveis ostentar seus triumphos por toda a parte... nas assembléas, nos passeios, e no theatro elles desafião a attenção do publico, para que todos sintão suas victorias, invejem suas felicidades, proclamem-nos como conquistadores, embora á custa do nome e do credito da victima !... e quando uma senhora os tem tratado de maneira, que em sua propria vaidade não ousão sup-pôr-se felizes, elles ousão comtudo por jactancia, e por vingança impôr... fingir... dizer sel-o ! para elles o nome e a fama de uma mulher não é mais, que a flor, que importa pouco ser quebrada, murcha e perdida, com tanto que sirva um momento para ornar a corôa de seus improvisados triumphos.

Braz-mimoso, com ser tão ridiculo em si mesmo, era um d'esses homens.

Ha outros, que pelo contrario nem se sabem fazer amantes : outros que vivamente interessados por uma senhora, ficão duas horas a sós com ella sem lhe dizer palavra, e, quando ella se retira, vingão-se de si mesmos beijando suas pisadas, e se conservão uma noute inteira contemplando a cadeira, em que ella esteve sentada ; que comem o palito, que lhe cahio d'entre os dentes, que beijão em segredo o papel-zinho, que ella enrolou entre os dedos, que decorã o e adorão os versos das balas, que se atrevêrão a estalar com ella, que a servem nas sociedades, como um escravo, e depois se retirão para um canto, olhando-a de longe, e abaixando os olhos se encontrão com os d'ella ; que quando são obrigados a dar-lhe o braço, tremem, como varinhas verdes; se ousão dirigir-lhe a palavra, gaguejão e se perturbão a ponto de causar piedade; e que finalmente

confiando, a medo, seus extremos a um amigo, lastimão-se, chorão e vivem assim.

Manduca era pouco mais ou menos um namorado d'este genero.

Ora parece, depois do que vem dito, que naturalmente o homem que impõe deve ser forte e valente, e aquelle que chora fraco e desanimado: pois por notavel contradicção succede o contrario d'isso: as mais das vezes o chorão é um Hercules, e o impostor um covarde. E mais um exemplo vem para a regrã; porque Manduca tem o braço de um athleta; e Braz-mimoso a natureza de um poltrão.

Exactamente por esse motivo, Braz-mimoso, que achava — um não sei que — no rosto de Manduca, desde a ultima noute, que havia passado na casa de Venancio, não tinha lá a maior vontade de encontrar-se com o moço em lugar solitario; porém tantas voltas deu o filho de Thomazia pelas ruas do jardim, que depois de aturado trabalho conseguiu encontrar-se cara a cara com Braz-mimoso, que um pouco desapontado, e com o mais desengaçado, e menos bem fingido disfarce, ia já se voltando para trás, quando Manduca o chamou, dizendo:

— Sr. Braz, faça-me o favor...

— Oh! Sr. Manoel! exclamou Braz-mimoso, ora... muito bem diz o dictado — os que se querem se encontrão sempre.

— Fico-lhe obrigado; mas ouça-me, pois tenho que lhe fallar.

— E eu tambem... quero dar-lhe os parabens... o senhor tem sido feliz... felicissimo... o nosso amigo Octavio deve trazel-o na garganta.

— Peior é estar-me o senhor a trucar de falso !... disse Manduca, levantando a voz.

Braz-mimoso estremeceu desde os pés até a cabeça.

— O Sr. Manoel parece um pouco... exacerbado !... creio que não fui eu, quem teve a desgraça...

— Então já se esqueceu, do que disse em minha casa sexta-feira a noute ? perguntou o moço.

— Oh ! pois V. S. ainda se lembra d'isso ?

— Lembro-me perfeitamente, de que o senhor se fez de grande valentão, porque estava á vista de minha mãe ; e portanto venho aqui repetir-lhe, o que então disse, e dar-lhe um conselho proveitoso.

— Sr. Manoel, V. S. abusa da minha posição...

— Eu quero repetir-lhe na cara, que o senhor é um esqueleto de cincoenta annos... um velho muito ridiculo e miseravel ; pois que sem se lembrar, de que tem cara de avô, anda com pretensões de moço de vinte annos...

— Senhor... eu vejo que devo ser prudente com V. S.... eu me recordo, de que V. S. é o filho de um homem... e de uma senhora...

— Digo-lhe, continuou Manduca, que me não importa que o senhor persiga com suas maneiras ridiculas e despresiveis aquella bella senhora ; pois que eu a supponho com bastante juizo para não fazer caso de uma ostra, de um carrança espartilhado, como o senhor...

Braz-mimoso tremia, e suava suores frios ; por isso ouviu sem dizer palavra aquelle ataque feito a seu amor proprio.

— Porém, proseguio Manduca, e aqui vai o conselho ; se o senhor tiver o atrevimento de

gabar-se uma outra vez em qualquer parte do mundo de ter sido attendido por D. Honorina, já que mostra tão pouco juizo, que parece haver-se tornado de novo creança, tenha a certeza, de que me acho disposto a perseguil-o cruelmente.

— Está bem, Sr. Manoel, diga o que lhe parecer...

— Juro-lhe, que sou capaz de arrancar-lhe a cabelleira mesmo á vista de D. Honorina.

— Senhor... mas eu não sei, em que tenho merecido a inimidade de V. S...

— E como, em todo o caso, faz-se preciso, que um castigo acompanhe sempre o crime, e o senhor delinquo, fallando sem respeito de uma senhora honesta, e chegando mesmo a calumnial-a...

Braz-mimoso, ouvindo fallar em castigo, sentio enfraquecer-lhe as pernas, e, encostando-se ao tronco de uma arvore, olhava para todos os lados, a vêr se descobria alguém a quem recorresse.

— Eu exijo, continuou Manduca, que em presença das mesmas pessoas, diante de quem fallou sexta-feira, o senhor se desdiga de quanto disse... que confesse que não passa de um tolo...

— Sr. Manoel... V. S...

— Um calumniador...

— Por quem é, Sr. Manoel, não me deite a perder...

— Um...

Manduca foi interrompido: o céu acabava de socorrer Braz-mimoso.

E os dous singulares rivaes estendêrão os peçoços, e ficárão extaticos e boqui-abertos attendando os accents melodiosos de uma voz doce e branda, que cantava uma musica melancolica.

Uma idéa feliz tinha Hugo de Mendonça para obsequiar a seus hospedes: como, á excepção de Braz-mimoso e Manduca, se achassem todos depois de algum tempo sentados debaixo de uma copada mangueira, que ficava proxima do mar, elle lembrou-se, que ali, á mercê do silencio da noute, e, ao clarão da lua, devia causar effeito bem agradável uma voz harmoniosa, que entoasse um canto; e orgulhoso do merito de sua filha não hesitou em aconselhar-lhe que cantasse.

Felix offereceu-se para acompanhal-a: appareceu um violão, e Honorina cantava.

Já então era noute fechada; mas a lua cheia e bella derramava sobre a interessante Nictheroy os raios de sua luz mysteriosa: e uma voz entoava um hymno melancolico. Oh! fôra preciso estar ali, ouvil-a, e sentir tambem como toda a natureza harmonisava os seres, punha em concerto os elementos para magicamente acompanhal-a. E pois brando favonio lambia apenas as folhagens... as ondas marmuravão docemente ao beijar das praias... a lua prestava á scena essa luz receiosa e modesta, mercê da qual o fraco embalançar dos ramos, que a aura embalava, erguia aqui e ali seres phantasticos... mysticas sombras nocturnas, que, segundo o vai-vem dos ramos, se agigantavão, ora se ião minguando, até sumir-se de todo, para logo renascer outra vez... e por toda a parte o silencio... e como equilibrando-se sobre elle essa voz... doce, angelica... que direis um longo suspirar de anjo... essa voz... um pouco curta talvez... mas tão cheia de encanto e magia... que soar... tocar o ouvido... e cahir no coração de quem a escutava, era milagre de um breve instante... Oh! fôra preciso ou-

vil-a!. e tambem fôra preciso vêr essa moça, que cantava, assentada debaixo de copada mangueira... essa moça bella... pallida... vestida de branco... semelhante talvez á imagem vaporosa, que a imaginação escaldada do viandante nocturno vê á porta do templo solitario... ou curvada sobre a campa de um finado... essa moça, cuja voz tinha um não sei que de tão subtil... tão melancolico... tão sobre-humano talvez, que retinia no amago do coração, e nos seios d'alma!

Honorina escolhera, para cantar, uma lyra, que era desde alguns dias a sua fovorita: que desde algumas noutes ella preferia sempre a mil outras para entoal-a ao lado de seu pai, ou sentada á janella de seu quarto no silencio das deshoras: essa lyra parecia como uma prece, que sahia do seio de uma virgem para subir ao céo: ella dizia assim:

Innocente, incauta virgem,
Que inda o mundo te sorri...
Esse mundo que te insensa
Laços arma contra ti.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deos!...

Esses olhos, que dardejão
Sobre ti chammas de amor,
Podem verter em teu seio
Doce veneno traidor.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deos!...

Sê, oh virgem, sê sómente
Sempre a rosa do Senhor...

Vê que o vento affronta às vezes
A do mundo pobre flor.
Virgem, mede os passos teus,
Virgem, só confia em Deos!...

Honorina calou-se... Os applausos chovêrão sobre ella... os dous infelizes amantes, que de longe a tinham escutado, corrêrão a derramar suas felicitações e seus parabens aos pés da encantadora moça, que os enfeitava a todos; mas de repente os parabens, os applausos se suspendêrão, e todos olhárão sorprendidos para o mar; porque uma voz tambem sonóra entoava de lá o seu canto, sujeitando-se á mesma musica.

Favorecidos pelo luar, elles virão, a pouca distancia da praia, um pequeno e lindo batelão parado, e sobre elle a figura branca de um homem, que voltado para a arvore, debaixo da qual se achavão, cantava com voz commovida; e elles ouvirão, que seu canto dizia assim:

Innocente, bella virgem,
Que o mundo fazes sorrir...
Amor, que inspira a virtude,
Sabe em teu seio nutrir.
Virgem, mede os passos teus;
Mas cede ao — sôpro de Deos!...

Lembra, que esse amor de poeta,
Em que póde um'alma arder,
Mesmo acabando na morte
Por força bello ha de ser.
Virgem, mede os passos teus;
Mas cede ao — sôpro de Deos!...

Qual cede a rosa ao favonio
Vivo aroma encantador;
Ao homem nobre e constante
Ceda a virgem seu amor.
Virgem, mede os passos teus;
Mas cede ao — sôpro de Deos!...

O canto terminou; e o batelão se foi mysteriosamente deslizando para o largo.

Insensivelmente toda a companhia se tinha aproximado á praia: só Honorina e Rachel havião ficado no mesmo lugar sorprendidas, e tomadas talvez do mesmo sentimento.

— E' elle!... murmurou Honorina, quando sentio que o canto acabava.

— Eu o conheci, disse Rachel; elle fallou ainda uma vez no amor de poeta!

— Oh!... tornou Honorina, e o sôpro de Deos!... o sôpro de Deos!... portanto elle vê.. elle ouve... elle sabe tudo!...

— Que queres dizer, Honorina?

— Logo... logo te direi tudo. Agora silencio: todos se chegão para nós.

Com effeito a sociedade tornava a seu primeiro lugar.

— E' preciso convir, disse Hugo de Mendonça, que aquelle bateleiro é um atrevido, que tem muito boa voz, e canta bem soffrivelmente!

— O que não póde fazer olvidar, disse Octavio, que elle é um insolente, que se aproveita da largueza do mar...

— Como insolente?... acudio Lucrecia, que se aprazia com o desgosto de Octavio; eu me confundo de certo!... Suppunha que nada havia mais

natural, do que um bateleiro fazer demorar sua viagem para ouvir a voz de uma moça que cantava; nada mais agradável do que responder ao canto, que acabava de ouvir, com outro da mesma natureza.

— Mas o homem que cantou não pôde ser um rude bateleiro...

— E que podemos nós fazer?... disse Hugo: por ventura está no nosso direito impedir, que se cante no mar?... dever Honorina privar-se de sua mais bella prenda só porque heuve um homem, que de longe, respondeu uma vez a seu canto?...

— Deos nos livre d'isso! acudio Octavio.

— Seja embora um atrevido, continuou Hugo, devemos confessar que causou-nos uma surpresa.

— Mesmo uma agradável surpresa, ajuntou Thomazia.

— Não tem duvida, uma agradável surpresa; repetio Venancio.

— Mas que é isso, Honorina?... tão melancolica de repente?... Será possível que aquelle harmonico bateleiro chegasse a incommodar-te até o ponto de te entristecer assim?...

— Meu pai... é que eu não esperava...

— Graças a Deos temos todos essa certeza. Nada... nada de nos offendermos por tão pouco... Querem saber? se eu pudesse faria com que o nosso bateleiro repetisse uma outra vez o seu canto...

— Meu pai!

— Não é graça... tem uma bella voz de tenor...

— E o effeito, disse Lucrecia, o grande effeito que produz o canto no silencio da noute e no mar...

— E' verdade!... é verdade!...

— A proposito! exclamou Hugo de Mendonça, daremos uma lição ao nosso bateleiro.

— Como?...

— Se Honorina quizer, aproveitaremos uma ou duas d'estas bellas noutes de luar, faremos um passeio maritimo, e no mar... defronte da mais linda praia... levantão-se os remos, e Honorina entôa a sua lyra da virgem innocente.

— Oh! não, meu pai!...

— Sim... sim, minha senhora... ceda...

— Por ventura tens medo do bateleiro?... lá... o caso é outro: estaremos no mesmo campo, e se elle apparecer, veremos qual é o batel que mais vòa... então que dizes?...

— Ceda... ceda...

— Eu farei o que meu pai quizer.

— Pois muito bem: estamos tratados: resta marcar a noute: quando deverá ser?...

— A Sra. D. Honorina, que decida...

— Para mim é indifferente... pôde ser qualquer...

— Honorina, disse Rachel, marca a noute de amanhã: eu fico contigo até terça-feira: não é assim, meu pai?...

— Sim, minha filha, respondeu Jorge.

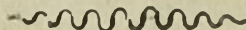
— A'manhã, amanhã, Sra. D. Honorina, disse Thomazia; nós temos de passar o dia d'amanhã com minha comadre, e pediremos licença para tomar parte em tão agradavel passatempo.

— Pois se meu pai quizer, tornou Honorina, seja amanhã.

— Está dito, concluiu Hugo, seja amanhã.

E ao mesmo tempo que todos se levantavão,
ouvio-se ao longe, muito ao longe, a voz do bate-
leiro, que repetia :

Virgem, mede os passos teus ;
Mas cede ao — sôpro de Deos !



XVIII.

As duas amigas.

Emfim, ellas se vião sós: não como da outra vez, recostadas na janella, que deitava para o jardim; porque Honorina receiava uma apparição nocturna e repentina d'aquelle homem singular, que em toda a parte e a todas as horas velava por ella. Mas agora, sentadas ambas em um sofá, e livres de seus atavios, com a liberdade da solidão, independentes das prisões das modas, esquecidas de si proprias no doce enleio da amisade, Honorina e Rachel se dispunhão para encetar a conversação que tanto desejavão; e todavia, ainda em silencio se conservavão, e já uma vez tinha cantado o gallo.

O silencio de Honorina não era difficil de ex-

plicar-se : havia n'ella por força todo esse bello receio, todo esse encantador acanhamento de virgem, que quando ama pela primeira vez, hesita e treme ao fallar de seus sentimentos á propria amiga de seu peito, e até cõra, quando pensa consigo mesma... n'elle.

Mas Rachel?... a jovial e feliz Rachel porque não comprehende a hesitação da pobre Honorina? porque tambem docemente melancolica deixa ir correndo assim a noute?...

O gallo cantou segunda vez ; e Honorina, como para a todo custo dar principio á conversação, disse :

— Que dia ! Rachel, que dia enfadonho passámos !...

— Eu o sinto, Honorina : melhor valera se sós o tivéssemos gozado.

— Oh ! é verdade... e tanta gente... e esses homens !

— Que te perseguirão, não é assim?...

— E' que eu sou bem infeliz, Rachel : não bastava Octavio, que me diz tantas cousas ; que me obriga a ouvil-as ; que se enche de esperanças, que eu não alimento?... erão precisos ainda mais dous, que me atormentassem todo o dia com suas loucas palavras, e ridiculas accões!...

— E que remedio tem uma mulher, senão ás vezes deixar-se requestar por tolos?... quem diz tolo, diz vaidoso.

— Oh ! mas é necessario ter ou vaidade de mais, ou então um espirito muito miseravel, para que elles não comprehendão, que eu despréso formalmente seus obsequios !

— Porém quem te manda despresal-os?... pelo

menos podias animar o velho... um velho namorado, Honorina, serve muito para a gente rir-se...

— E'... que... eu não posso rir-me!...

— Porque, Honorina?...

— Rachel!... exclamou a moça, escondendo por instantes o rosto no seio da sua amiga.

— Falla, Honorina; desafoga-te comigo.

Passou-se ainda um momento de silencio, em que o rosto de Honorina se foi tornando côr de rosa; depois ella fallou:

— Rachel!... Rachel!... tu não sabes o que se tem passado comigo desde aquella fatal noite, em que conversámos ambas encostadas n'essa janella: lembras-te d'aquelle papel, que achámos e lêmos na manhã do dia seguinte?...

— Lembra-me... sim.

— Pois eu tenho involuntariamente recebido outros da mesma natureza, que trazem todas essas palavras, que eu pronunciei fallando-te de amor, escriptas... repetidas, como a divisa de um cavalleiro, ou como o estribilho de um hymno de triumpho...

— E o homem, que as escreve!...

— Oh!... esse homem?... eu o tenho visto... eu o tenho ouvido... e eu não te posso dizer ao certo qual é o seu verdadeiro rosto, nem qual é o som de sua voz!...

— Mas o que tu dizes, Honorina, é ainda bem inintelligivel!...

— E todavia é a propria verdade: o homem, que me escreve, é um ente que muda de aspecto, de voz, de vestidos, de condição, de officio e de

tudo, segundo as circumstancias, em que me quer apparecer.

Rachel chegou-se para mais perto de Honorina, como não querendo perder uma só palavra, do que lhe ia dizer a amiga.

— Lembras-te que te mandei pedir, continuou Honorina, que me enviasses um cabelleireiro para me tocar no dia do saráo de D. Thomazia?... tu me tinhas respondido, que ás cinco horas da tarde o cabelleireiro se me apresentaria...

— E então ?...

— Pouco depois das quatro apparece aqui um homem para pentear-me, um homem, que não dizia uma só palavra, vestido de mil côres, com o rosto muito vermelho, com os cabellos ruivos, um homem que beijou minhas madeixas, que roubou-me um anel d'ellas, e que inopinadamente deixou-me ainda destoucada : Rachel... era elle !...

— Mas o cabelleireiro, que te eu mandei ?...

— Chegou depois ; exactamente ás cinco horas da tarde : ouve mais. De volta do saráo, somos trazidas aqui por um joven marinheiro, rude, grosseiro... mal vestido... com cabellos pretos tão longos, como hirtos ; no meio da viagem, enquanto meu pai dormia, e eu receiosa d'elle, fingia dormir, apanha uma de minhas luvas, que o vento levantára, beija-a, guarda-a junto do coração... e ao chegar á praia, vendo que eu buscava a minha luva, m'a entrega, tendo posto dentro d'ella um papel : Rachel... era elle !

— E esse papel, Honorina ?

— Estavão n'elle escriptas as palavras fataes... o meu imprudente pensamento sobre o amor...

aquillo que eu te disse, Rachel, pensando que ninguém mais me ouvia!...

— E depois!...

— Tu te recordas, Rachel, d'aquelle joven loiro, que no sarão de D. Thomazia, sentou-se no terrado defronte de nós?... Rachel! Rachel! tu te recordas do seu sonho?... tu te lembras, o que elle disse sobre uma sempre-viva?...

— Oh!... muito!... muito, Honorina!... eu me lembro muito!

— Pois bem... eu não pude dormir... a imagem d'esse moço esteve sempre diante de meus olhos! eu passei o resto da noite febril... ardente... desassoçada!... Eu comparava o amor d'esse moço tão singular, mas tão respeitoso, que elle temia fazer córar de pejo o objecto de seus cuidados, com esse amor mysterioso... nocturno... e talvez terrível do homem, que me persegue!... eu comparava aquelle rosto melancólico e doce... aquelles bellos cabellos loiros com o semblante vermelho ou agreste, com os cabellos ruivos ou pretos, que no outro tinha visto!... comparava sua voz branda e commovida com a voz aspera, grossa e desagradavel do bateleiro... ah! tudo isso era um parallelo cruel para o desconhecido que me amava!... Agitada... com a cabeça em fogo... afflicta emfim, eu me ergui, á primeira luz do dia... abri aquella janella... levantei a vidraça... Rachel! eu achei ahí um papel, e sobre elle a sempre-viva!... a sempre-viva!...

— E o papel?... o que dizia o papel?... perguntou Rachel violentamente commovida.

— Lê tu mesma, disse Honorina, mostrando-lhe

um breve escripto, que desde que se fôra sentar tinha fechado em uma mão.

Rachel devorou rapidamente as poucas palavras escriptas n'esse papel, e entregou-o de novo a Honorina com mão visivelmente tremula.

— Portanto, continuou esta, o Moço Loiro era elle!

— Sim... sim... era elle... eu o deveria ter previsto!

Honorina abafou um suspiro...

— E a sempre-viva?... perguntou Rachel.

— Eil-a aqui! disse Honorina abrindo a outra mão.

— Tu a guardaste?!... e então foi o mesmo que responder — eu tambem te amo!...

— Oh!... não me olhes assim Rachel, não me olhes com esses olhos tão árdentes, se não queres fazer-me abaixar os meus, e fechar-me a boca!...

— Enfim... tu guardaste a sempre-viva, Honorina?

— Não... não fui eu?... escuta. Acabando de lêr essas palavras, que ahí vês escriptas, confesso que hesitei um momento; mas depois... eu dei um passo para a janella... estendi o meu braço... eu ia... eu devia deitar fôra a sempre-viva, não é assim, Rachel?...

— Sim... sim...

— Mas... soprava uma branda aragem... o favenio da manhã, Rachel!... eu vi, que cedendo a seu sôpro... a sempre-viva rolou sobre a janella até cahir a meus pés...

— E depois... tu a guardaste?...

— Oh! Rachel! aquelle zephyro matutino tão fresco, tão doce, me pareceu então enviado pelo

céo!... tu sabes, tens dito mil vezes, que eu tenho uma imaginação de leuca, que á força de uma organização toda inflammavel e de uma educação recebida na solidão, longe do mundo e dos homens, meu pensamento não se accomoda com o gelo das realidades, e vive do fogo das chimeras : pois bem ! será mais uma chimera ; mas n'aquelle instante eu pensei, que o zephyro que fazia rolar a flôr para meu quarto era como a mão do destino, que me arrastava para aquelle homem ! nos meus delirios... na exacerbação, em que me achava, Rachel, eu contemplei a sempre-viva, que tinha tombado a meus pés, e sem ter animo para lançal-a fóra... temendo mesmo commetter um sacrilegio, se o fizesse, eu disse, desculpando-me a mim mesma : — Oh!... ainda bem que não fui eu... foi o teu sôpro, meu Deos!...

— O sôpro de Deos!... balbuciou Rachel.

— O sôpro de Deos!... sim... o sôpro de Deos!

— E por tanto elle cantava ainda agora — um pensamento, que tu só podias comprehender?...

— Mas, Rachel... Rachel, como é que esse homem ouviu, o que eu murmurei baixinho escondido no meu quarto?... pois então elle está tambem em toda a parte, assim como se veste de todos os semblantes?

— Quem sabe... talvez elle estivesse mesmo de longe... talvez que elle visse rolar a sua flor á força do zephyro... e então pensasse tambem, como tu pensaste em um — sôpro de Deos!

— Mas podem acaso ter duas almas ao mesmo tempo, um só e igual pensamento?...

Rachel respondeu com voz sumida e melancolica :

— Quando se amão, Honorina ; porque já não ha duvida, que tu amas...

— Oh! Rachel!... eu tenho medo de o pensar!...

— Como tu és feliz, Honorina!... disse docemente Rachel.

— E elle? e elle?... falla-me tu d'elle, Rachel.

— Minha bella vaidosa, que queres pois que eu diga?

— Se tu podesses dizer-me, Rachel; se tu o soubesses!... é que ha uma eterna pergunta no meu coração, e uma duvida cruel dentro de meu espirito!... quem é esse homem?...

— Posso eu sabel-o?

— Será um moço, ou um velho? será um bello joven, ou um homem que faça medo?... qual é o seu rosto? qual a sua voz? quaes os seus cabellos?...

— Pois duvidas, que seja o Moço Loiro, Honorina?

— Sim, Rachel; elle foi o Moço Loiro de alguns momentos!... eu tenho ainda no meu espirito aquella graciosa cabeça... eu sinto ainda o fogo ardente de seus olhos... eu vejo, Rachel, eu vejo sempre aquelle triste sorriso, que elle derramava em seus labios... sôa sempre em meus ouvidos, ainda mais docemente que o seu canto d'esta noite aquella voz suave e commovida, com que elle dizia — eu amo!... muito!... como ninguem amou ainda!...

— E então, que queres tu mais, linda ambiciosa?...

— Rachel, Rachel, eu tenho medo, que assim como foi uma mentira aquella cabeça ruiva de ridiculo cabelleireiro, assim como foi uma mascara illusoria aquella cabeça hirta de selvagem marinhei-

ro, eu tenho medo, Rachel, de ver esvair-se como um sonho a minha mais bella illusão... eu tenho medo de que aquelle engraçado semblante de mancebo seja ainda um semblante emprestado, de que seus bellos cabellos loiros sejam ainda uma perfida cabelleira !...

Rachel não pôde deixar de sorrir-se do innocente receio de sua amiga.

— Sim... tu te estás rindo de minhas loucuras... perdôa-me, perdôa-me; porque eu estou talvez a ponto de ir ser bem desgraçada...

— Tu, Honorina, desgraçada?... e porque?...

— Pois já te não lembras, do que outr'ora me dizias?... Rachel, desgraçada porque eu penso que já amo.

— Mas quando sabes, que és amada?...

— Porém isto é quasi amar uma idealidade... uma sombra, que quando pensamos tocar com o dedo, desapparece a nossos olhos!... isto é viver em um sonho eterno.

— Oh!... exclamou Rachel apertando a mão de Honorina, esse homem estudou bem a mulher, de quem queria ser amado!... elle foi direito ao ponto mais fraco... atacou... e venceu!

— E' porque eu sou mulher bem fraca, não é assim?...

— Não: é porque tu tens uma imaginação muito ardente, um coração muito cheio de fogo!... é porque tu terias amado a Torquato como Eleonora, e a Camões como Catharina de Atayde!... e esse homem, que não tem certamente podido ser poeta para vir ajoelhar-se a teus pés, com sua lyra nos braços, a offerecer-te a gloria de um renome; que não tem cer-

tamente podido ser um heróe para com os loiros na fronte deslumbrar teus olhos, e captivar teu espirito... esse homem, sagaz, sem duvida, appellou para o mysterio, chamou a seu favor o que achou que podia parecer-te maravilhoso... apresentou-se diante de ti coberto com um véo para te fazer desejar rompê-lo... trouxe uma centelha em seus olhos... atirou-a sobre a tua imaginação... ateou-a... venceu... é amado!...

— E tu, Rachel, terias resistido, não é assim?...

— A pergunta pareceu contrariar a Rachel, que depois de hesitar um momento, como se abafasse um gemido, respondeu:

— Honorina, não se trata de mim agora.

— Sim... sim, eu sei... terias resistido; porque tu não és como eu... tu és prudente.

— Qh!... e de que vale a prudencia, Honorina?

— A experiencia e sabios conselhos de teu pai te armárão de uma fortaleza, que nenhuma outra teve ainda... teu coração para amor está forrado de aço... tu só és sensível á amizade...

— Pelo amor de Deos, Honorina, não falles de mim agora!...

— Tu pódes soffrer sem estremecer o olhar atrevido de um homem fixado uma hora inteira sobre teu rosto... tu zombas do poder dos olhos... tu és surda para as palavras de amor... a influencia de um homem não chega nunca a teu espirito!... tu és feliz... bem feliz!...

— Honorina!... Honorina... tu ignoras o mal que me estás fazendo!...

— Eu te invejo, Rachel!...

— Desgraçada!... tu não sabes o que dizes!...

— Oh! eu me lembro bem d'aquellas frias palavras que uma vez me disseste!... eu as decorei; porque ellas me espantarão! porque seu pensamento, enunciado por uma mulher, me pareceu um milagre... tu disseste...

— Não... não... Honorina, não as repitas...

— Tu disseste: — Amor é uma vã mentira!... amor não é mais que uma das muitas chimeras, com que a imaginação nos entretem na vida, como a bonéca que se dá á criança para conserval-a quieta no berço... amor não é mais que a flôr de um só dia, que se abre de manhã, e antes da noute está murcha!...

— Perdão!... perdão!... Honorina; pôde ser que eu me tivesse enganado!...

Honorina olhou espantada para Rachel, ouvindo suas ultimas palavras.

— Rachel! exclamou a moça, tu me deves um segredo!

O semblante de Rachel tornou-se pallido, semelhante ao de uma moribunda: seus olhos se fechárão, como para não deixar que os de Honorina fossem nos seus beber o arcano que ella escondia: e parecendo haver tomado uma repentina resolução, disse tremendo:

— Honorina, eu tambem amo.

— Amas?... amas?... e a quem?...

— Tu vás córar, Honorina!...

— Dize, dize...

— A um homem casado.

— Desgraçada!.... exclamou Honorina abraçando sua amiga.

— Sorriso amargo e ironico se derramou pelos labios de Rachel, ouvindo a exclamação da moça.

Rachel havia mentido.

XIX.

Noute no mar.

O vapor das seis horas da tarde, do dia seguinte, trouxe Hugo de Mendonça e o seu guarda-livros Felix, Jorge e Octavio, que todos vinhão, como tratado estava, tomar parte no agradavel passatempo, em que se projectava empregar a noite. Venancio, Manoel, e Braz-mimoso se tinhão deixado ficar em Nictheroy, como homens, a quem não importavão negocios, ou de negocios carecião.

As senhoras havião de sua parte passado o dia o mais monotono que é possivel: Lucrecia, obrigada a permanecer em casa com seus hospedes, deixava de empregar junto de Honorina horas, que ella considerava por demais preciosas. Honorina e Rachel, tristes e taciturnas, bordarão sem des-

cançar ao pé de Emma, que gastou o dia inteiro em fallar contra o que chamava loucuras proprias sómente do genio extravagante de Hugo : ella não comprehendia como um homem de juizo podia expôr a sua filha e a si mesmo a todos os riscos de um passeio nocturno e maritimo : exasperava-se, lembrando-se de que seu filho já não attendia aos conselhos que lhe dava, e temia muito que nem mesmo suas proprias orações podessem salvar Honorina da vida de desatinos, por onde começava a leval-a seu imprudente pai.

Hugo fez quanto pôde para socegar sua mãe, a quem ainda encontrou despeitada : emfim, jurou-lhe que seria o primeiro e ultimo passeio maritimo que farião ; mas que então era impossivel desfazer o que estava projectado, e que a todos parecia dar tanto prazer. A's oito horas da noite erguêrão-se para partir ; e Emma, que até á porta os acompanhou, levantou o braço, e, com sua mão tremula, mostrou uma nuvem negra que se deixava vêr no horisonte.

— Não é nada, minha mãe, disse Hugo ; não vê como a lua está clara e bella ?...

— A lua turvar-se-ha.

— Nada de mãos agouros, minha mãe, até á volta... e promettemos cear bastante.

— Minha Honorina, disse tristemente a velha, Deos te acompanhe !...

A sociedade partio : tres batelões já se achavão na praia prestes para recebê-los, e immediatamente tratou-se de embarcar. Uma boa meia hora se empregou na divisão da companhia. A' excepção de Jorge, que por genio e systema achava que tudo no mundo corria sempre bem, e não abria a boca

para fallar, senão quando era absolutamente necessario que fizesse uma pergunta ou dêsse uma resposta; á excepção ainda de Venancio, que pensava e desejava pela alma de sua mulher, todos os outros homens empenhavão-se valorosamente por ir no batelão em que se embarcasse Honorina.

O unico, que só por gestos havia demonstrado esse desejo, fôra Braz-mimoso; porque, logo no principio da questão, querendo expôr muito parlamentarmente os seus direitos, e tendo para isso já a boca aberta, foi obrigado a fechal-a incontinenti; pois Manduca, que junto d'elle se achava, deu-lhe um beliscão com tão boa vontade, que o fez ir ás nuvens.

Hugo divertia-se extraordinariamente com a discussão suscitada: finalmente, para se pôr um termo a ella, decidio-se que Honorina escolhesse tres companheiros.

Honorina respondeu sem hesitar:

— Escolho a meu pai, a Rachel e ao Sr. Felix, que deverá acompanhar-me, se meu pai quizer que eu cante.

— No que não haverá duvida nenhuma, respondeu Hugo.

Rosa achou um não sei que de pouco bonito na escolha que de seu primo fez Honorina para ir com ella no mesmo batel.

Venancio chegou-se respeitosamente para ao pé de sua mulher, e fallou-lhe ao ouvido.

— Thomazia, em que batel julgas tu mais conveniente que eu me embarque?

— N'aquelle em que eu não fôr, respondeu imperiosamente Thomazia: não é justo nem decente que ande o senhor sempre atrás de mim.

O resto da companhia embarcou-se sem demora. Lucrecia, Rosa, Venancio e Octavio no segundo batel, e no terceiro emfim Thomazia, Jorge, Brazmimoso e Manduca, que havia tomado por timbre andar constantemente á pista do seu rival. Brazmimoso já tinha jurado cem vezes aos seus botões, que aquelle rapaz era o homem mais impertinente do mundo todo.

Os bateis afastárão-se da praia.

Era bello vê-los como graciosos, illuminados e galhardos docemente se deslisavão pela superficie do mar sereno de Nictheroy!...

Soprava uma aragem suave e delectosa : a noite estava clara, brilhante e fresca.

A lua gostosa se namorava, mirando-se no espelho das ondas.

E os tres bateis ião indo... e dos remos que se erguião do seio do verde lago, cahia uma chuva de lagrimas 'brilhantes, que se diria um enxame de perilampos.

A hora e o sitio parecião ainda mais proprios para doces meditações, do que para o ruido do prazer.

Honorina e Rachel, predispostas como se achavão para deixar ir suas almas enlevando-se e perdendo-se no encanto agro-doce da melancolia, não poderão furtar-se á influencia de tudo isso que se passava em deredor d'ellas : o monotono ruido dos remos ; o fraco murmurio das ondas ; a suave frescura do favonio ; o socego do sitio ; o silencio da hora, tudo, tudo as convidava a meditar... e ellas meditavão.

E uma joven, quando medita, é sempre sobre amor.

A mimica d'essas duas moças demonstrava que havia um ponto de notavel dessemelhança em a natureza de seus pensamentos.

Rachel tinha a cabeça inclinada para baixo e os olhos fitos no fundo do bñatel; cedendo a inexplicaveis movimentos de desassocego, suas mãos, que se achavão unidas uma á outra sobre o collo, apertavão-se mutua e cruelmente: seus labios ás vezes estremecião, como dando passagem a um suspiro; e então ella olhava cuidadosa por um instante para seus tres companheiros de passeio, e de novo cahia na sua primeira posição.

Dir-se-hia que Rachel tinha n'alma um pensamento doloroso e fatal que desejava esconder de todos, e abafal-o dentro de si mesma.

Honorina, ao contrario, estava um pouco voltada para fóra, e tinha os olhos embebidos em um unico ponto do mar: brando e meigo sorriso se deslisava em seus labios: os negros caracões de suas bellas madeixas brincavão, mercê do zephyro, sobre suas faces... e ella tambem suspirava.

E pois Honorina como que se aprazia em abrir as portas de sua alma, em deixar sahir pelos olhos o pensamento que a occupava.

A meditação da primeira é portanto um segredo; o pensamento da segunda podia ser perfeitamente comprehendido, ao menos pela sua amiga.

Honorina pensava sempre no Moço Loiro.

Vós, que haveis amado mesmo ha dez ou vinte annos passados, nunca parastes junto de uma arvore, como procurando o vestigio dos passos, ou o aroma dos vestidos do objecto de vosso amor, que outr'ora vistes descancando á sombra d'ella?... vós que amais ainda hoje, não

buseastes com os olhos, ao entrar no jardim, o mesmo banco de relva, em que hontem viste sentada a bella de vossos pensamentos, e não ficastes extatico... enlevado com as vistas fitas n'elle uma hora inteira, como se ella ainda estivesse lá sorrindo-se para as flôres, ou adormecida entre ellas?...

Pois bem : n'aquelle ponto do mar, onde tem Honorina embebidos os seus olhos, esteve elle... sobre o seu gracioso batel nocturno : foi d'alli que elle... respondeu ao hymno da virgem ; e Honorina pede, sem sentir, ao mar, que lhe mostre um signal do rasto de seu batel, e ás auras que lhe tragão em suas azas ainda o écho de suas vozes !

Mas é que Hugo não se dava muito bem com scenas mudas, e ainda peor com semblantes melancolicos :

— Então que é isto ? gritou elle, sahimos por ventura de casa para entristecer-nos ? será crível que estejam aqui as senhoras com medo d'este mar de leite... ou quem sabe, se estão ainda pensando no bateleiro de hontem á noute ?

Honorina e Rachel olhárão-se ao mesmo tempo... talvez Hugo tivesse, sem querer, comprehendido os pensamentos de ambas.

— Vamos ! animo ! não sentem o prazer que reina nos outros dous batelões ?... eu pensava que o nosso seria o mais divertido de todos !... remadores... á esquerda e com força... avante !

As duas moças virão-se obrigadas a fazer-se alegres para satisfazer a Hugo, e, desde então sómente, começárão a tomar parte no divertimento nocturno .

A primeira hora foi toda empregada em correr indistinctamente pelo mar : os batelões, ora aproximavão-se, ora fugião rapidamente da praia... depois todos tres emparelhados empenhavão-se em disputar a primasia na rapidez da carreira, e ouvião-se consequentemente os applausos de victoria, dentro do que alcançava o triumpho, e as admoestações e pragas aos remeiros d'aquelles que erão vencidos.

Emfim, quando já se achavão fatigados, ou começavão a sentir-se aborrecidos do passeio, os tres bateis reunirão-se, e de accordo commum se foi postar diante d'essas bellas casas, que situadas ficão entre S. Domingos e a praia do Gravatá : tratava-se de ouvir cantar a Honorina.

Embebidos, enlevados e perdidos na embriaguez de seu prazer, a companhia não notava que a lua se ia turvando, o mar tornando-se crespo e cavado, e que o vento, que refrescava, cahia às vezes sobre elles em tufões, que fazião jogar os bateis.

Honorina deixou pois ouvir sua voz melodiosa e terna : aquelle canto no meio do mar, levado nas azas do vento, perdido no longo espaço, ouvido no silencio da noite, tinha um não sei que de mystico e poderoso, que captivava as almas !

A praia ficou para logo coberta de curiosos espectadores, que, quando sentirão terminar o hymno da virgem, fizerão soar seus applausos de mistura com aquelles que prorompião dos bateis.

E as acclamações não deixarão ouvir bem distinctamente o surdo mugido de um trovão longinquo, que enfesado bramia : um fuzil se desabrio e fez estremecer Honorina.

— Meu pai, meu pai, veja como fuzila, como o

horisonte se tem tornado escuro... oh ! minha avó tinha bem razão... vamos desembarcar !

— Não!... não!... disserão os moços, ainda uma vez o hymno!... uma segunda vez, minha senhora!

— Sim, Honorina, repete o teu bello hymno; que apenas o terminares, desembarcaremos.

— Mas, meu pai, Rachel e eu estamos tremendo !

— Que medo então é esse? não vês que estamos a dous palmos de distancia da terra?... canta... canta.

N'esse momento uma pequena canôa, guiada por duas unicas pessoas, aproximou-se dos batelões, e deu fundo.

— Oh ! temos companheiros? disse Hugo.

— Quem sabe se será o nosso cantor de hontem?

— Em todo o caso não faz mal reconhecel-o, disse Octavio; remadores... para junto d'aquella canôa... .

— Remadores, repetio Manduca no batel em que estava, para junto d'aquella canôa...

— Mas o que eu não sei, murmurou Braz-mimoso, é o que temos nós de ir entender com quem está quieto.

— Oh! Sr. Braz! até d'isto tem medo?...

— Quem?... eu?... medo?... as senhoras ainda não me conhecem a fundo.

No entanto os bateis se tinham chegado até encostiar-se á canôa : Octavio e Manduca pozerão-se a examinal-a em pé sobre a borda de seus batelões, e todos os outros fitarão os olhos dentro d'ella. Estavam lá duas unicas pessoas : um velho pobremente vestido, e com a cabeça toda branca, e um negro, que era talvez seu escravo : dentro da canôa vião-se todos os objectos proprios de uma pescaria.

E' um pescador, disse Octavio.

— Sim, fallou o velho com voz tremula, um pobre pescador, que vai fugindo da tempestade que se avizinha.

— Mas, meu velho, quem foge, não pára.

— E' que eu ouvi uma voz bem suave !...

— E portanto esqueceu-se da tempestade...

— Porque desde então, senhores, todos os meus sentidos... toda a minha alma se passou para meus ouvidos...

— Pois então, disse Hugo, escuta de novo, meu pescador !

O canto souu talvez mais docemente ainda ; porque a voz de Honorina estava levemente tremula do medo que sentia do temporal que se aproximava.

Mas ella não pôde acabar...

Um relampago deslumbrador pareceu abrir uma fenda de fogo horrivel no horisonte ; um trovão medonho e estalante rebentou terrivelmente, e um tufão desesperado rugio sobre o mar, que se levantou encapellado e bravo...

Um grito geral prorompeu de dentro dos tres bateis...

Ao já fraco clarão da lua succedeu a mais completa escuridade : a dous passos ninguem podia vêr um companheiro.

O batel em que ia Honorina ficou cheio d'agua. Ouvindo a custo os gritos de Hugo, de Felix, e das duas moças, os outros dous bateis, e a canôa do pescador, accudirão promptamente : aquelle em que vinha Octavio foi o primeiro que se encostou ao de Hugo, que, tomando sua filha nos braços, inclinou-se para depôl-a no batel que os soccorrera ; mas... n'esse momento a borrasca

rugio de novo... o fuzil... o trovão... o raio!... os bateis, cedendo á força das vagas que cavavão sumidouros debaixo d'elles, afastárão-se, jogando terrivel e desordenadamente... Hugo cahio sobre os bancos dos remeiros, e Honorina, escapando de seus braços, desappareceu no abysmo do mar...

Um novo grito horrivel. . desesperado... arrancado das entranhas se ouviu, apesar da tempestade, sahir do triste batel...

Felix agarrou pela cintura de Hugo, que se queria lançar no meio das ondas...

Sentio-se o baque de um corpo que cahia n'agua...

Tudo isso foi obra de um rapido instante.

No auge da maior dôr, dô mais cruel desespero, entre mil idéas sem ordem, sem nexo, tudo se perguntando e nada se fazendo, a companhia ainda ha pouco tão alegre, e tão afflicta agora, deixava perder momentos de valor inqualificavel...

Mas um brado de vida se levantou na praia.

— Salva!... salva!... salva!...

Oh!... quando se diz a um pai, que creê sua filha já morta — salva!... salva!... tua filha está salva!... — tem-se como uma voz de anjo... como um poder da Providencia.

— Salva!... exclamou Hugo; á praia!... á praia!...

E os bateis atirárão-se para a praia.

Tinhão-se passado apenas breves minutos depois da fatal catastrophe!

Com effeito Honorina tinha sido arrancada do seio das ondas.

O velho pescador, apenas ouviu o grito de Hugo, atirou-se n'agua; desgraçadamente esteve a ponto de succumbir; pois que um dos bateis

foi em seu tempestuoso jogo de encontro a elle, no instante mesmo em que acabava de cahir no mar.

Depois...

E' emfim, e de uma vez para sempre, necessario convir que o dedo de Deos guia continuamente o homem na pratica das boas accões.

O velho mergulhou... e a Providencia divina fez com que sua mão tocasse o corpo de uma mulher: então elle nadou para terra com o seu precioso fardo.

Honorina devia a vida a esse homem, e tambem á sua propria organização.

O mesmo phenomeno, que se tem por muitas vezes observado em identicas circumstancias, n'aquelles em quem predomina o systema nervoso, succedeu á moça: no momento da submersão foi presa de uma syncope, e cahio no fundo do mar.

Houve então um homem eminentemente bravo, que soube, arriscando a propria vida, salvar a filha de Hugo de Mendonça.

Quando o velho pescador surgio do meio das vagas, trazendo a moça em seus braços, os espectadores levantarão o seu brado de alegria, e corrêrão a prestar á scena a luz de velas e fachos, de que já se tinham munido.

Depondo o corpo da joven na arêa, o velho curvou-se, como que para observar seu semblante, e erguendo logo depois as mãos para o céo, com indizivel expressão de ventura, exclamou:

— Era ella!

Palavras cheias de nobreza, de generosidade e grandeza d'alma; porque provavão que esse homem se arrojára ao mar para salvar uma vi-

etima qualquer... uma victima que elle não sabia quem era.

— Vive!... vive!... ella ainda vive!... bradava o pescador, sentindo que Honorina começava a reanimar-se.

— Mas o senhor ferio-se?... perguntou um dos espectadores.

— Eu?... ferir-me?... que importa?... respondeu o velho.

E pela primeira vez lembrando-se de si, elle vio seus vestidos cobertos de sangue, que abundantemente lhe corria da cabeça.

N'esse momento os tres bateis chegarão á praia.

Mas, ao sentil-os arrastar o bojo pela arêa, o velho afastou com força os espectadores que o cercavão, abriu passagem por entre elles, e correndo desapareceu.

— Salva!... exclamou Hugo cahindo sobre sua filha.

— E quem a salvou?... quem a salvou?...

— Um velho...

— O velho pescador...

— Qual velho! disse um dos espectadores, elle não era velho.

— Oh! acudio Octavio; eu o observei de bem perto: tinha os cabellos completamente brancos.

— Eil-os ali!... era uma cabelleira!...

E todos virão sobre a praia uma cabelleira branca coberta de sangue.

— E portanto, pensou Rachel, era ainda elle!...

72171

